



MARISTAS TESTEMUNHAS DA FÉ

Ano XXVII – nº 43 – dezembro 2013

Diretor:

Alberto I. Ricica S., fms

Comitê de Publicações:

Ir. Antonio Ramalho, Ir. Alberto Ricica e Luiz Da Rosa

Tradutores:

Espanhol:

Ir. Carlos Martín, Ir. Moisés Puente, Ir. Jack González

Francês:

Ir. Aimé Maillet, Ir. Gilles Hogue, Ir. Alain Delorme, Ir. Josep Roura

Inglês:

Ir. Edward Clisby Ir. John Allen, Roberto Clark

Português:

Ir. Aloisio Kuhn, Ir. Salvador Durante, Ir. Manuel da Silva, Ir. Miro Reckziegel, Ricardo Tescarolo

Diagrama e fotolitos:

TIPOCROM, s.r.l.

Via A. Meucci 28,

00012 Guidonia

Roma (Itália)

Redação e Administração:

Piazzale Marcelino Champagnat, 2.

00144 ROMA

Tel. (39) 06 54 51 71

Fax (39) 06 54 517 217

E-mail: publica@fms.it

Web: www.champagnat.org

Editor:

Instituto dos Irmãos Maristas

Impressor:

C.S.C. GRAFICA, s.r.l.

Via A. Meucci 28,

00012 Guidonia

Roma (Itália)

Dezembro 2013

ÍNDICE

Não há amor maior	<i>página</i>	2
<i>Ir. Alberto Ricica</i>		
Brasas ardentes, testemunhas da Fé	<i>página</i>	3
<i>Ir. Emili Turú</i>		
Breve Cronologia da História da Espanha (1868-1939)	<i>página</i>	5
Presença marista na Espanha	<i>página</i>	6
<i>Ir. Juan Moral Barrio</i>		
Os processos das causas maristas na atualidade	<i>página</i>	8
Um Postulador geral a serviço das causas maristas dos Santos	<i>página</i>	9
<i>Ir. Luis Jorge Flores</i>		
Mapa das Comunidades e dos lugares do martírio	<i>página</i>	12
Idade dos mártires	<i>página</i>	13
Irmãos e Leigos Mártires Beatificados: 13.10.2013	<i>página</i>	14
<hr/>		
OS MÁRTIRES DA COMUNIDADE DE LAS AVELLANAS	<i>página</i>	18
O Irmão Crisanto	<i>página</i>	19
Os mártires do frontão	<i>página</i>	22
<i>Irs. Aquilino, Fabián, Félix Lorenzo, Ligorio Pedro</i>		
OS MÁRTIRES DA COMUNIDADE DE TOLEDO	<i>página</i>	26
<i>Irs. Abdón, Anacleto Luis, Bruno José, Cipriano José, Eduardo María, Evencio, Félix Amancio, Javier Benito, Jean-Marie, Jorge Luis, Julio Fermín</i>		
OS MÁRTIRES DA COMUNIDADE DA ACADEMIA NEBRIJA, VALÊNCIA	<i>página</i>	37
<i>Ir. Luis Damián, José Ceferino, Berardo José e Benedicto José</i>		
OS MÁRTIRES DA COMUNIDADE DE VIC	<i>página</i>	42
<i>Ir. José Teófilo, Severino, Justo Pastor e Alipio José</i>		
O Ir. JOSÉ DE ARIMATEA DE RIBADESELLA	<i>página</i>	48
O Ir. AURELIANO DE BADAJOZ	<i>página</i>	50
OS MÁRTIRES DA COMUNIDADE DE MÁLAGA	<i>página</i>	52
<i>Irs. Guzmán, Pedro Jerónimo, Teógenes, Luciano, Fernando María, Roque</i>		
OS MÁRTIRES DE MADRI	<i>página</i>	59
O Colégio externado Chambery	<i>Irs. Adrián, Euquerio, Benigno José</i>	
O Colégio Los Madrazo	<i>Ir. Gaspar, Camerino, Luis Alfonso</i>	
O Colégio San José e a Residência Cardenal Cisneros	<i>Irs. León Argimiro, Luis Daniel, Domingo Ciriaco, Jorge Camilo, Ángel Hipólito, Julián Marcelino</i>	
OS QUATRO MÁRTIRES DE CHINCÓN (Madri)	<i>página</i>	73
<i>Ir. Feliciano, Felipe Neri, Herminio Pascual e Sr. Julián Aguilar Martín</i>		
OS MÁRTIRES DE TORRELAGUNA (Madri)	<i>página</i>	77
<i>Ir. Victorico María, Jerónimo, Marino</i>		

OS MÁRTIRES DE VILLALBA DE LA SIERRA (Cuenca) <i>Ir. Julián José e o Sr. Ramón Emiliano Hortelano Gómez</i>	página	81
OS MÁRTIRES DE CABEZÓN DE LA SAL E CARREJO <i>Irs. Pedro, Narciso, Colombanus-Paul, Néstor Eugenio</i>	página	84
OS MÁRTIRES DE BARRUELO DE SANTULLÁN <i>Irs. Egberto, Teófilo Martín</i>	página	88
O Ir. BENEDICTO ANDRÉS	página	91
Os Irs. VALENTE JOSÉ E ELOY JOSÉ	página	93
O Ir. MILLÁN DA COMUNIDADE DE DENIA	página	96
O Ir. LUIS FERMÍN DE ARCENIEGA	página	93
OS TRÊS DE SAGANTA <i>Irs. Timoteo José, Emiliano José, Andrés José</i>	página	100
O Ir. PABLO DANIEL DE BARCELONA	página	104
Ressonâncias e incertezas na Casa Geral <i>Ir. Diógenes</i>	página	106
Testemunho de um peregrino Les Avellanes, 11 de outubro de 2013 <i>Ir. Valerìa Simon Mella</i>	página	109
A memória viva dos mártires Barcelona, 12 de outubro de 2013 <i>Ir. Lluís Serra Llansana</i>	página	113
Celebração da Eucaristia e Beatificação Tarragona 13 de outubro de 2013 <i>Ir. Ernesto Tendero Pérez</i>	página	113
Testemunho da Sra. Angelina Amorós	página	120
Fidelidade e perdão Barcelona. Mensagem do 12 de outubro de 2013 <i>Ir. Emili Turú</i>	página	121
Mensagem do Papa Francisco	página	124
A festa da reconciliação, do perdão dado e recebido, o triunfo do Senhor da paz. Beatificação de 522 Mártires Tarragona, 13 de outubro de 2013 <i>Homília (fragmentos) do Cardeal Angelo Amato, SDB</i>	página	125
Os trabalhadores da causa <i>Ir. Giovanni Maria Bigotto</i>	página	127
História e vicissitudes da causa dos Irmãos <i>Ir. Mariano Santamaría</i>	página	127
Amor extraordinário <i>Ir. Seán Sammon</i>	página	133
Nota bibliográfica	página	137
ÁLBUM DE FOTOS		
Mosteiro Las Avellanas, 11.10.2013	página	138
Barcelona, 12.10.2013	página	142
Tarragona, 13.10.2013	página	146



Diretor de Comunicações e da revista FMS Mensagem

NÃO HÁ AMOR MAIOR

Jesus disse claramente: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos” (Jo 15,13). É sem dúvida alguma a expressão mais clara do amor autêntico e livre. Porque se oferece TUDO, oferece-se a vida. Assim são também nossos mártires: deram tudo a Deus, por Jesus Cristo, por seus alunos, por sua fé, na esperança e por amor.

Com essa perspectiva desenvolvemos esta revista. Tarefa nada fácil. Contém 68 testemunhos de fé, propostos na mesma “*Positio* do Irmão Crisanto”, que inclui a “*Positio*” do Ir. Aquilino e do Ir. Cipriano José, com 63 Irmãos Maristas associados e dois leigos. Desde o martírio do Ir. Crisanto até o martírio do Ir. Pablo Daniel, encontramos na mesma “*Positio*”.

COMUNIDADES MUITO DIVERSAS

Esta união, de per si, vem a ser complexa, pois agrupa casos de martírio de irmãos e dois leigos que pertenciam a comunidades muito diversas e dispersas no território espanhol. Às vezes, a

mesma comunidade viveu dois momentos diferentes em que irmãos foram assassinados, o que nos leva a considerar dois grupos de mártires. Já outros casos são martírios individuais

Por isso seguimos o quanto possível a mesma ordem da *Positio*, embora partindo da pertença a uma comunidade, ou o que possa distingui-los como grupo, por exemplo o lugar ou circunstâncias da morte. Apresento em primeiro lugar a narrativa do martírio — grupal ou individual, conforme o caso — e então algo sobre a vida e algum testemunho.

DOIS TEXTOS FUNDAMENTAIS

Baseamo-nos fundamentalmente no livro “Nossos modelos de santidade marista”, do Ir. Giovanni Bigotto, que se encontra na página web do Instituto e no livro “Vidas entregadas. Martirologio Marista de España 1909 – 1939”, do Ir. Juan J. Moral Barrio.

Agradeço o apoio e o material recebido do arquivo de Les Avellanes e a contínua assessoria do Ir. Juan Moral, bem como de outros que ajudaram na realização desta revista.



**QUE O TESTEMUNHO DESSES IRMÃOS ANIME
NOSSA OPÇÃO DE FÉ E DE VIDA MARISTA!**

BRASAS ARDENTES, TESTEMUNHAS DA FÉ



Superior Geral

Nossos queridos 68 novos Beatos, inspirados por Maria, seguidores de Champagnat, hoje interpelam a nós, que vivemos na aurora do século XXI. É verdade que sua memória está longe no tempo, e talvez não compreendamos bem os processos de beatificação e canonização, porém, de fato, eles nos surpreendem com uma mensagem totalmente atual. Todos nos sentimos parte de uma gloriosa tradição de mártires, que são para nós como brasas ardentes que mantêm vivo o rescaldo da fé. Nas palavras de um dos tantos mártires da Igreja, São Tomás Morus, *a tradição não consiste em manter as cinzas, senão em transmitir a chama*; esta é, pois, a tarefa que nos corresponde hoje: passar às futuras gerações uma chama que não nos pertence e que, por nossa vez, recebemos como um dom. Ao ler nas páginas que seguem o

testemunho de nossos Irmãos mártires, talvez mais de uma pessoa se pergunte como teria atuado, caso tivesse estado em seu lugar. A este propósito, Monse-



nhor Tonino Bello dizia de si mesmo, com ironia: *Se ser cristão fosse um delito e eu fosse levado diante de um tribunal acusado deste delito, seria absolvido por falta de provas.* Quantos de nós poderíamos assinar esta dura afirmação! Talvez

porque fazemos parte da Igreja adormecida, expressão que recolhi não faz muito numa revista, referindo-se a esta parte da Igreja formada por cristãos que

não vivem a fundo sua fé ou que a abandonaram. O sangue dos mártires interpela nossas consciências: O que fiz com o dom da fé? O que dizem minhas obras?

Em todas as partes do mundo sente-se uma urgente necessidade de renovar a Igreja, com um retorno ao essencial do evangelho. O Cardeal Martini expressava magnificamente esse desejo – e uma certa frustração – numa entrevista concedida pouco antes de sua morte: *o Pe. Karl*

Rahner usava a imagem das brasas que se escondem sob as cinzas. Vejo na Igreja de hoje tantas cinzas em cima das brasas, que frequentemente me assalta um sentido de impotência...

A chegada do Papa Francisco tem sido como um sopro de ar fresco



em meio a esse ambiente de impotência e frustração. Muitos sentem que é possível uma nova primavera eclesial, como a que se experimentou com a celebração do Concílio Vaticano II. De fato, o nome que escolheu como Papa nos remete à experiência de *San Damiano: Francisco, vaie repara minha casa que, como vês, está em ruínas*.

Em Marcelino Champagnat ardia esse mesmo desejo de renovar a Igreja, sob a inspiração de Maria. E se compromete a fazê-lo, junto com seus companheiros maristas, deixando sua assinatura estampada na *promessa de Fourvière*, aos pés da Virgem negra.

Herdeiros de Champagnat, somos convidados a participar plenamente nesse movimento de renovação pessoal e institucional, afastando as cinzas que ameaçam sufocar as brasas e impedem que deem calor e prendam fogo. Oxalá que o contato com as vidas *das testemunhas da fé* nos ajude a **despertar** e a **avivar as brasas da fé** que recebemos em nosso batismo.

Nossos mártires pagaram um alto preço por terem sido fiéis a seus compromissos. Também eles nos estimulam a *dar nossa vida*, e a ser *testemunhas da experiência de Deus e do maravilhoso dom da comunidade*. Humildemente, discretamente, daremos nossa contribuição a modelar essa Igreja de rosto mariano com a qual sonhamos.

Que cada um de nós possa dizer, retomando as palavras de Tonino Bello: *Orai por mim, de maneira que se de verdade ser cristão seja um delito, eu me encontre com tantas evidências que nenhum advogado esteja disposto a defender-me. E então, finalmente, comparecerei diante dos juízes como réu confesso do delito de seguir a Cristo, com todos os agravantes de uma reincidência genérica e específica. Assim obterei a desejada condenação. À morte. Melhor dito, à vida*

*Maria, peregrina da fé,
te sentimos próxima
do nosso caminhar,
feito de avanços e recuos,
de euforias e dúvidas.
Sopra sobre as brasas de nossa fé,
porque queremos, como tu,
como nossos mártires,
viver uma vida feliz e plena,
entregue sem condições
pela causa de Jesus,
nosso irmão.*

Amém!



BREVE CRONOLOGIA DA HISTÓRIA DA ESPANHA (1868-1939)

1868	Revolução contra Isabel II [desterrada na França, em 30 de setembro]
1870	Eleição de Amadeo I de Saboia, como rei
1872	Terceira Guerra Carlista (1872-1876)
1873	Demissão de Amadeo II
1873	Proclamação da Primeira República
1874	Restauração da Monarquia borbônica com Alfonso XII [filho de Isabel II]
1876	Nova Constituição e uma “Lei Municipal”
1885	Regência de Maria Cristina
1893	Atentados anarquistas (Bomba do Liceu de Barcelona)
1897	Assassinato de Cánovas (Primeiro ministro) pelos anarquistas
1898	Guerra com os Estados Unidos
1898	Perda das últimas colônias. Tratado de Paris
1902	Maioridade de Alfonso XIII
1909	Início da Guerra do Marrocos
1909	Greve geral em Barcelona [A SEMANA TRÁGICA]
1911	Greves gerais protestando contra a guerra no Marrocos
1912	Assassinato de Canalejas (Primeiro ministro)
1917	Greve geral revolucionária na Espanha
1921	As tropas espanholas em luta no Marrocos sofrem a derrota de Anual
1923	Golpe de estado de Miguel Primo de Rivera
1927	Pacificação do Marrocos
1931	12 de Abril, declaração da Segunda República
1931	Incêndio de conventos em Madri
1932	Fracasso do golpe militar do general Sanjurjo
1932	Autonomia da Catalunha
1932	Agitação anarquista na Catalunha
1932	Dissolução da Companhia de Jesus
1933	Revolução anarquista em ‘Casas Viejas’ (povoado da Andaluzia)
1934	A CEDA (Confederação Espanhola das Direitas Autônomas) forma governo
1934	Movimentos revolucionários na Catalunha e nas Astúrias
1936	A Frente Popular vence as eleições
1936	Levante do general Francisco Franco, em 18 de julho: começa A GUERRA CIVIL
1939	Fim da Guerra Civil, em 1º de abril
1939	Governo do general Franco (1939-1975)



IR. JUAN MORAL BARRIO

PRESENÇA MARISTA NAS VÉSPERAS DA

NO ANO DE 1936, NA ESPANHA EXISTIA APENAS UMA PROVÍNCIA MARISTA, QUE ESTAVA PRESTES A CELEBRAR OS 50 ANOS DA CHEGADA DOS PRIMEIROS IRMÃOS A GIRONA, EM 1886.

Para verificar algumas características da presença dos Irmãos Maristas no campo educacional, e em todas as dimensões da geografia espanhola no momento em que foram martirizados os irmãos, podemos analisar os dados estatísticos referentes aos anos de 1934-1935. Se observarmos os lugares onde eles trabalham, podemos notar que, salvo exceções, na maioria deles se trata principalmente de vilarejos, que não são propriamente as principais localidades de suas respectivas províncias. É o caso de Alcoy, Badalona, Cabezón de la Sal, Barruelo de Santullán, Centelles, La Garriga, Manzanares, Palafrugell, Algemesí, Canet, Mataró, Sabadell, Torrelaguna, Villanueva de las Minas, Arceniega, Carrejo, Igualada, Orbó...

Para verificar algumas características da presença dos Irmãos Maristas no campo educacional, e em todas as dimensões da geografia espanhola no momento em que foram martirizados os irmãos, podemos analisar os dados estatísticos referentes aos anos de 1934-1935. Se observarmos os lugares onde eles trabalham, podemos notar que, salvo exceções, na maioria deles se trata principalmente de vilarejos, que não são propriamente as principais localidades de suas respectivas províncias. É o caso de Alcoy, Badalona, Cabezón de la Sal, Barruelo de Santullán, Centelles, La Garriga, Manzanares, Palafrugell, Algemesí, Canet, Mataró, Sabadell, Torrelaguna, Villanueva de las Minas, Arceniega, Carrejo, Igualada, Orbó...

TIPO DE ATIVIDADE EDUCACIONAL

Verificando mais detalhadamente as estatísticas dos anos que antecederam imediatamente a guerra, pode-se deduzir que havia um processo de crescimento ininterrupto nos quatro níveis do ensino oferecidos pelos irmãos, que são os cursos Primário, o Comercial, o Secundário e o Industrial.

Os avanços mais consistentes e efetivos podem ser verificados nos níveis mais populares e elementares, isto é, os cursos Primário e Comercial. Há certamente um ligeiro retrocesso durante os anos da República, fato que possivelmente não deve ser atribuído à iniciativa dos pais que escolhiam as escolas de seus filhos, privilegiando mais um tipo de escola do que outro, mas esse recuo se deve mais à desorganização existente na época, devida aos acontecimentos que criavam um ambiente de insegurança.



NA ESPANHA

GUERRA CIVIL 1936-1939



Nesse período há um nítido e significativo predomínio dos cursos populares, não apenas com referência à região onde as escolas se localizam, mas, se examinarmos com particular atenção cada uma das situações, como é o caso de Barcelona, as cinco escolinhas se situam em bairros que têm uma efetiva necessidade da escolarização básica. Estas escolas eram mantidas por pequenas comunidades, formadas por três ou quatro Irmãos, com exceção a de Sants, onde havia 11 Irmãos para atender mais de 500 alunos. Em 23 dessas escolas, o número de alunos não ia além de 300. Os vilarejos e os bairros com uma significativa presença de operários eram os mais socorridos. As transferências e a evolução das escolinhas se faziam segundo o ritmo das necessidades e das dificuldades que surgiam do desenvolvimento do trabalho educativo e apostólico. A criação dos chamados cursos noturnos, que eram autênticos cursos de alfabetização, de cultura e de recuperação, deu-se com o intuito de oferecer um complemento natural da escola e segundo as necessidades dos bairros.

UM MODO APOSTÓLICO DE EDUCAR

Hay una forma de proceder que se repite casi exactamente en cada ciudad en la que se establecen, algo heredado de los mayores que les han precedido y que les han enviado. Tal vez viene directamente del mismo Fundador, Marcelino Champagnat. "Hay que estar de acuerdo con las autoridades eclesiásticas y civiles, para establecer cualquier actividad en una ciudad." La gratuidad no es absoluta y se pide lo que

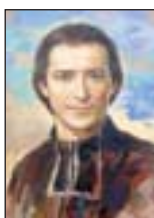
pueden aportar los padres en las diferentes situaciones. En la circunscripción de una escuela grande, se crean escuelas pequeñas que atiendan a los menos pudientes y más necesitados. En Barcelona, por ejemplo, las escuelas pequeñas se multiplicarán: se abrieron más de cinco al "amparo" del colegio que estaba en la calle Lauria, antes del comienzo de la guerra. Cuando los cuatro primeros maristas enviados a España reciben la bendición del Superior les dice: "Vais a estudiar castellano y estar después a disposición de la divina Providencia... Sed religiosos regulares, abnegados y piadosos. Habéis de servir de modelo a otros muchos que vendrán después". Esta carga interior que lleva el enviado a la misión, fue sin duda transmitida a las generaciones de maristas que sucedieron a estos primeros misioneros.

*Vic (Espanha):
passeio de postulantes e
aspirantes em Les Avellanes
e Villafranca, 1924*



Os PROCESSOS DAS CAUSAS MARISTAS NA ATUALIDADE

CONFESSORES



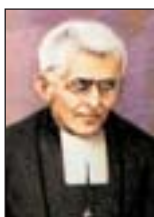
**SÃO MARCELINO
CHAMPAGNAT
(1789 – 1840)**

Canonizado por João Paulo II aos 18 de abril de 1999.



**VENERÁVEL
IRMÃO
FRANCISCO
(1808-1881)**

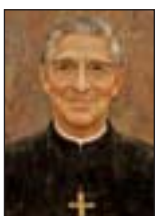
Francês. Sucessor de São Marcelino e primeiro Superior geral do Instituto. A 4 de julho de 1968 recebia da Igreja o título de "venerável" com o que se reconhecia a heroicidade de suas virtudes. A fase seguinte do processo se concluirá com a beatificação.



**VENERÁVEL
IRMÃO ALFANO
(1873-1943)**

Italiano. O Papa reconheceu a heroicidade de suas virtudes a 22 de janeiro de 1991. O título de "venerável" manifesta que viveu as virtudes da fé, esperança e caridade de maneira heróica.

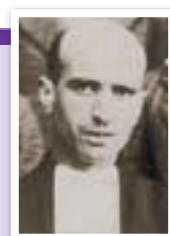
A fase seguinte do processo se concluirá com a beatificação.



**SERVO DE DEUS
IRMÃO BASÍLIO
(1924-1996)**

Mexicano. Superior geral do Instituto durante 18 anos. Sua causa de beatificação foi aberta em Guadalajara (México) e está se desenrolando com rapidez.

durante a chamada "semana trágica". Sua causa de beatificação já foi introduzida em Roma.



**BEATOS IRMÃOS
CRISANTO
E 62 IRMÃOS
ESPAHÓIS,
3 IRMÃOS
FRANCESES E
2 LEIGOS ESPAHÓIS.
FORAM BEATIFICADOS
EM 13 DE OUTUBRO DE 2013
EM TARRAGONA, ESPANHA.**

MÁRTIRES



**BEATOS IRMÃOS
BERNARDO,
LAURENTINO,
VIRGÍLIO E 44
COMPANHEIROS
ESPAHÓIS
MÁRTIRES**

Foram beatificados em 28 de outubro de 2007 na Praça São Pedro, Vaticano.



**SERVO DE DEUS
IRMÃO EUSEBIO
(1878-1936)
E 58
COMPANHEIROS
ESPAHÓIS**

Já foi iniciado o processo romano.



**SERVO DE DEUS
IRMÃO
LICARIÓN
(1870-1909)**

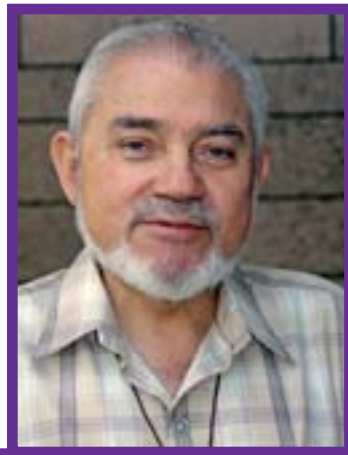
Irmão de origem suíça. Trabalhava em Barcelona onde foi assassinado em 1909



**SERVO DE DEUS
IRMÃO
HENRI VERGÈS
(1930-1994)**

Francês. Assassinado em Argel a 8 de maio de 1994. Sua causa está unida aos outros 18 mártires da Argélia.

UM POSTULADOR GERAL A SERVIÇO DAS CAUSAS MARISTAS DOS SANTOS



IR. LUIS JORGE FLORES
Postulador Geral

O INSTITUTO ALCANÇOU, EM UMA DÉCADA, TRÊS GRANDES METAS NAS CAUSAS DOS SANTOS GRAÇAS AO ESFORÇO DE MUITAS PESSOAS: A PRIMEIRA FOI A CANONIZAÇÃO DE MARCELINO CHAMPAGNAT.

Depois a beatificação dos irmãos Bernardo, de um lado, e de Laurindo, Virgílio e 44 companheiros mártires, de outro. E agora a beatificação dos irmãos Crisanto, Aquilino, Cipriano José e 65 companheiros mártires.

Sem dúvida, o Ir. Gabriele Andreucci foi um homem-chave e um dos grandes protagonistas dos trabalhos que se realizaram para alcançar essas metas. A convicção da santidade de Marcelino Champagnat, sua tenacidade e sua competência foram decisivos para que Marcelino Champagnat fosse elevado ao altar no dia 18 de abril de 1999. É também fruto de seu “savoir-faire” o resultado positivo nas gestões para a colocação uma imagem de São Marcelino na Basílica de São Pedro.

Graças a seus esforços, foi possível apresentar, à Congregação para as Causas dos Santos na Santa Sé, as “Positio Super Martyrio”, relatórios completos e bem documentados de vários milhares de páginas cada um, sobre a vida e martírio dos irmãos beatificados no dia 28 de outubro de 2007 por S.S. Bento XVI.

O Irmão Mariano Santamaría, vice-postulador da Espanha, elaborou a “Positio super Martyrio” do Ir. Eusebio e companheiros mártires. O Postulador geral, Ir. Giovanni Bigotto apresentou a “Positio Super Martyrio” dos irmãos Crisanto, Aquilino, Cipriano e 63 irmãos companheiros mártires e dois leigos à Congregação para as Causas dos Santos, que foram beatificados no dia 13 de outubro do presente ano.

O Ir. Gabriel Andreucci pertence à Província Mediterrânea e foi nomeado Postulador perante a Congregação para as Causas dos Santos em 1990, substituindo o Ir. Agustín Carazo, da Província de Santa Maria de los Andes. Ao final do ano de 2001 substituiu-o o Ir. Giovanni Bigotto, da Província de Madagascar.

Atualmente, a partir de 1º de setembro de 2011 foi nomeado para tal cargo o Ir. Luis Jorge Flores, da província do México Ocidental.



**CONGREGAZIONE
DELLE CAUSE DEI SANTI**

ENTREVISTA COM O POSTULADOR GERAL

O que é um “Postulador”?

R. É a pessoa designada pelo ator para que o represente perante as autoridades Eclesiásticas e se encarregue dos processos estabelecidos para que a Igreja declare uma pessoa como modelo de santidade.

Foi mencionada a palavra “ator”.

O que significa?

R. É a pessoa ou instituição que solicita ao bispo competente de uma diocese para que abra uma causa de canonização.

No caso dos novos beatos mártires, quem foi o ator?

R. Não estou muito seguro, mas deve ter sido o Ir. Mariano Santamaría, vice-postulador da Espanha nesses casos.

Que etapas em geral devem ser vencidas até uma pessoa ser declarada santa?

R. Primeiro: Servo/a de Deus. Segundo: Venerável. Terceiro: Beato/a. E por último: Santo/a

E o que é exigido em cada etapa?

R. Para ser ‘*Servo de Deus*’: que o “Bispo competente” aceite abrir a causa.

Venerável: que “Roma declare” a heroicidade das virtudes com o Decreto de Validade.

Beato: que realize um “*milagre*” atribuído à sua intercessão. A Igreja só pode declarar um fato como “*milagre*” após exames exaustivos dos testemunhos e das análises dos médicos no caso de cura e de ratificação dos mesmos pela Congregação das Causas dos Santos.

Santo: que, já tendo sido declarado Beato, realize outro milagre por sua intercessão.

Assim, São Marcelino realizou milagres declarados oficialmente pela Santa Sé e atribuídos como tais à sua intercessão.

Pode haver algum “salto” em algumas das etapas?

R. Sim. É o caso dos mártires. São proclamados *Beatos* uma vez tendo sido declarados *Mártires*. Isto é, não é preciso que Roma declare a

heroicidade de suas virtudes, pois deram suas vidas heroicamente, testemunhando sua fé em Cristo até a morte.

O Papa também pode declarar alguém santo sem os passos anteriores em razão de sua autoridade, mas isso é incomum. Assim por exemplo, o Papa Bento XVI, por solicitação de muitos católicos, saltou a etapa de proclamar o Bem-aventurado João Paulo II como Venerável..

No caso dos nossos 68 mártires maristas, que processo foi seguido?

R. Primeiro foram apresentados ao Tribunal Eclesiástico do bispo competente, os dados necessários para que fossem considerados possíveis mártires. Uma vez dada a aprovação diocesana e poder seguir com o processo, o Postulador juntou esses dados e os apresentou à Congregação das Causas dos Santos, mediante a “*Positio*”. Assim que a Congregação das Causas dos Santos aprova a *Positio*, procede-se à proclamação de *Martírio* e à beatificação. O processo foi iniciado com o estudo da *Positio* por parte do Relator juntamente com o Postulador, e fizeram os devidos ajustes. Em seguida passou a ser estudada por um grupo de teólogos que aceitaram a *Positio* através de votação. Por último, foi enviada ao grupo de Bispos e Cardeais residentes em Roma, que deram o último e definitivo veredito. Eles solicitaram ao Papa o Decreto de Beatificação, que foi enviado à Conferência Episcopal da Espanha. O Papa delegou ou nomeou um Cardeal para realizar a Beatificação.

E para as pessoas em geral, que diferença há entre um Servo de Deus e um Santo? Há alguma consequência pelo fato de estar em uma ou outra etapa?

R. O Servo de Deus *inicia* os processos e o Santo os *culmina*. Outra grande diferença está no *grau de culto* que se pode atribuir.

Explique um pouco isso.

R. A um Servo de Deus pode-se manifestar uma *devoção ou culto bastante privado*.



Por exemplo, pedir sua intercessão pessoalmente ou dentro de uma comunidade específica. A um *Venerável*, pode-se dar um culto privado, mas “*não público oficial*”. Ou seja, que não seja presidido por um *ministro eclesiástico*, um sacerdote, por exemplo. Que não seja “*ato de Igreja*”. A um *Beato*, a Igreja autoriza um culto público “*restrito*”. Isto é, o culto pode ocorrer em uma localidade, nação ou congregação religiosa. Assim, no México, pode-se fazer o culto a São Diego quando era Beato, ou em nossa congregação, a São Marcelino já como Beato. A um *Santo*, autoriza-se o *culto público universal*. O Papa o declara *modelo de santidade* para TODA a Igreja e ele passa a fazer parte do Santoral Canônico com um dia próprio para celebrá-lo.

Como Postulador geral, de que causas está responsável?

R. De todas as que foram aprovadas pelo Conselho geral e estão abertas em alguma diocese.

Hoje estou acompanhando a causa do Ir. Crisanto e companheiros mártires (67). A causa do Ir. Eusebio e companheiros está um pouco parada, pois, em Roma, não foi possível continuar a Positio em razão da ausência do Relator oficial da Causa.

O Relator é a pessoa designada pela Congregação das Causas dos Santos para a revisão do Positio.

As causas dos Irmãos Francisco e Alfano estão “*freadas*” por falta de milagres.

Como Postulador, meu trabalho em relação a estas Causas é pedir a todos os membros do Instituto para que, em situações-limite, causas desenganadas de saúde

e outras para pedir o milagre pela intercessão desses irmãos veneráveis ou beatos.

Realizado o milagre, pode-se iniciar o processo que leva à declaração oficial, como fato sobrenatural ou milagroso.

Além disso, junto com o Ir. José Flores García — conhecido como Chepo — da Província do México Central, estou levando a Causa do Ir. Basilio na etapa Diocesana de Servo de Deus.

A causa do Ir. Henri Vergès está com os Padres Lazaristas e Trapistas.

É possível “prejudicar” a uma causa?

R. Com certeza. O culto *indevido suspende* uma causa. Por exemplo, se as cinzas do Ir. Brasilio Rueda forem veneradas publicamente em um relicário ou urna, é motivo suficiente para suspender a causa. No caso dos mártires, se antes da beatificação forem proclamados como tais.

A falta de documentos ou testemunhos, incongruências, imprecisões, podem retardar a causa, até que se completem ou se corrijam.

Foi mencionada várias vezes a palavra Positio. O que é?

R. É um documento base submetido a um sério processo de investigação da vida e dos feitos do/a candidato/a, apresentado à Congregação das Causas dos Santos em Roma (a teólogos, bispos e cardeais) para que aprovelem plenamente a Causa e para que o Papa elabore o decreto correspondente.

O conteúdo de uma *Positio* refere-se a *informações, testemunhos e documentos*. Normalmente tem vários volumes.

MAPA DAS COMUNIDADES E DOS LUGARES DO MARTÍRIO



Les Avellanes (Lleida)	5	Torrelaguna (Madri)	3	Albocácer (Castellón)	1	Cabezón de la Sal (Santander)	2
Madri (Madri)	12	Valencia (Valencia)	6	Arceniega (Vizcaya)	1	Carrejo (Santander)	2
Málaga (Málaga)	6	Vic (Barcelona)	4	Badajoz (Badajoz)	1	Chinchón (Madri)	4
Ribadesella (Asturias)	1	Villalba de la Sierra (Cuenca)	2	Barcelona (Barcelona)	1	Denia (Alicante)	1
Saganta (Huesca)	3			Barruelo de Santullán (Palencia)	2		
Toledo (Toledo)	11						

MENOS DE 30 ANOS:

JOSÉ TEÓFILO.....	19 anos e 2 meses
ALIPIO JOSÉ	20 anos e 4 meses
BRUNO JOSÉ	20 anos e 11 meses
EDUARDO MARÍA	20 anos e 11 meses
JORGE CAMILO	21 anos e 7 meses
JULIÁN MARCELINO	22 anos e 1 mês
TEÓFILO MARTÍN.....	22 anos e 8 meses
EUQUERIO	22 anos e 11 meses
LEÓN ARGIMIRO	22 anos e 11 meses
BENEDICTO JOSÉ.....	23 anos e 8 meses
ANACLETO LUIS	23 anos e 8 meses
BERARDO JOSÉ	23 anos e 11 meses
JAVIER BENITO	23 anos e 11 meses
FÉLIX AMANCIO	24 anos e 7 meses
LIGORIO PEDRO	24 anos e 4 meses
HERMINIO PASCUAL	24 anos e 6 meses
NESTOR EUGENIO	24 anos e 9 meses
LUIS ALFONSO	25 anos e 3 meses
DOMINGO CIRIACO	26 anos e 3 meses
LUIS DANIEL	26 anos e 5 meses
PABLO DANIEL.....	27 anos e 4 meses
SEVERINO	28 anos e 9 meses
EGBERTO.....	28 anos e 11 meses
JUSTO PASTOR.....	29 anos e 1 mês
BENIGNO JOSÉ.....	29 anos e 9 meses
JULIÁN JOSÉ.....	29 anos e 11 meses

ENTRE 30 E 40 ANOS:

FÉLIX LORENZO	30 anos e 1 mês
LUIS FERMÍN	31 anos e 3 meses
JOSÉ CEFERINO	31 anos e 7 meses
PEDRO JERÓNIMO.....	31 anos e 10 meses
AQUILINO	32 anos e 11 meses
ÁNGEL HIPÓLITO.....	33 anos e 6 meses
JOSÉ DE ARIMATEA.....	34 anos e 3 meses
MARINO	35 anos e 7 meses
CAMERINO	36 anos e 4 meses

FELIPE NERI.....	36 anos e 11 meses
EVENCIO	36 anos e 11 meses
ELOE JOSÉ	37 anos e 1 mês
JULIO FERMÍN	37 anos e 5 meses
BENEDICTO ANDRÉS.....	37 anos e 8 meses
GASPAR	38 anos e 5 meses
EMILIANO JOSÉ	38 anos e 11 meses
CRISANTO	39 anos e 6 meses

MAIS DE 40 ANOS:

ADRIÁN	40 anos e 8 meses
ABDÓN	41 anos e 1 mês
FERNANDO MARÍA.....	41 anos e 1 mês
AURELIANO	41 anos e 7 meses
VICTORICO MARÍA	42 anos e 4 meses
VALENTE JOSÉ.....	42 anos e 6 meses
ANDRÉS JOSÉ	42 anos e 11 meses
CIPRIANO JOSÉ.....	43 anos e 6 meses
LUCIANO.....	44 anos e 8 meses
TIMOTEO JOSÉ	44 anos e 10 meses
LUIS DAMIÁN	45 anos e 5 meses
JORGE LUIS.....	49 anos e 11 meses
TEÓGENES	50 anos e 10 meses
MILLÁN	51 anos e 1 mês
GUZMÁN	51 anos e 6 meses
ROQUE.....	51 anos e 8 meses
FELICIANO	51 anos e 9 meses
PEDRO	53 anos e 6 meses
COLOMBANUS PAUL.....	59 anos e 6 meses
NARCISO	59 anos e 11 meses
JERÓNIMO.....	60 anos e 1 mês
FABIÁN.....	60 anos e 8 meses
JEAN MARIE.....	63 anos e 5 meses

IDADE DOS MÁRTIRES LEIGOS:

JULIÁN AGUILAR MARTÍN	23 anos e 9 meses
RAMÓN E. HORTELANO GÓMEZ	29 anos e 11 meses

IRMÃOS E LEIGOS MÁRTIRES BEATIFICADOS:

NOME RELIGIOSO	NOME DE FAMÍLIA	LUGAR DE NASCIMENTO	DATA DE NASCIMENTO
Ir. Abdón	<i>Luis Iglesias Bañuelos</i>	Los Valcárceres (Burgos)	1895-08-19
Ir. Adrián	<i>Manuel Llop Plana</i>	La Mata de Morella (Castellón)	1896-01-01
Ir. Alipio José	<i>Maximiano Dronza Leoz</i>	Uztároz (Navarra)	1916-06-08
Ir. Anacleto Luis	<i>Emiliano Busto Pérez</i>	Quintanilla de San García (Burgos)	1913-01-05
Ir. Andrés José	<i>Francisco Donazar Goñi</i>	Iroz (Navarra)	1893-10-10
Ir. Ángel Hipólito	<i>Aniceto Pablos Carvajal</i>	El Burgo Ranero (León)	1903-05-13
Ir. Aquilino	<i>Baldomero Baró Riera</i>	Tiurana (Lleida)	1903-09-29
Ir. Aureliano	<i>Pedro Ortigosa Oraá</i>	Torralba del Río (Navarra)	1894-02-05
Ir. Benedicto Andrés	<i>Enrique Andrés Monfort</i>	Villafranca del Cid (Castellón)	1899-04-25
Ir. Benedicto José	<i>Lucio Galerón Parte</i>	Yudego (Burgos)	1912-12-13
Ir. Benigno José	<i>José Valencia Janices</i>	Artajona (Navarra)	1906-11-16
Ir. Berardo José	<i>José Pampliega Santiago</i>	Cañizar de Argaño (Burgos)	1912-08-27
Ir. Bruno José	<i>Ángel Ayape Remón</i>	Cáseda (Navarra)	1915-10-01
Ir. Camerino	<i>Braulio Álvarez Palacín</i>	Villamedianilla (Burgos)	1900-03-27
Ir. Cipriano José	<i>Julián Iglesias Bañuelos</i>	Los Valcárceres (Burgos)	1893-02-26
Ir. Colombanus Paul	<i>Henri Oza Motinot</i>	Lyon (França)	1877-08-01
Ir. Crisanto	<i>Casimiro González García</i>	Torrelaguna (Madri)	1897-03-04
Ir. Domingo Ciriaco	<i>Dionisio Domínguez Martínez</i>	Villoria de Órbigo (León)	1911-01-24
Ir. Eduardo María	<i>Francisco Alonso Fontaneda</i>	Valtierra de Albacastro (Burgos)	1915-10-10
Ir. Egberto	<i>Leonardo Arce Ruiz</i>	Arcellares del Tozo (Burgos)	1907-11-06
Ir. Eloy José	<i>Eloy Rodríguez Gutiérrez</i>	Torrepadre (Burgos)	1899-09-09
Ir. Emiliano José	<i>Marcos Leyún Goñi</i>	Sansoáin (Navarra)	1897-10-07
Ir. Euquerio	<i>Euquerio Llanillo García</i>	Solanas de Valdelucio (Burgos)	1914-02-20
Ir. Evencio	<i>Florencio Pérez Moral</i>	Acedillo (Madri)	1899-10-10
Ir. Fabián	<i>Juan Pastor Marco</i>	Barcelona	1876-01-16
Ir. Feliciano	<i>Severino Ruiz Báscones</i>	Fuencaliente de Lucio (Madri)	1884-11-02
Ir. Felipe Neri	<i>Fermín Zabaleta Armendáriz</i>	Artajona (Navarra)	1899-09-24
Ir. Félix Amancio	<i>Amancio Noriega Núñez</i>	Aguilar de Campoo (Palencia)	1912-02-10
Ir. Félix Lorenzo	<i>Lorenzo Gutiérrez Rojo</i>	Las Hormazas (Burgos)	1906-08-10
Ir. Fernando María	<i>Celedonio Martínez Infante</i>	Acedillo (Burgos)	1895-08-30
Ir. Gaspar	<i>Pablo Martínez Esteban</i>	Los Balbases (Burgos)	1898-03-24
Ir. Guzmán	<i>Perfecto Beceril Merino</i>	Grijalba (Burgos)	1885-04-19
Ir. Herminio Pascual	<i>Satumino Jaunsarás Zabaleta</i>	Irurzun (Navarra)	1912-02-11

13 de outubro de 2013

(CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA)

IDADE	COMUNIDADE DE PROCEDÊNCIA	LUGAR DO MARTÍRIO	DATA DO MARTÍRIO
41	Toledo	Toledo	1936-08-23
40	Madri, Calle Cisne	Paracuellos del Jarama (Madri)	1936-08-11
20	Vic (Barcelona)	Barcelona	1936-09-08
23	Toledo	Toledo	1936-08-23
42	Les Avellanes (Lleida)	Saganta (Huesca)	1936-08-11
33	Madri, Calle Fuencarral	Aravaca (Madri)	1936-11-03
32	Les Avellanes (Lleida)	Les Avellanes (Lleida)	1936-09-03
41	Badajoz	Badajoz	1936-08-08
37	Barcelona	Albocácer (Castellón)	1936-12-07
23	Valencia, Academia Nebrija	Valencia	1936-08-04
29	Madri, Calle Cisne	Paracuellos del Jarama (Madri)	1936-08-11
23	Valencia, Academia Nebrija	Valencia	1936-08-04
20	Toledo	Toledo	1936-08-23
36	Madri, Calle Los Madrazo	Madri	1936-07-24
43	Toledo	Toledo	1936-08-23
59	Carrejo (Cantabria)	Santander	1937-01-02
39	Les Avellanes (Lleida)	Mas del Pastor, Tartareu (Lleida)	1936-08-27
26	Madri, Calle Fuencarral	Madri	1937-04-20
20	Toledo	Toledo	1936-08-23
28	Barruelo de Santullán (Palencia)	Monte Saja (Cantabria)	1936-10-23
37	Valencia, Liceo Mayáns	Castellón	1936-10-05
38	Les Avellanes (Lleida)	Saganta (Huesca)	1936-08-11
22	Madri, Calle Cisne	Madri - Cárcel Porlier	1937-01-04
36	Toledo	Toledo	1936-08-23
60	Les Avellanes (Lleida)	Les Avellanes (Lleida)	1936-09-03
51	Chinchón (Madri)	Madri	1936-07-29
36	Chinchón (Madri)	Madri	1936-07-29
24	Toledo	Toledo	1936-08-23
30	Les Avellanes (Lleida)	Les Avellanes (Lleida)	1936-09-03
41	Málaga	Málaga	1936-09-24
38	Madri, Calle Los Madrazo	Madri	1936-07-24
51	Málaga	Málaga	1936-09-24
24	Chinchón (Madri)	Madri	1936-07-29

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA ANTERIOR)

NOME RELIGIOSO	NOME DE FAMÍLIA	LUGAR DE NASCIMENTO	DATA DE NASCIMENTO
Ir. Javier Benito	<i>Jerónimo Alonso Fernández</i>	Villorejo (Burgos)	1912-10-01
Ir. Jean-Marie	<i>Félix-Célestin Gombert Olympe</i>	Trets (França)	1873-04-05
Ir. Jerónimo	<i>Trifón Tobar Calzada</i>	Susinos (Burgos)	1876-07-03
Ir. Jorge Camilo	<i>Vidal García García</i>	Cuadros (León)	1916-02-07
Ir. Jorge Luis	<i>Lorenzo Lizasoáin Lizaso</i>	Irañeta (Navarra)	1886-09-04
Ir. José Ceferino	<i>Elías Garet Ventejo</i>	Centelles (Barcelona)	1905-01-28
Ir. José de Arimatea	<i>Restituto Santiago Allende</i>	Bustillo del Monte (Cantabria)	1902-06-10
Ir. José Teófilo	<i>José Mulet Velilla</i>	Mazaleón (Teruel)	1917-06-28
Ir. Julián José	<i>Nemesio Cabria Andrés</i>	Susilla (Cantabria)	1908-08-05
Ir. Julián Marcelino	<i>Marcelino Rebollar Campo</i>	Tresviso (Cantabria)	1914-11-29
Ir. Julio Fermín	<i>Julio Múzquiz Erdozáin</i>	Aldaba (Navarra)	1899-04-12
Ir. Justo Pastor	<i>Máximo Aranda Modrego</i>	Gallur (Zaragoza)	1907-09-03
Ir. León Argimiro	<i>Argimiro García Sandoval</i>	Calzadilla de los Hermanillos (León)	1913-07-31
Ir. Ligorio Pedro	<i>Hilario de Santiago Paredes</i>	Cisneros de Campos (Palencia)	1912-05-12
Ir. Luciano	<i>Mauro Álvarez Renedo</i>	Albacastro (Burgos)	1892-01-15
Ir. Luis Alfonso	<i>Luis Moreno Aliende</i>	Quintanilla San García (Burgos)	1911-06-24
Ir. Luis Damián	<i>Joseph Sobraqués Glory</i>	Bouleternère (França)	1891-03-28
Ir. Luis Daniel	<i>Juan Viñuela Flecha</i>	Navatejera (León)	1910-06-02
Ir. Luis Fermín	<i>Luis Huerta Lara</i>	Torrecilla del Monte (Burgos)	1905-06-21
Ir. Marino	<i>Pedro Alonso Ortega</i>	Amaya (Burgos)	1901-01-14
Ir. Millán	<i>Esteban Llover Torrent</i>	Les Planes d'Hostoles (Girona)	1885-07-27
Ir. Narciso	<i>Baldomero Arribas Arnaiz</i>	Santibáñez de Esgueva (Burgos)	1877-02-27
Ir. Néstor Eugenio	<i>Tesifonte Ortega Villamudrio</i>	Arlanzón (Burgos)	1912-04-10
Ir. Pablo Daniel	<i>Daniel Altabella Gracia</i>	Aguaviva (Teruel)	1911-10-19
Ir. Pedro	<i>Jaime Cortasa Monclús</i>	Millà (Lleida)	1883-07-15
Ir. Pedro Jerónimo	<i>José Félix Serret Anglés</i>	Ráfales (Teruel)	1904-11-20
Ir. Roque	<i>Abilio Villarreal Abaza</i>	Arazuri (Navarra)	1885-02-22
Ir. Severino	<i>Severino Ruiz Hidalgo</i>	Fuencaliente de Lucio (Burgos)	1907-11-05
Ir. Teófilo Martín	<i>Martín Erro Ripa</i>	Viscarret (Navarra)	1914-03-03
Ir. Teógenes	<i>Pedro Valls Piernau</i>	Vilamacolum (Girona)	1885-11-22
Ir. Timoteo José	<i>Julián Lisbona Royo</i>	Torre de las Arcas (Teruel)	1891-10-23
Ir. Valente José	<i>Jesús Delgado de la Fuente</i>	Mazuelo de Muñó (Burgos)	1894-04-17
Ir. Victorico María	<i>Eugenio Artola Sorolla</i>	Cinctorres (Castellón)	1894-04-12
Sr. Julián Aguilar Martín	Empregado comunidade Chinchón	Berge (Teruel)	1912-11-24
Sr. Ramón Emiliano Hortelano Gómez	Professor em Cuenca	Cuenca	1908-08-08

IDADE	COMUNIDADE DE PROCEDÊNCIA	LUGAR DO MARTÍRIO	DATA DO MARTÍRIO
23	Toledo	Toledo	1936-08-23
63	Toledo	Toledo	1936-08-23
60	Torrelaguna (Madri)	Redueña (Madri)	1936-07-22
21	Madri, Calle Fuencarral	Madri - Hortaleza	1937-08-21
49	Toledo	Toledo	1936-08-24
31	Valencia, Academia Nebrija	Valencia	1936-08-04
34	Ribadesella (Asturias)	Sama de Langreo (Asturias)	1936-09-04
19	Vic (Barcelona)	La Palma de Cervelló (Barcelona)	1936-08-01
29	Cuenca	Villalba de la Sierra (Cuenca)	1938-07-28
22	Madri, Calle Fuencarral	Paracuellos del Jarama (Madri)	1936-12-03
37	Toledo	Toledo	1936-08-23
29	Vic (Barcelona)	Barcelona	1936-09-08
22	Madri, Calle Fuencarral	Madri	1936-07-20
24	Les Avellanes (Lleida)	Les Avellanes (Lleida)	1936-09-03
44	Málaga	Málaga	1936-08-27
25	Madri, Calle Los Madrazo	Madri	1936-08-26
45	Valencia, Academia Nebrija	Valencia	1936-08-04
26	Madri, Calle Fuencarral	Madri	1936-10-16
31	Arceñiega (Álava)	Bilbao - Cabo Quilates	1936-09-25
35	Torrelaguna (Madri)	Redueña (Madri)	1936-07-22
51	Denia (Alicante)	La Plana de Alzira (Valencia)	1936-08-10
59	Cabezón de la Sal (Cantabria)	Santander	1937-01-02
24	Carrejo (Cantabria)	Santander	1937-01-02
27	Mataró (Barcelona)	Na Fronteira francesa	1939-01-29
53	Cabezón de la Sal (Cantabria)	Santander	1937-01-02
31	Málaga	Málaga	1936-08-27
51	Málaga	Málaga	1936-10-18
28	Vic (Barcelona)	La Palma de Cervelló (Barcelona)	1936-08-01
22	Barruelo de Santullán (Palencia)	Monte Saja (Cantabria)	1936-10-23
50	Málaga	Málaga	1936-08-27
44	Les Avellanes (Lleida)	Saganta (Huesca)	1936-08-11
42	Valencia, Liceo Mayáns	Castellón	1936-10-05
42	Torrelaguna (Madri)	Redueña (Madri)	1936-07-22
23	Chinchón (Madri)	Madri	1936-07-29
29	Villalba de la Sierra (Cuenca)	Villalba de la Sierra (Cuenca)	1938-07-28

COMUNIDADE DE LAS AVELLANAS



EM 1936, LAS AVELLANAS É UMA COMUNIDADE MARISTA IMPORTANTE. ELA CONTA COM 210 MEMBROS, ENTRE IRMÃOS E JOVENS EM FORMAÇÃO. A CASA ABRIGA DIVERSOS NÍVEIS DE FORMAÇÃO: JUVENATO, POSTULADO, NOVICIADO E ESCOLASTICADO, COM OS SEUS RESPECTIVOS IRMÃOS FORMADORES. HÁ TAMBÉM A ENFERMARIA PROVINCIAL E UMA COMUNIDADE DEDICADA A DIFERENTES SERVIÇOS: ADMINISTRAÇÃO, GRANJA E PLANTAÇÕES, MATERIAL DE CONSTRUÇÃO, CONSERTOS E REFORMAS.

O IRMÃO CRISANTO

CASIMIRO GONZÁLES GARCÍA



EM 27 DE AOSTO DE 1936, PELO MEIO-DIA, UM GRUPO DE MILICIANOS DESCONHECIDOS ENTRA EM TARTAREU. O POVO DO LUGAR ADIVINHA AS INTENÇÕES DOS MILICIANOS E PREVI-NEM O IRMÃO CRISANTO, QUE TINHA ENCONTRADO REFÚGIO ENTRE ELES, PARA QUE SE ESCONDESSE.

O MARTÍRIO

Ele responde que não pode abandonar os jovens aspirantes de que está encarregado. Assim, ele se dirige às pressas ao posto de polícia, onde os milicianos do comitê desconhecido o aguardam. Estes ordenam que os policiais do povoado se retirem.

“Sabendo que dispunha de uma caminhoneta, mandam que a pusesse à disposição deles”. Pouco depois, o Irmão Crisanto voltou acompanhado por milicianos e por três membros do comitê local. O Irmão, sorridente e tranquilo, despedia-se das pessoas mais próximas. O povo estava aflito com o pensamento de que o Irmão caíra nas mãos dos republicanos. O chefe dos milicianos forasteiros, dando-se conta desses sentimentos do povo, ameaçou a multidão com o fuzil e mandou, de forma brutal, que todos se retirassem para as suas casas.

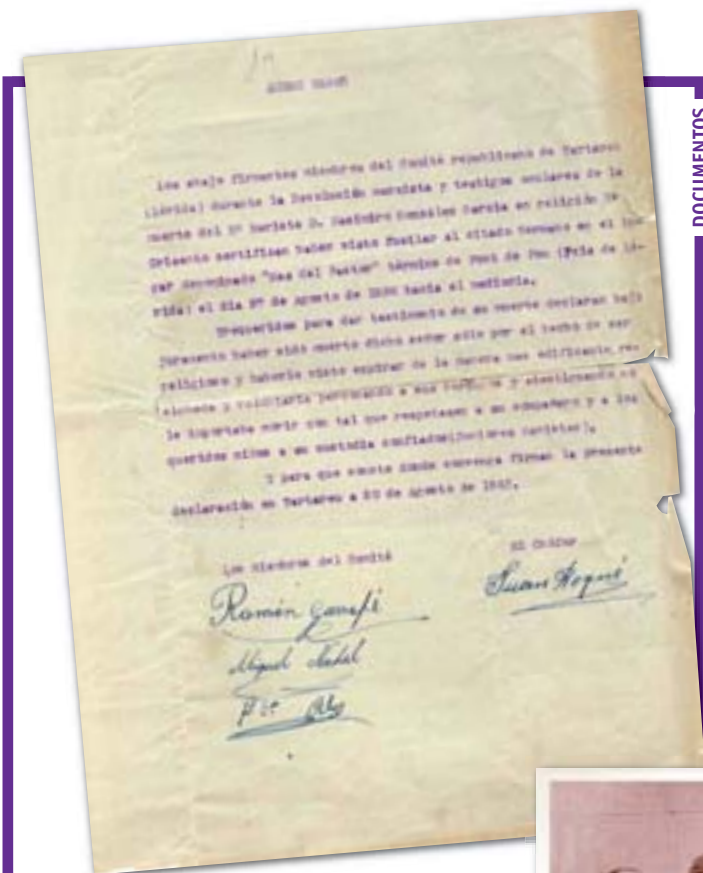
Chegados a trezentos metros além do Mas del Pastor, os milicianos conduziram o Ir. Crisanto até um barranco, convidando os três policiais do comitê de Tartareu a atirar. Eles se recusaram, dizendo que não tinham a coragem de matar pessoas da sua aldeia.

Imediatamente, ouviram-se tiros, enquanto virávamos as costas para não ver o assassinato... Retornando, os assassinos nos mostraram os objetos que tinham tirado do servo de Deus: um relógio, uma caneta e algum dinheiro.”

Os milicianos obrigaram os agricultores do lugar a enterrar o morto, ameaçando-os com a mesma sorte, caso se recusassem. Esses agricultores observaram que a mão direita do Irmão Crisanto apertava um pedacinho de madeira, entre os dedos, em forma cruz

A cruz dedicada ao Ir. Crisanto em Mas del Pastor, lugar onde foi temporariamente sepultado





DOCUMENTOS



O Ir. Crisanto com Juvenistas Maristas

Declaração assinada das testemunhas oculares do mártir do Ir. Crisanto



A VIDA DO IRMÃO CRISANTO

Ele nasceu em 4 de março de 1897 em Torrelaguna, Madri. No batismo, três dias depois, recebeu o nome de Casimiro. Em 1914, ele entrou como candidato dos Irmãos Maristas e, desde o começo, revelou grande disponibilidade: “Eis-me aqui; façam de mim o que quiserem. Não quero senão obedecer.” Vestiu a batina em 2 de fevereiro de 1915, dia em que escreveu: “Ó Mãe, cobre-me com o teu manto. Queira Deus que este dia nunca se apague de minha memória e que, no fim, coroe a minha vida com a morte característica de um Irmão Marista, cantando: Ave, Maris Stella. Já chegou o dia, Irmão, de te unires a Deus e de lhe ofereceres, para sempre e sem reservas, o teu coração.”

A partir de 1916, ele trabalhou em várias das nossas escolas. Os superiores notaram as suas qualidades e, em 1935, lhe confiaram a importante responsabilidade da formação dos aspirantes em Las Avellanas. Foi período difícil em que ele assumiu a sua tarefa com coração e responsabilidade de pai e com a firmeza de quem está consciente de que o mártirio é uma possibilidade. Certo jovem da vila propôs-lhe um esconderijo seguro; mas ele respondeu: « Muito obrigado; se for necessário, darei a minha vida com alegria para salvar os meus jovens.»

Depois do martírio do Ir. Crisanto

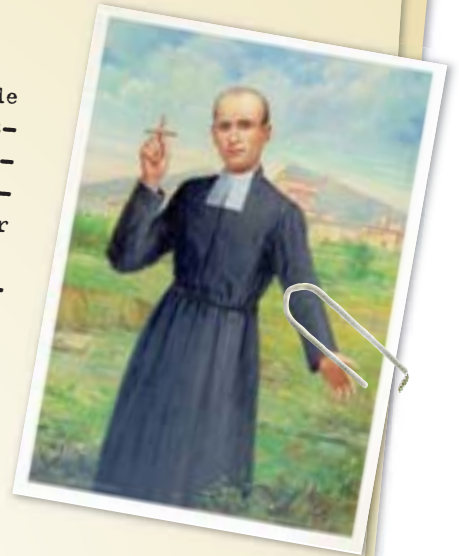
Eram duas horas da tarde, quinta-feira, dia 27 de agosto de 1936, quando foi perpetrado o bárbaro assassinato do Ir. Crisanto. Tinha transcorrido exatamente um mês, desde a expulsão do convento pelos republicanos, e era o aniversário da entrada do mártir na congregação Marista.

Um de seus discípulos, Elias Lafuente, encontrava-se pouco distante do local da cena tão sangrenta, e dele se achegou, tão logo desapareceram os milicianos. "Aproximei-me do cadáver - disse Elias - e reconheci nosso estimado Diretor banhado em sangue. Era bem visível que recebera um tiro no rosto e dois, no peito. Seu rosto estava virado para o céu. Os braços estavam um pouco afastados do tronco. Entre os dedos indicador e médio da mão direita, apertava um **palito com o qual formava o sinal da cruz**. Com dor interior contemplei por alguns instantes esse quadro, rezei um pai-nosso pela vítima e fui embora sem demora, com receio de que houvesse algum espião escondido na vizinhança."

Ao se afastarem, os milicianos encarregaram uns homens das casas vizinhas de enterrar o morto que ali abandonavam, ameaçando-os de castigo semelhante, caso não o fizessem logo. Com medo, esses se apressaram em cumprir a ordem recebida. Cavaram junto ao cadáver uma fossa de um metro de profundidade e ali o depositaram. Não deixou de surpreender os coveiros o fato de as mãos se cruzarem sobre o peito, quando o corpo caiu na fossa e, ainda mais, que conservasse o mencionado palito compondo o travessão de uma cruz entre os dedos, sem deixá-lo cair. Cobriram o cadáver com terra e foram embora.

Quatro anos mais tarde, 4 de março de 1940, ao exumarem os preciosos despojos para transladá-los para o cemitério do convento, - trabalho que o mesmo senhor, que atuara como coveiro, quis executar - apareceu o cadáver com os braços em cruz. **A mão direita apresentava-se incorrupta**, perfeitamente unida ao antebraço, e **com o palito ainda entre os dedos**. Esse fato singular emocionou fortemente o crescido número de testemunhas que esteve presente ao ato. Divulgado o acontecimento, entre as pessoas da região, cresceu sobremaneira a fama de santidade que já era atribuída ao mártir.

Ao ser convocado a comparecer, pela última vez, ante seus verdugos, o virtuoso Irmão provavelmente não levava consigo a cruz que os Irmãos Maristas ostentam sobre o peito. Sem dúvida, terá feito assim para evitar uma profanação a mais, pois era sabido que, se encontrassem a imagem redentora, ao passarem em revista suas vítimas, eles pisoteavam e amaldiçoavam o divino crucificado. Por isso, terá providenciado para ter sua cruzinha, na forma indicada, e morrer com ela sem que seus inimigos o advertissem.



(Tirado de: *Flores de Martirio*, fevereiro de 1948, nº7)

Os MÁRTIRES DO FRONTÃO:

IRMÃOS AQUILINO, FABIÁN, FÉLIX LORENZO E LIGORIO PEDRO



Ir. Aquilino



Ir. Fabián



Ir. Grigorio Pedro



Ir. Félix Lorenzo

O MARTÍRIO

ASSÍM CONTA UMA TESTE-
MUNHA: «NOS ÚLTIMOS
DIAS DE AGOSTO ATÉ O COME-
ÇO DE SETEMBRO DE 1936,
EU ME ENCONTRAVA POR
ACASO NA VILA DE BALAQUER
E ME DISPUNHA A ABANDO-
NAR O POVOADO.

Então recebi ordem de certo Chala para aceitá-lo no meu caminhão e mais quatro companheiros seus - quatro ou cinco - aparentemente todos milicianos e todos armados. Ordenaram que os levasse ao convento de Las Avellanas.

Chegados à frente do convento, presenciei a seguinte cena: Eu estava no volante; a quatro metros diante de mim, encontrava-se um indivíduo denominado El Peleteiro, com dois outros, armados; e, à distância de uns trinta metros, vi quatro Irmãos Maristas, em traje civil, serem colocados em fila, contra a parede do frontão. Reconheci neles quatro Irmãos Maristas, que conhecera nas minhas frequentes visitas ao convento. Ignorava os nomes deles nem sabia quem eram exatamente, exceto o Irmão Aquilino Baró... Nesse momento, pudemos trocar um olhar de saudação e de amizade. Os indivíduos que eu havia trazido de Balaguer, Chala e seus companheiros, desceram do caminhão e se juntaram àqueles de El Peleteiro; ali, conversaram entre si, por um momento. Então, o Irmão Aquilino dirigiu-se a eles e disse: “Gostaria de falar-lhes. O cabeça, El Peleteiro, lhe respondeu: “Diga o que quiser, enquanto carregamos os fuzis”. Então, - ainda que os milicianos não o escutassem - disse-lhes pausadamente e com coragem: “Como homem, perdoo-os; como católico, lhes agradeço, porque põem em minhas mãos a palma do martírio que todo o católico deve desejar”. Em seguida, El Peleteiro perguntou: “Você terminou”? O Irmão Aquilino respondeu: Viva Cristo Rei! El Peleteiro lhe disse: “Agora, pode virar-se de costas”. O Ir. Aquilino replicou: “Não, de frente”. Os milicianos descarregaram as armas e os quatro Servos de Deus caíram no chão.



Impacto de bala no “frontón” de Las Avellanas

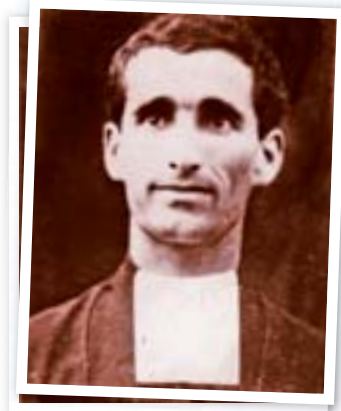
A VIDA DO IRMÃO AQUILINO

BALDOMERO BARÓ RIERA

O Ir. Aquilino nasceu em 29 de setembro de 1903, em Tiurana, Lleida, graciosa vila de 600 habitantes, no rico vale do rio Segre. No dia seguinte, no batismo, recebeu os nomes de Baldomero Miguel Jerônimo. Não tinha, pois, completado os 33 anos, quando foi assassinado, no dia 3 de setembro de 1936.

Testemunho 1

Sua dedicação sem limites à formação dos juvenistas mereceu-lhe ser nomeado auxiliar do mestre de noviços, em Las Avelanas. Nessa incumbência, foram notados ainda mais os traços particulares da atividade marista: “a humildade, a simplicidade, fazer o bem sem alarde...”



Ele entrou no juvenato de Vic, em 1916; seguiu o curso de formação religiosa estabelecido. Fez os primeiros votos em 8 de setembro de 1920; em

1923, aos 20 anos, foi professor no juvenato de Vic. À vista de suas qualidades para o ensino, os superiores o enviaram para Arceniega, onde os resultados foram ainda melhores.

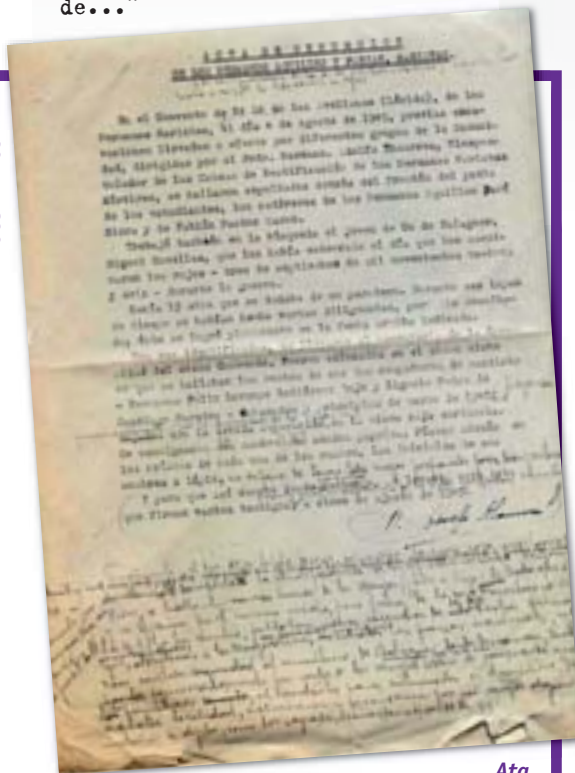
Testemunho 2

O segundo teólogo censor, a esse respeito, fez a seguinte reflexão: “Cada uma das suas cartas vem animada de sentimentos sobrenaturais... Em nenhuma de suas cartas ele esquece o linguajar religioso, exortando para a prática das virtudes cristãs... Os destinatários deviam, sem dúvida, ficar edificadas com tais cartas”.

Na profissão perpétua, em 19 de julho de 1925, os confrades notaram nele uma aplicação constante na vida espiritual e boa unificação da vida interior com a vida comunitária e a vida apostólica.

A seguinte oração a Maria, escrita pouco antes do martírio, revela a sua profunda vida de fé: “Maria, Mãe de Deus e Mãe da minha alma, de vós depende a união e a fusão de dois seres tão diferentes, tão distanciados e, ainda assim, feitos para se unirem: Deus e a minha alma, Jesus e eu. Por favor, fazei que Deus se dê à minha alma e que a minha alma se dê a Deus. Concedei-me, Senhora, que o pensamento de Deus ocupe a minha alma por inteiro; que o meu coração seja invadido por esse Amor único, e que a grande máxima de santa Teresa se torne, de verdade, a norma da minha vida: Somente Deus basta. Deus basta”.

DOCUMENTOS



Ata
de exumação



A VIDA DO IRMÃO FABIÁN

JUAN PASTOR MARCO

O Irmão Fabián nasceu em Barcelona, em 16 de janeiro de 1876; dois dias depois, recebeu o batismo e os nomes de Juan Jaime Ramón. Em 3 de setembro de 1936, dia do martírio, estava com 60 anos, o mais velho do grupo dos quatro fuzilados no frontão de Las Avellanas. Fabián fez a sua formação religiosa em Saint-Paul-Trois-Châteaux, visto que os Irmãos Maristas, recém-chegados à Espanha, não tinham ainda casas de formação no país. Desde 1891, ele foi enviado a várias de nossas escolas da França: Beausset, Lambesc, Dieulefit. Ligou-se definitivamente ao Instituto com os votos perpétuos em 21 de setembro de 1897.

Ele retornou à Espanha. Em 1935, uma enfermidade grave obrigou-o a ir para a enfermaria de Las Avellanas. Mesmo gravemente enfermo, os milicianos obrigaram-no a colocar-se no frontão. Mataram-no por ser religioso, por ser educador cristão de crianças e jovens.



A VIDA DO IRMÃO FÉLIX LORENZO

LORENZO GUTIÉRREZ ROJO

Lorenzo nasceu em 10 de agosto de 1906, em Las Hormazas, povoado da província de Burgos. Foi batizado no dia seguinte e recebeu o nome de Lorenzo Macario Julián.

Aos treze anos, entrou no juvenato de Arceniega e, terminadas as etapas de formação, emitiu os primeiros votos em 8 de setembro de 1923 e, posteriormente, os votos perpétuos em 1928.

Foi professor, inicialmente, em Mércia; mas não gozava de boa saúde. Os superiores enviaram-no a Saragoza em 1930, na esperança de que a mudança de ares lhe ajudasse. Sofria do coração, tinha crises que, às vezes, o levavam à beira da morte. A enfermaria de Las Avellanas o acolheu em 1931; os médicos lhe deram cinco meses de vida. Ali recebeu três vezes o sacramento dos enfermos.

Esse homem, acabado e muito enfraquecido, foi maltratado pelos milicianos. No dia de seu martírio, foi tirado do hospital, levado para o frontão de Las Avellanas e acabou sendo fuzilado com os Irmãos Aquilino, Fabián e Ligorio Pedro; os dois últimos ajudaram o Irmão Félix Lorenzo a manter-se em pé na hora da execução.

A VIDA DO IRMÃO LIGORIO PEDRO

HILARIO DE SANTIAGO PAREDES

É o mais jovem dos quatro Irmãos fuzilados no frontão. Em 3 de setembro de 1936, tinha um pouco mais de vinte e quatro anos. O Ir. Ligorio Pedro nasceu em 12 de maio de 1912, em Cisneros de Campos, Palência. No batismo recebeu o nome de Hilário. A família era pobre, faltando-lhe, às vezes, a própria comida. Um dos seus tios, sacerdote, prestava-lhe alguma ajuda, sobretudo nos estudos. Desejava que o seu sobrinho Hilario o seguisse no sacerdócio, mas a atração pela vida marista foi mais forte.

Em 24 de setembro de 1927, Hilario entrou no juvenato de Carrión de los Condes. Esse juvenato formava os candidatos para as missões e acolhia também jovens latino-americanos. Lentamente, Hilario adquiriu mentalidade e hábitos mais internacionais. Durante esse período, ele contraiu uma doença diagnosticada como “o mal de Pott”. Ele próprio nos informa acerca da doença: “O mal de Pott transforma os ossos e o sangue em pus”. Essa doença se agravou e, por conselho médico, em 12 de maio de 1936, ele

foi enviado à enfermaria de Las Avellanas. Foi nessas condições que o martírio o esperava. Os milicianos retiraram-no do leito e conduziram-no ao frontão, onde o assassinaram sem que opusesse resistência, enquanto gritava: “Viva Cristo Rei.”



Comunidade de Toledo

DURANTE O ANO LETIVO DE 1935-1936, A COMUNIDADE MARISTA DE TOLEDO ESTAVA COM 16 IRMÃOS. EM MEADOS DE JULHO, PORÉM, SÓ RESTAVAM EM CASA ESTES IRMÃOS: CLAUDIO LUIS, CIPRIANO JOSÉ, SUPERIOR, 43 ANOS, JORGE LUIS, 50 ANOS, JEAN MARIE, 63 ANOS, JULIO FERMÍN, 37 ANOS, JAVIER BENITO, 24 ANOS, ANACLETO LUIS, 23 ANOS, BRUNO JOSÉ, 21 ANOS, EVENCIO, 37 ANOS, ABDÓN, 41 ANOS, EDUARDO MARÍA, 21 ANOS E FÉLIX AMANCIO, 24 ANOS. QUATRO IRMÃOS JOVENS HAVIAM IDO A MÚRCIA PARA ALGUNS CURSINHOS DE VERÃO. O IRMÃO CLAUDIO LUIS NÃO FARÁ PARTE DO GRUPO DE MÁRTIRES; OS OUTROS SERÃO MORTOS A 23 DE AĞOSTO DE 1936, EXCETO O IR. JORGE LUIS QUE SERÁ ASSASSINADO NO DIA SEQUINTE, 24 DE AĞOSTO.



O MARTÍRIO

A SITUAÇÃO DE TOLEDO

Nos dois primeiros dias após o levante nacional de 18 de julho de 1936, Toledo vive uma calma, pois as forças da ordem pública se puseram do lado dos nacionalistas (partidários de Franco). Mas, a 21 de julho, com a chegada de 6.000 milicianos de Madri, a Guarda Civil se retira ao Alcácer, e a cidade cai, a 22 de julho, em poder dos revolucionários. Os republicanos não tardaram a executar seus projetos de perseguição. Confiscaram todos os bens da Igreja e imediatamente começou a caça aos sacerdotes, religiosos e leigos mais compromissados.

OS IRMÃOS SÃO PRESOS

Os Irmãos nem imaginavam que constavam na lista dos que seriam encarcerados. Por isso, foi muito fácil aos milicianos prendê-los de surpresa. Quando o Ir. Cipriano José se deu conta, pediu aos Irmãos que fossem à capela para consumir as hóstias consagradas. Mas os milicianos já haviam invadido a escola e detiveram os Irmãos antes que pudessem chegar à capela.

Todos os detidos foram antecipadamente registrados e revistados. A descoberta de um terço, de uma medalha, de um escapulário, provocava manifestações de ódio e blasfêmias. O mesmo furor e raiva desencadeavam ao revistar a escola. Em lugar de armas que buscavam, encontraram muitos objetos religiosos, que quebravam e os atiravam pela janelas.

No cárcere, os Irmãos não tiveram nenhum tratamento especial, mas bem ao contrário. Desde o começo, tiveram que aguentar todo tipo de privações: "Imediatamente fomos colocados numa 'brigata' (cela) sem ar e sem água, onde permanecemos quinze a vinte dias. Não nos deixavam sair para beber um pouco de água. Havia somente um jarro de água para 35 a 40 pessoas."



A EXECUÇÃO

Essa foi a situação até 23 de agosto de 1936. Visto que no dia anterior os aviões dos nacionalistas bombardearam Madri causando muitas mortes, os milicianos, em represália, se vingaram sobre os que estavam na prisão e assassinaram um primeiro grupo na esplanada do Trânsito.

Nesse mesmo dia chegou a vez dos Irmãos Maristas, bem como de outros religiosos e sacerdotes. Visto que o Trânsito estava cheio de cadáveres, foram levados a um lugar chamado "Puerta del Cambrón" onde foram fuzilados.

Essas execuções não foram precedidas por nenhum julgamento, por nenhum trâmite de defesa. O simples fato de ser religioso era razão suficiente para ser declarado culpado e réu de morte.

Testemunho 1

"Em Toledo, a revolução assumiu um caráter antirreligioso catastrófico. Dei-me conta disso, porque eu era o primeiro Oficial do cemitério: as vítimas eram todas gente boa e com sentimentos religiosos; a revolução perseguiu furiosamente os religiosos e os sacerdotes. No total, na cidade de Toledo foram assassinadas de 450 a 500 pessoas, gente honesta e religiosa, entre os quais todos os cônegos da catedral, os sacerdotes, e as duas comunidades que havia na cidade, a dos Carmelitas e a dos Maristas."



Ir. Jorge Luís

MARTÍRIO DO IRMÃO JORGE LUIS

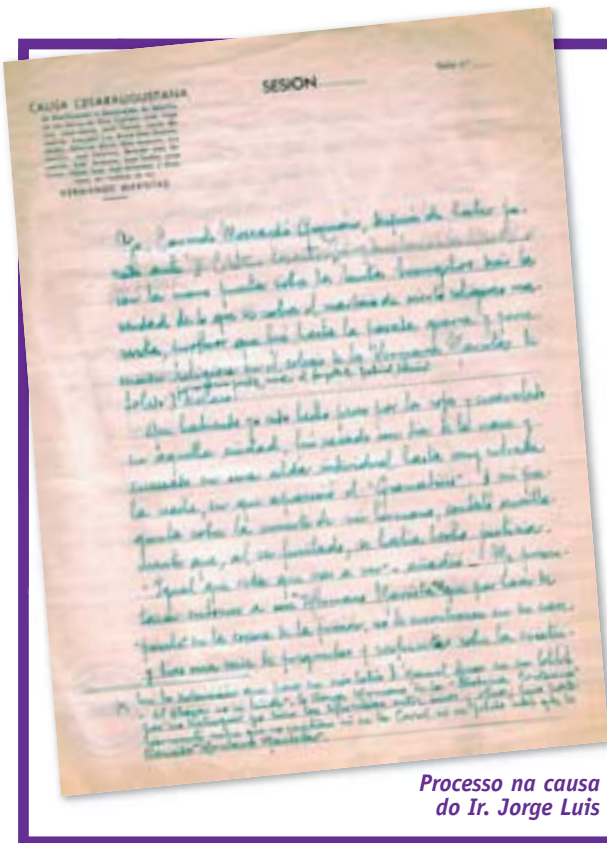
No dia seguinte assassinaram o Irmão Jorge Luis. Quando seus Coirmãos foram retirados da prisão, ele se encontrava na cozinha como ajudante de cozinheiro. Avisaram-no que estavam levando seus Coirmãos e foi aconselhado não sair daí. Mas um miliciano o reconheceu como Irmão Marista e o denunciou. O Irmão foi posto numa cela de segurança.

Foi questionado sobre a existência de Deus. Por causa da resposta que deu, recebeu um forte golpe na cabeça, com o cabo do fuzil.

Na realidade, o Irmão não faleceu naquele momento, mas no dia seguinte o levaram ao Trânsito e o fuzilaram.

Testemunho 2

Eis o relato de uma testemunha: “Os milicianos entraram gritando: ‘Que todos os frades do colégio se apresentem no pátio’. Puseram-nos em fila perto da parede, separados das outras pessoas que estavam no colégio. Obrigaram-me a me colocar também contra a parede, alegando que era professor do colégio. Mas como eu protestasse dizendo que era professor leigo, um dos milicianos me mandou sair da fila e me empurrou até a porta de saída, dizendo: ‘Some-te daqui!’. Fiquei nos arredores do Colégio para ver o que aconteceria. Ao entardecer, vi como os expulsavam do colégio e os empurravam com brutalidade; segui-os pelas ruas até que os meteram na cadeia”.

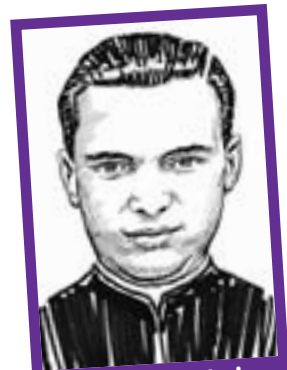


Processo na causa do Ir. Jorge Luís

DOCUMENTOS



Ir. Abdón



Ir. Anacleto Luís



Ir. Evencio



Ir. Félix Amancio

Vida dos MÁRTIRES da COMUNIDADE de Toledo

VIDA DO IRMÃO CIPRIANO JOSÉ

Julián Iglesias Bañuelos

O Ir. Cipriano José nasceu a 26 de fevereiro de 1893 em Valcárceres (Burgos); batizado dois dias depois, recebeu o nome de Julián. Seus pais eram humildes lavradores, arraigados na fé cristã.

Em 1905, aos 12 anos, Julián começou sua formação marista no juvencato de Burgos, mas foi em San Andrés de Palomar (Barcelona) que toma o hábito, a 8 de setembro de 1908, adotando o nome de Irmão Cipriano José. Emitiu os votos perpétuos a 1.º de agosto de 1915, e o voto de estabilidade a 15 de agosto de 1924.

Intelectualmente dotado e perseverante nos estudos, conseguiu a Licenciatura em Filosofia e Letras, e deu provas de surpreendente competência profissional. Era admirável na quantidade de trabalho que realizava. Dava grande importância ao ensino da religião,



Ir. Javier Benito



Ir. Bruno José



Ir. Cipriano José



Ir. Eduardo María



Ir. Jean-Marie



Ir. Julio Fermín

Testemunho 3

“Durante todo o tempo em que eu estive com eles na prisão, os Irmãos mostraram grande bondade, sem familiaridades, suportando as humilhações com dignidade.”

Na cadeia, eles procuraram criar um profundo ambiente de oração: “Durante o tempo em que os Irmãos estiveram na cadeia, levaram uma vida eminentemente cristã e religiosa, a ponto de servirem de contínua edificação e de encorajamento para os prisioneiros... Eles rezavam muito... Todos os dias recitavam o terço e, muitas vezes, era um Irmão que o animava. Mostravam-se cheios de coragem, prontos a sofrer a morte por amor ao Senhor. Desde o primeiro dia, esperavam a morte, sabendo o que certamente lhes aconteceria.”

OS MÁRTIRES DE TOLEDO

Irs. Abdón, Anacleto Luís, Bruno José, Cipriano José, Eduardo María, Evencio, Félix Amancio, Javier Benito, Jean-Marie, Jorge Luis, Julio Fermín

Testemunho 4

A pobreza era a virtude que exteriormente mais se notava. Contentava-se com o imprescindível. Para com seus Irmãos, pelo contrário, se mostrava atencioso e fraterno, zelando para que nada lhes faltasse daquilo que poderia proporcionar-lhes alegria inocente, como a árvore de Natal, os presentes dos Reis Magos, um prato bem cozido em dias de festa. “Quando os superiores ordenaram de se portar o traje civil para adaptar-se às exigências políticas, deixou que os Irmãos escolhessem os melhores e ele se serviu por último. Comprou um sobretudo tão ordinário que, em consideração à sua função, foi aconselhado a comprar outro melhor. Respondeu com um sorriso...”.

e ele mesmo garantia as aulas de religião nos últimos anos do Curso Médio. Ficou célebre uma de suas frases favoritas: “Tudo se pode suprimir, menos a hora de religião”.



Los Valcárceles: aldeia natal do Ir. Cipriano José



A VIDA DO IRMÃO JORGE LUIS

LORENZO LIZASOÁIN LIZASO

O Ir. Jorge Luis nasceu em Irañeta (Navarra), a 4 de setembro de 1886, num povoado de uns 300 habitantes. Nosso Irmão Lorenzo cresceu e se desenvolveu num ambiente favorecido pela natureza. Seus pais, Miguel Ángel e Francisca, o ajudaram e o favoreceram até orientar sua vida e vocação ao Noviciado de San Andrés de Palomar (Barcelona), onde ingressou a 26 de agosto de 1901.

Seu aspecto físico imponente chamava a atenção em qualquer lugar por onde andasse. Sua compleição era hercúlea, e a primeira impressão de ser

Testemunho 5

O senhor Carmelo Moscardó Guzmán, que compartilhava a mesma cela, nos deixou este testemunho: “Um dia, me retiraram do cárcere, e me encerraram numa cela especial até alta noite. Então chegou o ‘Granadino’. Quando lhe perguntei a respeito da morte de meu irmão, simplesmente me respondeu que ao fuzilá-lo foi feita justiça. ‘E contigo acontecerá o mesmo’, acrescentou. Então me apresentaram um Irmão Marista que, por ser ajudante de cozinheiro, não foi encontrado no dia anterior. Fizeram-lhe uma série de perguntas sobre a existência de Deus; era o Granadino quem comandava; depois este acrescentou: “Isto acaba assim”, e agarrando o fuzil pelo cano, desferiu um golpe violento na cabeça do Irmão. Depois me fizeram sair da cela. Não pude saber se a morte do Irmão foi por causa da coronhada ou se foi assassinado mais tarde”.

uma força da natureza que se impõe por sua superioridade física, se esvanecia rapidamente, cedendo lugar a um homem de grande coração, tão grande como seu corpo, decidido e corajoso. Mas o que é extraordinário não é a amizade que mantinha com personalidades, tais como um cardeal, o governador civil e militar, o prefeito, também com famílias de pouco ou nenhum relevo social, operários, garotos, até com pequenos delinquentes, mas sim o ser amigo da sua comunidade. Uns buscavam sua proximidade e conversação, outros, suas atenções e sua delicadeza.

Testemunho 6

Companheiro de prisão dos Irmãos, o Sr. Felice Bretaño Encinas recorda: “Durante os dias da revolução, os Servos de Deus se dedicavam, pelo que posso testemunhar, a observar o regime penitenciário e, nos momentos em que não eram vistos, a rezar.” O Ir. Jorge Luís não escondia seu desejo de ser mártir: “... meu maior desejo, depois de minha conversão, é de poder derramar meu sangue por Cristo.”



A VIDA DO IRMÃO JEAN-MARIE Félix-CÉLESTIN GOMBERT Olympe

O Ir. Jean Marie nasceu em Trets (Bouches-du-Rhône) França, a 5 de abril de 1873. Seus pais eram Hippolyte e Elisabeth.

O Ir. Jean Marie, no noviciado de Saint-Paul-Trois-Châteaux e em outros lugares e situações, conheceu Irmãos que viveram com Marcelino e seus primeiros discípulos. Pôde conhecer pessoalmente Irmãos de grande importância histórica no Instituto.

Os assaltantes do colégio marista de Toledo não tiveram nenhuma consideração para com o Ir. Jean-Marie nem como religioso nem como francês. Os Irmãos da comunidade se deram conta de que sua condição de cidadão francês era uma grande possibilidade de salvação para o Irmão. Uma vez preso e encarcerado, sugeriram-lhe de fazer valer essa condição, a fim de obter sua libertação e salvação. Ele, porém, se opôs, exprimindo o seu desejo de continuar com seus Irmãos da comunidade. Tinha 63 anos. Essa foi sua última vontade.

Testemunho 7

O Irmão Jean Marie era de nacionalidade francesa. Quando o cônsul francês lhe fez uma visita e comunicou que havia dado início às providências para liberá-lo da prisão e para repatriá-lo, o Irmão recusou categoricamente: “Isso, nunca! Eu sempre vivi com eles, e é com eles que quero morrer!”

DOCUMENTOS

FRÈRE Jean Marie
au Noviciat, de 5 Avril 1873

RÉSIDENCES			
Province	Paroisse	Année de la Vie	Année de la Vie
Montana	Assommoir	1873	
Montana	Assommoir	1874	
Montana	Assommoir	1875	
Montana	Assommoir	1876	
Montana	Assommoir	1877	
Montana	Assommoir	1878	
Montana	Assommoir	1879	
Montana	Assommoir	1880	
Montana	Assommoir	1881	
Montana	Assommoir	1882	
Montana	Assommoir	1883	
Montana	Assommoir	1884	
Montana	Assommoir	1885	
Montana	Assommoir	1886	
Montana	Assommoir	1887	
Montana	Assommoir	1888	
Montana	Assommoir	1889	
Montana	Assommoir	1890	

Don Francisco Luis

Ficha de destinos

OS MÁRTIRES DE TOLEDO

Irs. Abdón, Anacleto Luís, Bruno José, Cipriano José, Eduardo María, Evencio, Félix Amancio, Javier Benito, Jean-Marie, Jorge Luis, Julio Fermín

DOCUMENTOS

FRÈRE Julio Fermín - 1905
de Navarra, de 31 de abril 1914-25 junho 1937

RESIDENCES		
Provincia	Paróquia	Año de la entrada
Navarra	Les Avellanes	1917
Navarra	Les Avellanes	1919
Navarra	id.	1919
Navarra	id.	1925
Burgos	id.	1927
Navarra	id.	1933
Toledo	id.	

Hon. Fernando Linares

ARCHIVO

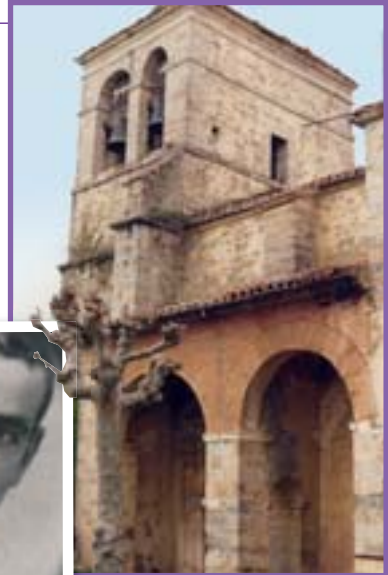
Ficha de destinos

A VIDA DO IRMÃO JULIO FERMÍN Julio Múzquiz Erdozain

O Ir. Julio Fermín nasceu a 11 de abril de 1899, em Aldaba, pequeno povoado de Navarra. Seus pais eram Esteban e Ramona.

Ingressou na casa de Les Avellanes a 30 de abril de 1914, para fazer seu postulado e seu noviciado.

Difundia a alegria e o sorriso na comunidade. Sua influência agradável se notava também no exterior em sua relações com os seus alunos e com outras pessoas do ambiente escolar.



A VIDA DO IRMÃO JAVIER BENITO JERÓNIMO ALONSO FERNÁNDEZ

O Ir. Javier Benito nasceu em Villorejo (Burgos) a 1.º de outubro de 1912. Seus pais chamavam-se Jerónimo e María.

Dois de seus irmãos o precederam na con-

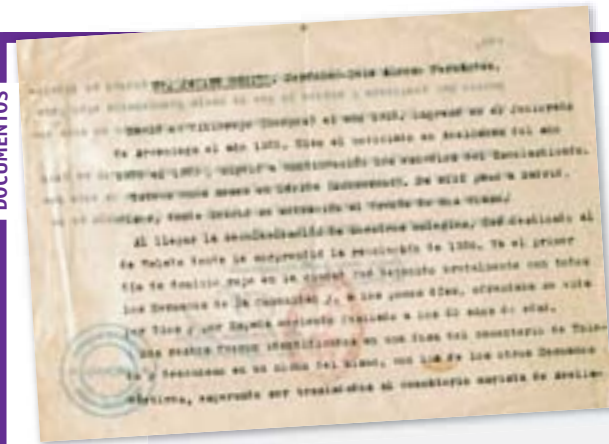


Villorejo,
aldeia natal do
Ir. Javier Benito

Testemunho 8

“ Na prisão, junto com os Irmãos, estava o filho do coronel Moscardó, defensor do Alcácer de Toledo. Ocorreu um diálogo memorável entre o pai e o filho; este informava a seu pai que se o Alcácer não se rendesse, ele, o filho, seria fuzilado. Depois, dirigindo-se ao Irmão Javier Benito, de quem era aluno, perguntou: “Diante disso tudo, o que será de nós?” O Irmão lhe respondeu: “Meu filho, seja feita a vontade de Deus.” Naquela mesma noite, por pequenos grupos, foram conduzidos ao lugar da execução. E ainda nessa noite, morreram os Irmãos do colégio, o filho de Moscardó e outras pessoas.”





Dados biográficos do Ir. Javier Benito

gregação, o que prova as excelentes disposições cristãs de seu pai em aceitar o desígnio de Deus sobre a vida de quatro de seus filhos.

Jerónimo partiu para o Juvenato de Arce-niega (Álava), e logo se destacou por seu ardor e suas excelentes disposições para se tornar um Irmão Marista completo.

Testemunho 9
=====

As palavras textuais de um companheiro de comunidade a seu respeito são suficientemente vivas e precisas para descrever o Ir. Javier Benito: “Inteligente, amável e trabalhador; possuía um cabedal de conhecimentos de toda a espécie, digno de nota. Em questões de apologética, seu espírito ágil e seguro tornava-o quase invencível quando se tratava da busca e demonstração da verdade”.

A VIDA DO IRMÃO ANACLETO LUIS EMILIANO BUSTO PÉREZ

O Ir. Anacleto Luis nasceu em Quintanilla San García, província de Burgos, a 5 de janeiro de 1913. Seus pais eram Natalio e Bárbara.

O Ir. Anacleto se distinguiu pela simplicidade de alma e de espírito, pela afabilidade com todas as pessoas e pela caridade feita serviço e o trabalho útil para a comunidade ou para a escola.

Se alguém se sentisse acabrunhado pelo acúmulo de trabalho, o Ir. Anacleto logo se apresentava para ajudar... Pouco importava quem dele pre-



*Um desenho
do Ir. Anacleto Luis*

Testemunho 10
=====

Em carta que o Irmão Anacleto Luís envia da prisão a seus pais, quinze dias antes de ser fuzilado, ele escreve: “Queridos pais, não se entristeçam por minha causa. Quanto vocês seriam felizes, se pudessem ter a morte que eu vou ter!”

cisasse – o superior ou um coirmão, um jovem ou um idoso – ele estava sempre pronto a ajudar a quem quer que fosse. Se alguém ficasse doente, o Irmão acorria para visitá-lo, para ajudá-lo, servi-lo nas mais elementares necessidades. Sempre com o sorriso nos lábios.



A VIDA DO IRMÃO BRUNO JOSÉ

ÁNGEL AYAPE REMÓN

Nasceu em Cáseda (Navarra), a 1.º de outubro de 1915. Seus pais, Javier e Isabel, segundo declaração de suas irmãs, Generosa e María, eram agricultores, vizinhos do lugar, muito religiosos e queridos do povoado.

O pai morreu antes que Ángel deixasse o lar, para começar os estudos preparatórios no Juvenato de Villafranca (Na-



Testemunho 11

O Irmão Bruno José recebe a visita de sua mãe e de sua irmã, no colégio. Esta nos descreve a cena: “Quando minha mãe, angustiada e triste, faz alusão aos perigos que correm os religiosos, meu irmão se coloca de pé e, cheio de alegria, exclama: ‘Mamãe, imagine, que alegria seria poder morrer mártir!’ Minha mãe rompeu em soluços ao passo que eu, interiormente, admirava a decisão e a coragem de meu irmão. E ele, para suavizar a angústia da mãe, aproximou-se e disse-lhe que no colégio havia uma porta para poder fugir.”

varra). Nessa ocasião apenas o acompanhou sua mãe Isabel; era 17 de março de 1926. A 13 de setembro de 1930 ingressou no Noviciado de Les Avellanes (Lleida). Revestiu a batina marista no dia da Natividade da Virgem (8 de setembro de 1931), com o nome de Bruno José. Depois do ano de noviciado, emitiu os primeiros votos (8 de setembro de 1932).

Segundo o costume, foi enviado, depois do escolasticado, a uma obra apostólica: Colégio Marista “Los Madrazos” (Madri). Transferido para Toledo, ali a revolução o surpreendeu, com toda a comunidade. Tinha apenas 20 anos a 23 de agosto de 1936.

Testemunho 12

O superior e diretor do Colégio “Los Madrazo” de Madri se expressou deste modo sobre o Ir. Bruno José: “Era religioso dócil e obediente, e punha em prática as observações que se lhe faziam sobre a maneira de dar aula”.

*Cáseda,
aldeia natal
do Ir. Bruno José*



VIDA DO IRMÃO EVENCIO FLORENCIO PÉREZ MORAL

O Ir. Evencio nasceu em Acedillo, província de Burgos, a 10 de outubro de 1899. Seus pais, Fausto e Teodora, eram agricultores.

O Ir. Evencio era alto, majestático, forte, sereno, insinuante, próximo aos jovens; capaz de se relacionar com eles.

São abundantes os testemunhos de seus êxitos educativos, devido a essa disposição de bem aproveitar a vontade dos jovens que o cercavam. Muitos de seus ex-alunos vinham visitá-lo de Lucena e de Toledo. Silencioso, sério, submisso às ordens dos superiores. Atento nas relações fraternas. As testemunhas são unânimes em sublinhar o afeto que acompanhava seu modo de agir sem afetação.



DOCUMENTOS



A VIDA DO IRMÃO ABDÓN LUIS IGLESIAS BAÑUELOS

O Ir. Abdón nasceu em Los Valcárceres, província de Burgos, a 19 de agosto de 1895. Seus pais eram Martín e Eustaquia. Era, portanto, irmão de Julián Iglesias – o Ir. Cipriano José, diretor da comunidade e do colégio de Toledo. Dois anos mais jovem que ele, o acompanhou em todos os seus trabalhos.

Sempre correto, sempre simples no seu modo de se apresentar e de ser. Tinha grandes qualidades e muita experiência acumulada. Distinguiu-se por seu espírito de serviço constante e discreto.



Valtierra de Alcastro (Burgos), casa natal do Ir. Eduardo María

VIDA DO IRMÃO EDUARDO MARÍA

FRANCISCO ALONSO FONTANEDA

O Ir. Eduardo María nasceu em Valtierra de Alcastro (província de Burgos), a 10 de outubro de 1915. Seus pais se chamavam Pantaleón e Teófila.

Era o jovem da comunidade. Não havia completado 21 anos. Professo temporário (duas renovações). Estava disposto a fazer o que se lhe indicava, a seguir as orientações dos Superiores, da Regra, da vontade de Deus.



VIDA DO IRMÃO FÉLIX AMANCIO

AMANCIO NORIEGA NÚÑEZ

O Ir. Félix Amancio nasceu em Aguilar de Campoo (Palencia), a 10 de febrero de 1912. Seus pais se chamavam Pedro e Aurora.

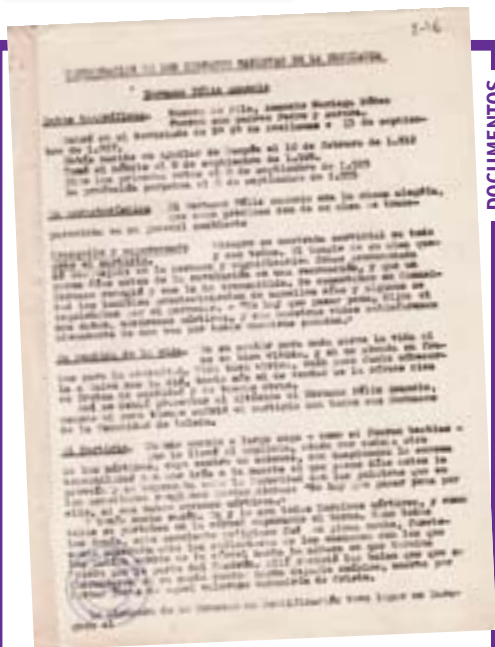
O Ir. Félix Amancio tinha 24 anos completos e era professo perpétuo desde 8 de setembro de 1935,

quando a situação começou a piorar na Espanha, especialmente em Toledo.

Em comunidade se comentavam os temíveis acontecimentos daqueles dias e alguns se inquietavam pelo futuro. Ele animava aos Irmãos até o martírio. Além disso, o Ir. Félix Amancio era a própria alegria, aquela que se refletia sobre seu jovem semblante.



O Ir. Félix Amancio no centro



DOCUMENTOS

Dados biográficos do Ir. Félix Amancio

Testemunho 13

O Ir. Félix disse: “Não fiquemos tristes, disse; se nos matarem, morreremos mártires, e pela doação de nossas vidas nossos pecados serão perdoados de uma vez só.”

COMUNIDADE DA ACADEMIA NEBRIJA, VALÊNCIA



NA CIDADE DE VALÊNCIA, OS IRMÃOS MARISTAS DIRIGIAM DUAS PRÓSPERAS ESCOLAS: A ACADEMIA NEBRIJA, ESCOLA PRIMÁRIA E PRIMEIRO CICLO DA SECUNDÁRIA (FUNDAMENTAL DOIS) E O LICEO GGMAYANS (ENSINO MÉDIO). ESSAS COMUNIDADES VIVIAM MUITO UNIDAS E SE ENCONTRAVAM COM FREQUÊNCIA. AS PÁGINAS QUE SEQUEM APRESENTAM O CASO DO MARTÍRIO DOS IRMÃOS DA ACADEMIA NEBRIJA. DURANTE O ANO ESCOLAR DE 1935-36, QUATRO IRMÃOS INTEGRAVAM A COMUNIDADE DA ACADEMIA NEBRIJA: OS IRMÃOS LUIS DAMIÁN, 45 ANOS, DIRETOR DA ESCOLA; JOSÉ CEFERINO, 31 ANOS, SUBDIRETOR; BERARDO JOSÉ, 24 ANOS E BENEDICTO JOSÉ, 23 ANOS.



Ir. Luis Damián



Ir. José Ceferino



Ir. Berardo José



Ir. Benedicto José

O MARTÍRIO

No dia 17 de julho de 1936, divulgou-se a notícia do levante militar dos nacionalistas. Imediatamente, desencadeou-se uma tormenta contra a Igreja de Valência, onde uma multidão desenfreada e frenética saqueou o seminário diocesano.

O receio de que as próximas vítimas fossem as escolas maristas aconselhou o Ir. Damián a fazer todo o possível para evitar as profanações sacrílegas: “Preocupou-se,

antes de tudo, em colocar num lugar seguro o cibório do colégio. Não apenas isso, mas atravessou a cidade em chamas para alcançar o outro colégio. Disse-me: É preciso colocar o Santíssimo num lugar seguro; vou levá-lo para um lugar seguro, onde já escondi aquele do colégio. Assim fez, atravessando novamente a cidade pelas ruas repletas de gente armada”.

No dia 21 de julho, um grupo de milicianos irrompeu na escola; deu aos Irmãos meia hora para sair dali e indicou-lhes uma pensão onde pudessem hospedar-se. Mas o dono da pensão foi condenado à prisão domiciliar e os Irmãos tiveram que separar-se. O Ir. Damián escondeu-se na casa de um antigo aluno, sr. Andreu; o Ir. José Ceferino, na casa do capelão do colégio, o Padre Antonio de la Portillay; os Irmãos Berardo e Benedicto, numa pensão administrada por três senhoras idosas. Nessa situação, um Irmão que chegara de Barcelona para esconder-se na casa de sua irmã, em Valência, encontrou o Ir. Damián e aconselhou-o a procurar o Cônsul da França. O Ir. Damián lhe respondeu: E quem vai ocupar-se de meus Irmãos? Não sabemos, exatamente, como o Ir. Damián foi preso.

No dia 4 de agosto, o Padre Francisco Martínez Ciudad, pároco de Benissa (Alicante), foi encerrado no cárcere, no antigo colégio dos Salesianos, no lugar onde se encontrava o Ir. Luis Damián. Nesse dia foram assassinados os 4 Irmãos. Não se soube onde foram enterrados os quatro Irmãos. É o que aconteceu com a maioria dos religiosos que foram assassinados nesse cárcere. Esconder os cadáveres e suas sepulturas fazia parte da perseguição.

Vida dos MÁRTIRES da COMUNIDADE DE LA ALAMEDA

VIDA DO IRMÃO LUIS DAMIÁN

Joseph Sobraqués Glory



O Ir. Luis Damián nasceu na França, em 28 de março 1891, em Bouleternère, nos Pirineus Orientais. Quando as leis de Combes confiscaram os bens das comunidades religiosas e obrigaram os religiosos a expatriar-se, o pequeno Joseph Sobraqués (Luis Damián) pediu a seus pais para tornar-se Irmão Marista e poder formar-se na Espanha. Fez o juvenato em Vic e o noviciado em San Andrés de Palomar. Na Espanha, nunca teve a impressão de estar exilado. Escrevia assim ao Irmão espanhol encarregado da pastoral vocacional, na França: “O fato de estar em Espira (França) não lhe dê a impressão de estar exilado. Eu nunca me considerei desterrado: para um cristão, sua pátria é o céu; para um religioso, seu

campo de apostolado é qualquer lugar do mundo. Seja qual for o nome desse país. Deus nos mantenha firmes, a você e a

mim, nesses princípios.” Ele vai reafirmar esses sentimentos quando o Estado espanhol vai exigir-lhe a nacionalidade espanhola para poder ensinar. O Ir. Luis Damián renuncia logo à nacionalidade francesa para adotar a espanhola.

Os perigos são, cada dia, mais iminentes e foi aconselhado a retomar a nacionalidade francesa; por outra parte, sua irmã lhe propõe de voltar à Perpignan

Testemunho 1

O testemunho dado pelo Pe. Martínez Ciudad sobre o Ir. Luis Damián faz-nos entender qual foi, para os quatro Irmãos, o ritual de preparação à morte: “O motivo por estar deitado num miserável colchão era o estado de extrema fraqueza em que se encontrava, pois tinha passado três dias sem comer. Durante esse tempo foi submetido a torturas morais: ameaças, ruídos espantosos, desfile de gente dissoluta e de mulheres de má vida que o provocavam, além de constantes ameaças com punhais. Mantiveram-no por três dias nesse estado de enfraquecimento que chamavam de “sangria”, como preparação imediata ao fuzilamento.”

Esse mesmo testemunho continua assim: “Eu estava presente, quando trouxeram o Ir. Luis Damián à presença do chefe, chamado Ungría, que tinha uma metralhadora e gritava: ‘Apresente-se aqui o Diretor dos Maristas com seus quatro companheiros!’ Vi com meus próprios olhos, na sala, o Ir. Diretor, os três Irmãos e o capelão levantarem-se de seus assentos... Passaram alguns minutos, o tempo necessário para descer a escada e para chegar ao pátio; ouviram-se cinco disparos e, imediatamente depois, outros ruídos, como se estivessem pregando os féretros e, em seguida, o ronco de um caminhão fez-nos entender que os cadáveres eram transportados para outro lugar... Continuando, o chefe Ungría pediu que lhe apresentassem os quatro sacerdotes de Alicante que estavam ali... ‘Vocês viram. Os cinco senhores já estão mortos e enterrados; a vocês passará o mesmo se, antes de quatro horas, não entregarem vinte mil pesetas’.”



e de orientar-se para o sacerdócio. Ele permanece fiel à sua vocação de Irmão e conserva a nacionalidade espanhola. Fê-lo com conhecimento de causa, pois escreve a uma tia que era religiosa: “Desde esta data, é horroroso ver a quantidade de conventos, igrejas e outros edifícios católicos que são queimados ou destruídos. As cidades menores foram as mais maltratadas. Por isso, numerosos religiosos tiveram que abandonar seu lugar de trabalho”.

Testemunho 2

O Ir. Luis Damián pede a uma tia religiosa e à sua comunidade que rezem por ele: “Agora mais do que nunca, recomendo-me a suas fervorosas orações e às de sua comunidade para que eu esteja à altura de meu trabalho, em tempos de paz como em tempos de guerra, e para que não perca a nenhum daqueles que Nosso Senhor me confiou.”

Testemunho 3

Eis aqui a imagem do Ir. Luis Damián que ficou gravada na memória do padre Francisco Martínez Ciudad, quando foi chamado para testemunhar no tribunal diocesano: “Tive a impressão de estar confessando a um santo; sua preparação ao martírio e seu comportamento manifestavam-no com toda evidência. Desde o dia de sua execução não pude esquecer a atitude do santo Irmão; recomendei todos os meus problemas ao Servo de Deus; inclusive, convidei doentes graves a recorrerem a ele para que se cumpra a vontade do Todo-Poderoso”.



A VIDA DO IRMÃO JOSÉ CEFERINO

ELÍAS GARET VENTEJO

O Ir. Ceferino nasceu em Centelles (Barcelona), em 28 janeiro de 1905. Em 1918, depois da morte de sua mãe, começou o período de formação marista. Tinha um caráter conciliador, habituado à humildade e à atenção com os demais. Foi nomeado subdiretor da Academia Nebrija para o ano escolar de 1935-1936. Ele e o Ir. Diretor formavam



Declaração no processo da causa de Beatificação

DOCUMENTOS

uma dupla perfeita no governo da escola e na vida religiosa espiritual.

A VIDA DO IRMÃO BERARDO JOSÉ E DO IRMÃO BENEDICTO JOSÉ

JOSÉ PAMPLIEGA SANTIAGO y LUCIO GALERÓN PARTE

Os Irmãos Berardo José e Benedicto José são os dois Irmãos mais jovens dessa comunidade de mártires; o primeiro tinha 24 anos e o segundo, 23 e meio; os dois são oriundos da província de Burgos.

Berardo José nasceu em Cañizar de Argaña, Burgos, em 27 de agosto de



Testemunho 1

Um testemunho interessante vem do Pe. Francisco Sastre Vallés, pároco de Mislata, que esteve no mesmo cárcere: “Os dirigentes consideravam que os Irmãos eram pessoas importantes pela vida religiosa que levavam e pela sua santidade; por isso, os escolheram para serem as primeiras vítimas”. Acrescenta, com efeito, que, nos poucos dias em que permaneceram no cárcere, dedicaram-se a exercer apostolado entre os demais prisioneiros: “Distinguiam-se, sobremaneira, por sua firmeza heroica e por sua profunda piedade. Todos viam neles almas extraordinárias, como há poucas”.

Testemunho 1

Um Irmão da outra escola da cidade lembra-nos o que se dizia dele:

“Familiarmente, o chamávamos de ‘são Luís’ (de Gonzaga). Manifestava uma juventude sadia, virtuosa, comprometida, orante, com vida interior que irradiava beleza, lucidez e disponibilidade ativa... Era também uma grande pessoa, grande pelos conhecimentos e pelo saber; hábil para dar-se conta das situações e para prestar serviço.”

1912. Era simples, aberto, serviçal, comunicativo e constante nos estudos, sem ser dotado de grandes talentos intelectuais; no entanto, no ensino se desempenhava bem.

Benedicto José nasceu em Yudego, Burgos, em 13 de dezembro de 1912. Era um jovem de sentimentos nobres, simples e sem malícia. Quando iniciou a ensinar, em 1929, foi destinado a Vallejo de Orbó e um ano em Barruelo de Santullán, na zona das minas de carvão, na Província de Palencia. Viveu três anos na companhia do Ir. Bernardo. Em 1935-1936, formava parte da comunidade da “Academia Nebrija” de Valência. Quando a perseguição obrigou os Irmãos à dispersão, Benedicto permaneceu constantemente ao lado de Berardo. Foram detidos juntos e encarcerados no que fora colégio dos Salesianos, na rua Sagunto. Ali se encontraram com seus Irmãos diretor e subdiretor, presos poucos dias antes.

COMUNIDADE DE VIC

*Vic: Juvenato 1925*

VIC É UMA PEQUENA CIDADE NO INTERIOR DA CATALUNHA, A UNS 60 quilômetros ao noroeste de Barcelona. Nessa cidade, em 1936, havia a comunidade marista do “Sagrado Coração de Jesus”, junto da alfaiataria, que confeccionava as batinas de todos os irmãos espanhóis, e o juvenato, onde se formavam uns quarenta jovens adolescentes. Vamos nos centrar, sobretudo, na comunidade do internato. Integravam-na quatro irmãos: Severino, 28 anos; José Teófilo, 19 anos; Justo Pastor, 29 anos; e Alípio José, 20 anos. Toda a comunidade vai ser sacrificada, mas em dois momentos diferentes, primeiro os irmãos José Teófilo e Severino, em 1º de agosto de 1936, e logo depois os irmãos Justo Pastor e Alípio José, em 8 de setembro de 1936. É um grupo de mártires jovens, já que o irmão Justo Pastor, o de mais idade, acabava de completar 29 anos, e o primeiro a derramar seu sangue pelo Senhor será o mais jovem, quer dizer, o irmão José Teófilo, com seus 19 anos.

O MARTÍRIO

O MARTÍRIO DOS IRMÃOS JOSÉ TEÓFILO E SEVERINO

Em 27 de julho de 1936, perto das seis da tarde, uma dezena de milicianos, enviados pelo Comitê de Barcelona, armados de pistolas e fuzis, se apresentam para fazer a inspeção da casa de Vic e para apoderar-se dela. Decidem transladar à “Casa de Caridade” os 15 juniores que não puderam ir para casa, ao passo os Irmãos poderão ficar e dormir na comunidade até 29 de julho. No dia 30, os milicianos acompanham o Irmão Administrador ao banco, obrigam-no a sacar todo o dinheiro e a entregar-lho. Depois, entregam a cada Irmão cem pesetas e um salvo-conduto para Barcelona.

Os Irmãos Cleto Luís, Dionísio David e os futuros mártires, Severino e José Teófilo, se alojam na pensão “Santo Antônio”, mas vão comer no “Hotel Espanhol”. Durante o jantar, milicianos entram no hotel e prendem os quatro Irmãos. No interrogatório, são acusados de ser fascistas, “como todos os frades e padres... e de matar gente durante a noite”. E em seguida ameaçam-nos de morte.

Pelas 4 da madrugada, retiram-nos escoltados. Uns veículos estão esperando, e os Irmãos compreendem que os convidam ao passeio, ao último passeio. Levam-nos para fora de Barcelona, os Irmãos José



Ir. José Teófilo



Ir. Severino



Ir. Alípio José



Ir. Justo Pastor

Teófilo e Dionísio David em um automóvel, e os Irmãos Severino e Cleto Luís em outro. O carro destes dois últimos para numa estrada deserta; à direita havia umas árvores frutíferas, à esquerda uma encosta do terreno. Ordenam-lhes descer do veículo e dizem ao Irmão Cleto que caminhe até a encosta. Ao Irmão Severino ordenam-lhe que grite: “Viva a F.A.I.”, mas ele grita: “Viva a Virgem do Pilar!”.

– “Dize: ‘Viva a República’ e te deixaremos ir”. Ele responde: “Viva Cristo Rei!” Raivosos, os milicianos fazem-nos subir ao carro: “Sobe, que te vamos ensinar”. Nesse momento, chega o outro veículo com os Irmãos José Teófilo e Dionísio David. O Irmão Severino pede que lhe deixem dar um abraço aos Irmãos pela última vez. Ante a negativa e achando que iriam atirar no Irmão Cleto Luís, grita: “Viva Cristo Rei!”.

Um dos milicianos, com uniforme de soldado, disse aos demais: “Está impressionado, não sabe o que diz”. Fa-

Testemunho I

Os advogados que defendiam os religiosos sabiam que sua tarefa era inútil: contra os eclesiásticos se decretava, a priori, a pena capital. As autoridades da F.A.I. deram esta ordem às patrulhas dos milicianos: “Não permitam nenhuma proteção aos sacerdotes, frades ou monjas”.

Nesse clima de hostilidade viviam os Irmãos da comunidade de Vic, naquele verão de 1936.

Testemunho 2 =====

Todos estes Irmãos estavam preparados para o martírio. Antes de separar-se, em Vic, o Ir. Jerônimo Emiliano, diretor, animou-os dizendo: “Até logo, se Deus quiser, e senão, adeus até o céu, até a vida eterna, na glória... Seguros de que nos tornaremos a ver, sigamos unidos pela oração”.

Recordando a noite do interrogatório, o Ir. Cleto Luís escreve: “Em meio a tudo isto, mantenhamo-nos serenos, pois cinco dias antes, na festa de Santiago, nos havíamos confessado e tínhamos comungado como se fosse a última vez”.

zem-no entrar no carro com os outros dois Irmãos. Tendo chegado ao arroio Río Llóbregat, o carro para de novo. Dizem ao Irmão Dionísio David que vá correndo para o arroio. Enquanto vai correndo, ouve-se uma descarga. Os milicianos acabam de assassinar o jovem Irmão José Teófilo. Ficava em seu poder só o Irmão Severino. Seguem seu caminho até La Palma de Cervelló. Visto que o Irmão Severino se nega a gritar slogans revolucionários, mandam-no descer do carro e o crivaram de balas. Morre gritando: “Viva Cristo Rey, Viva la Virgen del Pilar!” Aqueles milicianos que não tinham disparado se achegam ao corpo e descarregam também seus fuzis. Rara rematar, o asperge com gasolina, tocam fogo e o abandonam na sarjeta.

O MARTÍRIO DOS IRMÃOS JUSTO PASTOR E ALIPIO JOSÉ

Esses dois Irmãos ficaram juntos para cuidar dos juniores de Vic que não puderam ir à casa de seus pais e que foram alojados na “Casa da Caridade”. Como lhes era impossível desempenhar esse apostolado, o Irmão Provincial os chamou a Barcelona. São hospedados com os Irmãos Jacinto Miguel e Maximino, ambos de avançada idade. Os quatro Irmãos são detidos na tarde do dia 7 de setembro e fuzilados no dia seguinte. Essa maneira de agir corresponde perfeitamente ao ritual expedido pela F.A.I. nos casos de execuções de sacerdotes e religiosos. Seus corpos são identificados na Clínica pelo Irmão Gérard que estava internado ali e pelos Irmãos Eráclio Maurin, suíço; Ismier, francês, e pelo Irmão Raimundo (Egmidio Paniagua) que será assassinado mais tarde.



Vida de Nossos 4 Irmãos

A VIDA DO IRMÃO SEVERINO

SEVERINO RUIZ HIDALGO

Severino nasce em 5 de novembro de 1907 em Fuencaliente de Lucio, Burgos. Apesar de ter tido dois Irmãos Maristas e que desejava ser Irmão, viu seu projeto fortemente contrariado. Dois tios seus, um sacerdote e outro Irmão Marista, instaram com seus pais para que impedissem a entrada de Severino no juvenato. Foi somente depois de três anos de serviço militar que Severino pôde entrar ao noviciado de Les Avellanes. Uma vez termi-

nada sua formação, permanece em Les Avellanes na qualidade de prefeito de postulantes e, em 1935, vai ao internato marista de Vic. Disse ao seu diretor: "Irmão Diretor, não tenha medo de dizer-me os defeitos que perceber em mim; que sou "cachorro velho" (perro viejo). Sua vida espiritual se sintetiza em três palavras: sacrifício, oração, abnegação. Mantém vivo o desejo de que seu Irmão mais jovem entre também na congregação para que todos os filhos varões da família sejam Maristas.



Foto familiar do Ir. Severino

Restos do Ir. Severino



Testemunho 1

=====

O Ir. Severino nos dá a conhecer seus sentimentos profundos quando escreve a seu pai e aos seus irmãos: "Não vos preocupéis conosco. Sabemos perfeitamente o que buscamos e o que isto custa. Virão dias maus, ou melhor malíssimos, e o bom é que eles não vão tardar, porém nós, como Jesus Cristo, dizemos: Vencemos o mundo".

A VIDA DO IRMÃO JOSÉ TEÓFILO

José Mulet Velilla

Nasce em 28 de junho de 1917 em en Mazaleón, Teruel. Ingressa em 1928; com 11 anos já demonstra ter uma personalidade que se distingue por uma sã alegria, uma inteligência viva, por seu amor ao trabalho e por sua piedade.



Testemunho 1

=====

Durante o interrogatório, os milicianos dizem ao jovem Ir. José Teófilo: "Escuta, tu ainda és jovem, diga-nos a verdade e te deixamos a vida; A vida é tão bela. Vais retornar junto à tua família e o celebrareis com uma grande festa". Porém, ele não escutava esta promessa adulatora.



O Ir. José Teófilo com seu irmão à esquerda



Carta da prefeitura para a exumação do Ir. José Teófilo

Em setembro de 1935, encontra-se na comunidade de Vic para fazer seu cursinho de preparação para o magistério. Nessa comunidade é onde o surpreenderão os acontecimentos de 1936. Em tudo, vai seguir as pegadas do Irmão Severino. Só tem 19 anos, quando, no dia 1º de agosto, cairá vítima do ódio antirreligioso, e será o primeiro a derramar seu sangue pelo Senhor...

A VIDA DO IRMÃO JUSTO PASTOR MÁXIMO ARANDA MODREÇO



Máximo nasce em 3 de setembro de 1907, perto de Saragoça em Gallur. Aos 12 anos, o pároco do povoado o leva ao juvenato de Vic onde vai amadurecendo sua vocação. Desde setembro de 1934, seu campo de ação é o juvenato de Vic. Quando, no dia 30 de julho de 1936, lhe concedem o salvo-conduto, se aloja na casa de sua irmã Angelita, em Barcelona, juntamente com o Irmão Emígdio Paniagua. Entretanto, isso não o impede de ir à “Casa de Caridade” para ver os juvenistas. Apre-

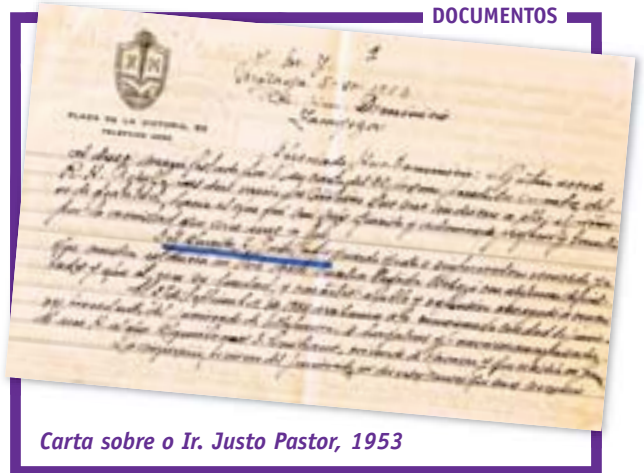
Testemunho 1

Um de seus formadores nos deixa este testemunho: “Que Deus nos conceda muitos Irmãos com esta têmpera: piedosos, fervorosos, serviçais, aplicados nos estudos, generosos, habilidosos em contribuir com seu acervo espiritual e intelectual”.

O Ir. Cleto Luís que viveu com ele os dois últimos anos, disse-nos que sua vida espiritual tinha três sólidos pontos de apoio: o amor a Jesus no Santíssimo Sacramento do altar, uma terna devoção a Maria e a fidelidade na observância da santa regra... Cada dia agradecia a nossa Boa Mãe o dom de sua vocação e pedia a graça de perseverar até a morte. Conta-nos ainda que: “Durante os três dias em que estávamos trancados em nossa casa como em um cárcere, (os dias 27, 28 e 29 de julho)... sob a vigilância contínua dos milicianos... o Ir. Justo Pastor dava voltas pelo claustro rezando o rosário ou cumprindo com os outros exercícios da Regra”.

senta-se ao diretor dessa casa como professor de música, e o deixam entrar. Muito chegado aos juvenistas, anima-os, acompanha-os nos passeios e aproveita toda ocasião para ensinar-lhes o catecismo. Mas como o Irmão não está inscrito em nenhum sindicato, o diretor da “Casa de Caridade” já não pode deixá-lo entrar muitas vezes. O Irmão se aloja numa pensão em Barcelona, com os Irmãos Alípio, Máximo e Jacinto Miguel. Em 7 de setembro, durante o jantar, os quatro Irmãos são presos e, no dia seguinte, 8 de setembro, festa da Natividade de Maria, foram assassinados.

DOCUMENTOS



Carta sobre o Ir. Justo Pastor, 1953



VIDA DO IRMÃO ALÍPIO JOSÉ

MAXIMIANO DRONDA LEÓZ

Maximiano nasce em Ustárroz, Navarra, no dia 8 de junho de 1916. Aos 14 anos entra na casa de formação de Villafranca de Navarra. Para evitar os perigos que acompanham o serviço militar solicita po-

Testemunho 1
=====

Seus companheiros de noviciado e de escolasticado atestam que era “obediente, servicial, trabalhador, sempre disposto a sacrificar-se”.

der ir às missões e isso lhe é concedido. No dia 15 de julho, sai de Les Avellanes para dirigir-se a Vic e esperar ali o embarque para a Argentina. Na realidade, terá a mesma sorte que a da comunidade. Consciente da possibilidade do martírio, suplica à Boa Mãe: “Se tenho que morrer, minha Mãe, que seja no dia de vossa festa”. Pensava no dia 15 de agosto. De fato a data será 8 de setembro, festa da Natividade de Maria, aniversário de sua tomada de hábito e de sua primeira profissão.



Ustárroz (Navarra): aldeia natal do Ir. Alípio José



O IRMÃO JOSÉ DE ARIMATEA DE RIBADESELLA

OS IRMÃOS MARISTAS TI-
NHAM FUNDADO UMA
ESCOLA EM RIBADESELLA,
ASTURIAS, EM 1930. A CO-
MUNIDADE ESTAVA INTEGRADA
POR CINCO IRMÃOS E O IR. JOSÉ
DE ARIMATEA ERA O DIRETOR.

O trabalho que se fazia na escola, do ponto de vista intelectual e moral era excelente e tinha a simpatia e o apoio do pároco e do povo, menos do prefeito que tinha inscrito o Ir. José de Arimatea entre os "elementos perigosos".

No dia 25 de julho de 1936, o povoado de Ribadesella cai em mãos dos republicanos. Era uma hora da madrugada, quando um grupo de milicianos irrompe na escola, com ordem de prender o diretor. Só buscam a ele e só prendem a ele. Não incomodam os demais Irmãos, permitem-lhes permanecer em casa, e inclusive pedem ao Ir. Demetrio Ortigosa Oraá, subdiretor, que substitua ao diretor. O tempo que o Ir. José de Arimatea passará na prisão será longo e penoso, que se concluirá com sua morte no dia 4 de setembro de 1936.

Testemunho 1

=====

A Senhora Maria Cuevas Vitorero, cozinheira da comunidade, fazia frequentes visitas aos Irmãos na prisão. Ela deixou seu testemunho: Eu os visitei todos os dias e lhes levei alimentos e vestes. Eu jamais os escutei se lamentarem contra a Providência, e eu os encorajava dizendo: : 'Vós, vós saireis, vós vereis'. Ele me respondeu: 'Não, isto não será assim ; eles me matarão porque eu sou religioso ; mas eu aceito porque é Deus quem me escolheu.' Na prisão eu o vi rezar seguidamente. Ele tinha consigo o terço, o escapulário e o crucifixo de sua profissão. Alguns dias antes de sua morte ele me confiou o crucifixo para que ele não fosse profanado.



Notícia da imprensa



O MARTÍRIO

No dia 14 de julho, os milicianos separam treze presos, entre os quais está o párroco de Ribadesella e outros três sacerdotes dos arredores. Levam-nos ao cemitério e os crivam de balas. No dia seguinte, uma camioneta leva ao cemitério o Ir. José de Arimatea e outros dois. A escolha do grupo foi deliberada: o Irmão deverá enterrar ao seu amigo padre, em segundo lugar enterrará a seu irmão e em terceiro a seu cunhado. Ver os corpos furados a balaços causa uma profunda amargura no coração do Irmão; é uma ferida profunda, pois o Irmão e o sacerdote colaboravam em todo o trabalho da paróquia.

No dia 4 de setembro, colocam o Irmão num caminhão cheio de outros condenados à morte. Chegados à entrada de uma mina, atam-lhes as mãos com arames e os jogam vivos no fundo do poço. Aí ficam abandonados e morrem de fome. Os agricultores próximos do lugar ouvem gritos espantosos durante a noite que não os deixam dormir.

Quando, em outubro de 1937, o exército nacionalista se apodera de Astúrias, a Cruz Vermelha procede às exumações. Os restos do Irmão são reconhecidos pela batina, as iniciais da camisa e o escapulário.

DOCUMENTOS

A VIDA DO IRMÃO JOSÉ DE ARIMATEA

RESTITUTO SANTIAGO ALLENDE

O Ir. José de Arimatea nasceu perto de Santander em Bustillo del Monte, a 10 de junho de 1902. Toda sua formação marista, desde o juvenato até o escolástico, se desenvolverá em Anzuola, no País Basco. Tem um caráter primário e às vezes dá a impressão de ser arredo e demasiado crítico, o que não facilita as relações sociais.

No entanto, este homem de caráter algo violento por natureza, prepara as crianças à Primeira Comunhão e lhes infunde o amor ao Senhor; dirige o coral para fa-

zer mais belas e solenes as celebrações litúrgicas da paróquia. Está sempre disposto a admitir gratuitamente as crianças pobres em sua escola. Mostra-se paternal e justo com os operários que trabalham na escola, e nunca despede com as mãos vazias ao pobre que bate à porta. Quando o jovem farmacêutico do povoado, pouco religioso, contrai a tuberculose, o Irmão vai cuidá-lo noite e dia com tanta atenção que o enfermo se aproxima da Igreja e morre reconciliado com Deus.



O IRMÃO AURELIANO DE BADAJOZ

O Colégio “Nossa Senhora do Carmo”, na cidade de Badajoz, havia sido fundado recentemente, em 1930.

A comunidade marista em 1936 tinha 12 Irmãos e o Irmão Aureliano formava parte desta comunidade, porém dava aulas no seminário diocesano.

Quando os republicanos tomaram a cidade de Badajoz, a 18 de julho de 1936, confiscaram todas as igrejas, todos os conventos e levaram ao cárcere a 300 pessoas. Por medida de prudência, o Ir. Estanislau José, superior da comunidade, convidou aos Irmãos para se distribuírem entre as famílias dos alunos.

*Ponte onde foi fuzilado
o Ir. Aureliano,
dia 18 de junho de 1936*

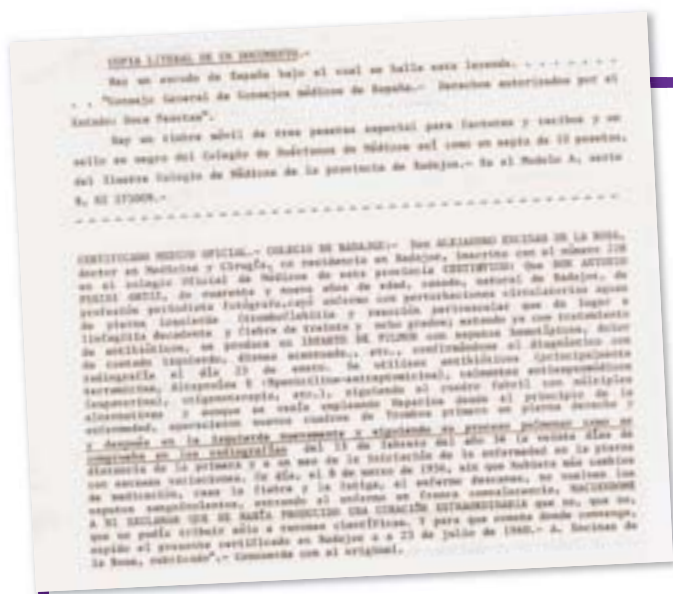


O MARTÍRIO

O Ir. Aureliano com um grupo de amigos, havia tentado fugir para Portugal. Estes amigos levavam armas para passar a fronteira com maior segurança. Ao constatar este fato, o Irmão preferiu voltar com a família dos Pesini, que em Badajoz, o haviam ocultado anteriormente. Ocultaram-no numa pequena casinha que tinham fora da cidade. Porém a cozinheira da família revelou o esconderijo e os milicianos foram aprisionar o Irmão.

Ao vê-lo pelo caminho, um deles disse: “És sacerdote!” Todos se jogaram sobre ele golpeando-o com as coronhas dos fuzis, dando-lhe socos e pontapés; e caiu várias vezes no chão. Puxou um crucifixo e se pôs a beijá-lo. Isto tornou os milicianos mais enfurecidos ainda e voltaram a golpeá-lo tão violentamente ao ponto de lhe fazer saltar um olho do seu rosto. Gritavam: “Dispam-no!” Entre golpes e empurrões, levaram-no a uma das arcadas da ponte. Queriam fuzilá-lo de pé, porém ele sempre se punha de joelhos.





Cura de Antonio Pesini

DOCUMENTOS

Forçaram-no a manter-se de pé, e ele se punha outra vez de joelhos. Durante este tempo, os milicianos e as milicianas não paravam de blasfemar. Várias vezes convidaram ao Irmão para que repetisse as blasfêmias que proferiam, porém ele ou se calava ou lhes respondia: “Isto, eu nunca direi”. Perguntaram-no: “Onde queres que te matemos?” “Onde quereis”, lhes disse. Fuzilaram-no de joelhos, enquanto abraçava o crucifixo e gritava: “Viva Cristo Rei”.

Espantado pela rapidez da execução, o chefe perguntou: “Já o mandaram tomar um café?” “Sim, já está!”, respondeu o que lhe havia disparado. “Bem, pois agora volta e lhe dá outro tiro de minha parte!” E assim o fez.

A VIDA DO IRMÃO AURELIANO

Pedro Ortiçosa Oraí

O Ir. Aureliano nasceu a 5 de fevereiro de 1894, em Torralba del Río, um povoado de Navarra. A partir dos 16 anos, começa sua formação marista em Anzuola. Tinha um temperamento enérgico, decidido, alegre e otimista por natureza. Na tarefa apostólica, havia-se fixado como ideal conduzir as



Foto da Comunidade de “Nuestra Señora del Carmen”, na cidade de Badajoz, da qual fazia parte o Ir. Aureliano

Testemunho 1

“Quero declarar o seguinte: que tendo padecido embolia pulmonar, o doutor Alexandro Encinas de la Rosa me desenganou. Então, pedi aos meus familiares que colocassem debaixo do travesseiro de minha cama um pouquinho de terra do lugar onde caiu o servo de Deus. (Eu a tinha guardada de antemão). Minha cura foi tão rápida e tão completa que os médicos ficaram surpreendidos. E dura até o dia de hoje; e posso dedicar-me aos negócios de minha profissão”.

crianças e educá-las de tal modo que pudessem fazer a experiência de Deus e da Virgem Maria. Quanto a ele, o segredo de sua vida espiritual era permanecer “na presença da Boa Mãe e ir a Jesus por meio dela”. Como manejava bem as coisas da cozinha, seguidamente nos dias de festa, surpreendia a comunidade com alguma preparação culinária especial. Além das aulas que dava no Seminário, visitava o bairro mais pobre da cidade e havia iniciado uma escolinha para as famílias menos favorecidas.

COMUNIDADE DE MÁLAGA

NA cidade de MÁLAGA, OS IRMÃOS DIRIGIAM O COLÉGIO “NOSSA SENHORA DA VITÓRIA”. DURANTE O ANO DE 1935-1936, O DIRETOR ERA O IR. GUZMÁN (51 ANOS), E OITO IRMÃOS COLABORAM COM ELE: TEÓGENES (50 ANOS), FERNANDO MARIA (41 ANOS), ROQUE (51 ANOS), LUCIANO (44 ANOS), PEDRO JERÓNIMO (31 ANOS), TODOS ELES COMPANHEIROS DE MARTÍRIO, E OS IRMÃOS DALMIRO, ISAÍAS E PAULINO LEÓN QUE ESTAVAM NO CÁRCERE COM ELE, PORÉM NÃO FORAM MARTIRIZADOS.





Ir. Pedro Jerónimo



Ir. Teógenes



Ir. Luciano

O MARTÍRIO

Em 20 de julho de 1936, o colégio foi saqueado, porém não ocupado; desta forma os Irmãos puderam passar a noite no colégio. Em 22 de julho, o Ir. Guzmán reuniu no colégio toda a comunidade, aconselhou os Irmãos a colocar-se num lugar protegido e distribuiu-lhes o dinheiro que restava.

MARTÍRIO DOS IRMÃOS PEDRO JERÓNIMO, TEÓGENES E LUCIANO

Os Irmãos Teógenes, Luciano e Pedro Jerónimo refugiaram-se numa casa de confiança da senhora Rosaria Jurado Rivas, na rua da Bolsa. Lá se apresentaram os milicianos com a intenção de prender aos sacerdotes aí escondidos. Diante da pergunta se havia sacerdotes o Ir. Pedro Jerónimo respondeu de que não havia sacerdotes. Ao insistir, afirmou que não eram sacerdotes senão Irmãos maristas.

Responderam: “Para nós sacerdotes ou Irmãos maristas é a mesma coisa”. Lá mesmo foram presos e levados ao Comité popular.

A senhora que os alojava foi presa igualmente. No comissariado tiveram que assinar a pena de morte.

A senhora foi liberada sob ameaça, os Irmãos, ao contrário, foram levados ao cemitério próximo onde os fuzilaram a 27 de agosto.

MARTÍRIO DO IRMÃO FERNANDO MARÍA

Os primeiros presos foram os três Irmãos que permaneciam no colégio, quer dizer, os Irmãos Fernando Maria, Dalmiro e Paulino León. Era pouco depois da meia-noite. Os milicianos disseram aos Irmãos que não se vestissem demasiado elegantemente pois esperava-os o paseito (o pequeno passeio antes do fuzilamento). No caminho, os Irmãos ouviram os milicianos falar do lugar e do momento da execução. Porém, no comissariado decidiram jogá-los no cárcere.

Ali permaneceram mais de um mês, até o dia 24 de setembro quando lhes concederam a liberdade. Porém, ao sair do cárcere foi reconhecido o Ir. Fernando Maria pelo grupo que o havia preso e identificado como Irmão marista. Foi tomado pela população, assassinado ali mesmo e seu corpo entregue à multidão.



Ir. Fernando María



Ir. Guzmán

MARTÍRIO DO IRMÃO GUZMÁN

A 24 de agosto descobrem ao Ir. Guzmán no Hotel Império onde se alojava. Passou um mês no cárcere e tornou-se muito doente. A 24 de setembro a aviação nacionalista bombardeou de novo a cidade de Málaga. Em represália, fuzilaram muita gente no cárcere, especialmente todos aqueles que estavam na enfermaria. Eram tão numerosos que no lugar da execução tiveram que colocar-se

Testemunho 1

O dia do primeiro aniversário de seu martírio, o periódico 'Sur de Málaga' reconheceu oficialmente seus méritos no campo social: "Ir. Guzmán, amigo dos operários de Málaga, soube com sua bondade atrair a simpatia de todos com os quais se relacionou, por sua cordialidade, por seu bom coração, assassinado na saca a 24 de setembro de 1936."

Testemunho 2

Uma testemunha afirma: "Em minha opinião, foram martirizados porque eram pessoas conhecidas como religiosos. Perseguidos e mortos por serem religiosos. O Ir. Guzmán, sobretudo, que não podia ter inimigos, cuja bondade era conhecida de todos"...

em fila e esperar sua vez. O Irmão foi assassinado com outros sacerdotes e enterrado na fossa comum perto do cemitério.



Ir. Roque

MARTÍRIO DO IRMÃO ROQUE

O Ir. Roque havia sido acolhido pela família do cônsul do México que lhe deu alojamento na casa de sua cunhada, fora da cidade. Durante uma inspeção, um dos milicianos, antigo aluno expulso do colégio o reconheceu. Comunicou aos outros que havia prendido um "peixe gordo", um Irmão marista. Decretaram imediatamente a sentença de morte e o executaram logo em seguida ao pé de uma árvore. Era o dia 18 de outubro de 1936.



Monumento no cemitério de Las Avellanas aos mortos da Guerra Civil

Vida dos Irmãos da Comunidade de Málaga

A VIDA DO IRMÃO GUZMÁN PERFECTO BECERRIL MERINO

O Ir. Guzmán nasce em Grajalba (Burgos), a 19 de abril de 1885 e no batismo recebe o nome de Perfecto. Aos treze anos, empreende o caminho da vida marista no juvenato de Burgos, depois em San Andrés de Palomar (Barcelona). Emite os primeiros votos em 1901 e cinco anos depois faz a profissão perpétua.



Testemunho 3

Na Prisão Provincial: 24/8/1936 a 24/9/1936

“Do Superior dos Maristas, Sr. Perfecto Becerril (Ir. Guzmán), há coisas muito edificantes a narrar. Teve sua salvação na mão, mas não quis deixar os seus. Como Diretor, sentiu-se obrigado a seguir a sorte dos demais e não sair de Málaga. Era um homem de piedade muito acrisolada. Na brigada onde dormia não havia sacerdote, mas ele o supria enquanto lhe era possível, rezava o rosário com eles, exortava-os em caso de perigo, explicava-lhes o ato de contrição perfeita... Quando eu saí da prisão, deixei-o na enfermaria com sérios tremores. Aquela mesma manhã o atendi em confissão, ele ajoelhado no centro do quarto, e eu de pé.” (Pe. García Alonso, S.J.)

Testemunho 5

O Ir. Guzmán podia ter escapado. Era amigo do cônsul da Itália. Propuseram-lhe que se colocasse em contato com ele, porém, o Irmão lhes respondeu: “O capitão do barco deve ser o último a se salvar. Enquanto houver um só em perigo, eu permaneceréi de timoneiro.” No cárcere, disse ao Padre Francisco García Alonso: “Podia ter fugido, porém não quis abandonar os meus. Na qualidade de diretor, sempre pensei que eu devia seguir a mesma sorte que os demais, e não sair de Málaga sem eles.”

Testemunho 4

“Era religioso e diretor íntegro. Tinha coração de pai... Tinha o dom da delicadeza. Era jovial e alegre com todos. Incansável, não desistia antes de conseguir o que se propunha.”

(Ir. Isaias, sobrevivente da Comunidade de Málaga)

OS MÁRTIRES DA COMUNIDADE DE MÁLAGA

Irs. Guzmán, Pedro Jerónimo, Teógenes, Luciano, Fernando María, Roque

DOCUMENTOS



Tinha a qualidade de conquistar o afeto daqueles com os quais trabalhava e por outra parte era um homem de profunda vida espiritual. Gostava de chamar a Virgem Maria “a Mãe do céu” para expressar uma relação mais carinhosa e confiante, e deseja que ninguém fosse órfão desta terna mãe.

Mostrava-se sempre atento para com os pobres: os alunos que passavam momentos difíceis continuavam seus estudos sem pagar. Por sua mediação, muitos operários conseguiram um trabalho estável evitando permanecer na condição de diaristas. Agradável, visitava aos enfermos nos hospitais civis e militares e lhes proporcionava um confessor se manifestavam o desejo de confessar-se.



A VIDA DO IRMÃO FERNANDO MARÍA CELEDONIO MARTÍNEZ INFANTE

O Ir. Fernando Maria nasceu em Acedillo, província de Burgos, a 30 de agosto de 1895. Seus pais se chamavam Salustiano e Gregoria.

As testemunhas afirmam de Celedonio que, desde pequeno, mostrava-se

sério, aplicado, porém alegre e serviçal; são muitas qualidades acumuladas. A família Martínez Infante preparou com todo cuidado a seu filho para ingressar no Juvenato de Arceniega. O caso de seu exemplo repercutiu tanto no povoado que Florencio Pérez Moral, um pouco mais jovem, seguiu seus passos.

O Ir. Fernando formou-se conscientemente como educador. Foi escalando pouco a pouco os graus desde o primário até o bacharelado. Seu estilo de educador o distinguia mais por ser uma pessoa amável, simples e sociável do que pelos seus conhecimentos. Sabia transmitir entusiasmo e conhecimento e conquistar o afeto dos alunos.

Testemunho 6

No cárcere colocaram o Ir. Fernando María com os presos comuns da última escala social. Desdobrou-se em caridade entre eles, e os seus serviços foram tão marcantes que os testemunhos afirmaram o seguinte: Escrevia-lhes cartas a familiares e amigos; preparava-lhes solicitações às autoridades; transcrevia-lhes as solicitações; tirava-lhes as dúvidas de qualquer tipo; consolava-os e dava-lhes alento em meio à desgraça, da culpa ou do infortúnio. Chamavam-no com o bonito nome de o mestre, assim, em toda contenda ou litígio era ele quem, com autoridade, dirimia.

A VIDA DO IRMÃO TEÓGENES

Pedro Valls Piernau

O Ir. Teógenes nasceu em Vilamacolum, diocese e província de Girona, a 22 de novembro de 1885. Seus pais chamavam-se Jaime e Cecília.

O Ir. Teógenes era um abnegado professor e catequista, por sua boa pedagogia, que foi sendo construída com trabalho e constância. Enfermo do coração estava próximo de outros enfermos porque sabia compreendê-los bem.



A VIDA DO IRMÃO LUCIANO

Mauro Álvarez Renedo

O Ir. Luciano nasceu em Albacastro, província e diocese de Burgos, a 15 de janeiro de 1892. Seus pais se chamavam Bonifácio e Maria.

Sobressaía-se também no trato com os companheiros; era carinhoso, divertido e de bom caráter. Não só no seu povoado senão também no Noviciado.

Teve vários envios em sua vida. Sempre foi obediente e fiel aos compromissos e coerente com o prometido.

A VIDA DO IRMÃO PEDRO JERÓNIMO

José Félix Serret Anqlés

O Ir. Pedro Jerónimo nasceu em Ráfales, província de Teruel e diocese de Zaragoza, partido judicial de Valderrobres, a 20 de novembro de 1904. Seus pais chamavam-se Vicente e Maria Tremedal.

Um curso de renovação que se realizaria no verão de 1936 em Les Avellanes esperava também a presença do Ir. Pedro Jerónimo. Estava preparando a viagem a partir de Málaga, a qual foi frustrada com seu martírio.



Testemunho
copiado
da
imprensa

Certificado
de batismo



DOCUMENTOS

VIDA DO IRMÃO ROQUE

Abilio Villareal Abaza



*O Ir. Roque
com seus alunos*



O Ir. Roque nasceu em Arazuri, província de Navarra, a 22 de fevereiro de 1885. Seus pais chamavam-se Hermenegildo e Agapita. Três Irmãos na família. Seu pai, professor do povoado.

Sua destreza pedagógica pode-se dizer que lhe vinha de família, o de ser educador com raiz e com jeito. Tinha bebido em casa. Por outra parte, suscitou vocações religiosas e sacerdotais de uma forma lúcida e eficaz.

**“No silêncio da Cruz
se cala
o fragor das armas
e fala a linguagem
da reconciliação,
do perdão, do diálogo,
da paz”.**

**Papa Francisco,
na homilia da vigília pela paz,
7 de setembro de 2013**





MADRI

EM MADRI, OS IRMÃOS MARISTAS DIRIGIAM QUATRO ESTABELECIMENTOS EDUCATIVOS: dois da PROVÍNCIA DA ESPANHA, E dois da PROVÍNCIA DE LEÓN. OS QUATRO TIVERAM OS SEUS MÁRTIRES. O «COLÉGIO EXTERNATO CHAMBERI» TINHA UMA COMUNIDADE DE 15 IRMÃOS, oito dos quais residiam fora do estabelecimento, num apartamento à RUA DE CISNE, 3.

NESSA COMUNIDADE, HAVERÁ TRÊS IRMÃOS MÁRTIRES: BENIGNO, 30 ANOS, MORTO EM 11 DE AGOSTO DE 1936; ADRIÁN, 40 ANOS, MORTO EM 11 DE AGOSTO DE 1936; EUQUERIO, 22 ANOS, MORTO EM 4 DE JANEIRO DE 1937.

O « Colégio Los Madrazo » fora fundado em 1902.

Tinha uma comunidade de 23 Irmãos. Cinco deles serão martirizados; a esse grupo pertencem os Irmãos: GASPAR, 38 ANOS, MORTO EM 22 DE JULHO DE 1936; CAMERINO, 30 ANOS, MORTO EM 24 DE JULHO DE 1936; LUÍS AFONSO, 25 ANOS, MORTO EM 26 DE AGOSTO DE 1936.

O «Colégio São José» era então o mais próspero; a sua comunidade compreendia 31 Irmãos, entre espanhóis e franceses.

A «Residência de estudantes Cardeal Cisneros» acolhia Irmãos e antigos alunos universitários. Quando estourou a revolução, a comunidade do Colégio São José se instalou nessa residência por ser mais segura.

Seis Irmãos foram assassinados por causa da sua fé: LEÓN ARGIMIRO, 23 ANOS, MORTO EM 20 DE JULHO DE 1936; LUÍS DANIEL, 26 ANOS, MORTO EM 16 DE OUTUBRO DE 1936; ANGEL HIPÓLITO, 33 ANOS, MORTO EM 12 DE DEZEMBRO DE 1936; JULIÁN MARCELINO, 22 ANOS, MORTO EM 3 DE DEZEMBRO DE 1936; DOMINGO CIRIACO, 25 ANOS, MORTO EM 20 DE ABRIL DE 1937; JORGE CAMILO, 20 ANOS, MORTO EM 21 DE AGOSTO DE 1937.

OS MARTÍRIOS

Os MÁRTIRES DA COMUNIDADE do “Colegio EXTERNADO CHAMBERÍ”

CALLE DE CISNE, 3



Ir. Euquerio



Ir. Benigno José



Ir. Adrián

Os Irmãos Benigno José, Adrián e Euquerio, do Colégio Externato Chamberí abandonaram o estabelecimento depois de 22 de julho de 1936 e encontraram abrigo na residência da rua Modesto Lafuente. Em 11 de agosto, uma patrulha miliciana se apresentou para obter informações dos sacerdotes que residiam aí. O porteiro lhes garantiu que na pensão não havia sacerdotes nem monges, mas apenas professores. Estavam saindo, quando um vizinho lhes fez sinal de que os sacerdotes moravam no primeiro andar. Os milicianos subiram e surpreenderam os Irmãos Benigno José e Adrián no preparo do almoço. Os milicianos improvisaram amarras com os tecidos encontrados, fizeram-nos descer a escada aos empurrões e insultos. Os Irmãos foram levados à Checa de Bellas Artes . Era entre meio-dia e duas horas. As três horas, foram trasladados para outro lugar. Ninguém nunca soube qual foi o destino final deles. O Irmão Euquerio encontrou alojamento no Hotel Altorga. Na manhã de 30 de agosto, alguns policiais se apresentaram ao dono do hotel para verificar uma lista de nomes que tinham encontrado. De tarde o dono do hotel e os Irmãos Maristas foram detidos. Os “irmãos” eram Euquerio e seu mano de família. Este foi testemunha dos fatos e da morte do Ir. Euquerio, morte devida às privações a que foi submetido, à grave enfermidade contraída e ao ambiente úmido e frio em que foram confinados.

Colégio
Chamberí
1919

¹ Checa ou Cheka era um local que, durante a guerra civil espanhola, os milicianos do grupo republicano – especialmente os partidos e sindicatos de esquerda – utilizavam para aprisionar, interrogar e julgar de forma sumária. Em geral eram conhecidas pela rua em que estavam, ou então pelo nome de quem as dirigia. Além das que dependiam diretamente do Governo da República – como a checa de Bellas Artes ou de Fomento – vários partidos políticos, comitês ou organizações da Frente Popular dispunham de alguma.
(http://es.wikipedia.org/wiki/Checa_%28Espanha%29)



MARTÍRIO DOS IRMÃOS DA COMUNIDADE do “COLEGIO LOS MADRAZO”

O calvário da comunidade do “Colégio Los Madrazo” começa no dia 20 de julho de 1936. Os Irmãos obrigados a abandonar a escola, procuram várias pensões. Os Irmãos Gaspar Pablo e Camerino se alojam na pensão da “Posada San Blas”. No dia 22 de julho de 1936, pelas 11h da noite, uma patrulha de milicianos irrompe na pensão. Inspecionam quarto por quarto. Tendo encontrado os Irmãos Gaspar e Camerino - os quais não negam ser religiosos - ordenam-lhes de segui-los. Desde então não se teve notícias deles.

O Irmão Luis Alfonso alojou-se na pensão da senhora Irene García. Apresentou-se um des-

conhecido que advertiu os religiosos e sacerdotes que ali se hospedavam de que seria a ocasião de fugir. Mas o Ir. Luis Alfonso foi aprisionado na mesma noite e, depois, martirizado em 26 de agosto de 1936.



Ir. Gaspar



Ir. Camerino



Ir. Luis Alfonso

OS IRMÃOS MÁRTIRES DO “COLEGIO SAN JOSÉ”, RUA FUENCARRAL E DA RESIDÊNCIA CARDENAL CISNEROS

Os Irmãos León Argimiro, Luis Daniel e Domingo Ciriaco do Colégio São José viveram situações semelhantes. Foram presos pelos milicianos; depois, desapareceu qualquer traço deles.

Quanto ao Irmão Luis Daniel soube-se que foi detido e colocado no mesmo grupo que o deputado da CEDA, Salvador Madero Ortiz. Este foi levado à Villa Don Fadrique, sua aldeia natal, onde foi fuzilado. O Irmão Luis Daniel foi assassinado pelo caminho.

O Irmão Domingo Ciriaco, denunciado como religioso marista por um antigo aluno, foi conduzido ao Colégio São José, estabelecimento transformado em checa, cujo responsável era o pai do mencionado antigo aluno denunciante. Foi visto en-

trar em 20 de abril de 1937 para nunca mais sair. Mas nessa checa foram encontrados sinais evidentes de torturas infligidas às vítimas.

O Irmão Jorge Camilo era o mais novo; tinha 21 anos e fazia o serviço militar. Evitava os lugares de batalha para não matar ninguém. Reconhecido como religioso, foi fuzilado no pátio do quartel de Hortaleza, em 21 de agosto de 1937.

O Irmão Ángel Hipólito conheceu os mesmos contratempos dos Irmãos que estavam na Residência de Estudantes, quando foi assaltada, a 20 de julho. A 15 de agosto o Ir. Ángel Hipólito e os Irmãos Julián Marcelino e León Pedro foram presos e levados à prisão de Ventas.



Ir. León Argimiro



Ir. Luís Daniel



Ir. Domingo Ciriaco



Ir. Jorge Camilo



Ir. Ángel Hipólito



Ir. Julián Marcelino

Foi assim que transcorreram os dias até 3 de novembro de 1936. Nesse mesmo dia, às 3 horas da manhã, 72 prisioneiros, entre os quais estava o Ir. Hipólito, foram retirados da prisão de Ventas, convencidos que seriam conduzidos a outra prisão. Foram obrigados a subir em caminhões em direção à estrada de Corunha. Chegados perto do cemitério de Aravaca, fizeram-nos descer dos veículos e, com maus modos, obrigaram-nos a entrar nesse lugar. Depois os milicianos obrigaram-nos a se despir e a cavar seus próprios túmulos. Amarrados dois a dois, foram ceifados por rajadas de metralhadora. Seus corpos tombaram numa fossa comum.

No dia em que a Residência de Estudantes foi tomada, o Ir. Julián Marcelino foi se instalar numa pensão da mesma rua. Lá foi preso a 15 de agosto e conduzido também à prisão de Ventas. A 3 de dezembro, muitos prisioneiros de Madri foram transferidos à prisão de Alcalá de Henares – é um deles que narra. Mas o comboio onde estavam o Ir. Julián e o estudante da residência, Félix Borrego, de Segóvia, nunca chegou ao destino. Foram mortos em Paracuellos de Jarama, ao norte das atuais pistas do aeroporto de Barajas, e, no mesmo lugar, sepultados numa fossa comum, cavada um pouco antes.



Residência Cardenal Cisneros

AS COMUNIDADES DOS COLÉGIOS DE CHAMBERÍ E LOS MADRAZO, MADRI

A VIDA DO IRMÃO BENIGNO JOSÉ

José VALENCIA JANICES

O Ir. Benigno José nasceu em Artajona, província de Navarra, em 16 de novembro de 1906. Seus pais chamavam-se Aurélio e Vidala. A família Valencia Janices era numerosa, com oito filhos, dos quais dois religiosos. O Ir. Benigno José era estimado por seu caráter inquieto, alegre e simples. Irradiava alegria ao seu redor, favorecendo as relações e o ambiente, tanto na comunidade quanto na aula. Estava contente com o que fazia, como demonstram as cartas que foram conservadas.



Artajona (Navarra),
aldeia natal do Ir. Benigno José



Testemunho 1 =====

O testemunho que segue vale para todos os Irmãos mártires de Madri: “Em meio a essa situação hostil, os Irmãos Benigno e Adrián se mostraram resignados, pacientes, serenos e afáveis, disponíveis à vontade de Deus. Aqueles que tiveram a sorte de se aproximarem deles puderam comprovar sua humildade e sua pobreza. Nunca se queixaram dos lugares em que estiveram presos.”... “Nunca falaram de política, nem emitiram um juízo sobre os terríveis acontecimentos. Numa palavra, seu comportamento demonstrava absoluta aceitação dos desígnios de Deus.”



A comunidade
do Ir. Adrián

A VIDA DO IRMÃO ADRIÁN

MANUEL LLOP PLANA

O Ir. Adrián nasceu em Mata de Morella, diocese de Tortosa e província de Castellón, em 1º de janeiro de 1896. Seus pais chamavam-se Gabriel e Joaquina, com quatro filhos.

Como Irmão marista especializou-se no trato das crianças menores. Sabia manter a atenção e era entendido por esse auditório sempre difícil e exigente. Os Irmãos jovens, que se iniciavam na sala de aula, tinham nele um mestre a seu alcance: ajudava-os com paciência, iniciando-os nos métodos pedagógicos.



A VIDA DO IRMÃO EUQUERIO

EUQUERIO LLANILLO GARCÍA

O Ir. Euquerio nasceu em Solanas de Valdelucio, diocese e província de Burgos, em 20 de fevereiro de 1914. Seus pais se chamavam Hermenegildo e Maria. O lar de Llanillo García foi uma família de certo modo especial, pois tiveram onze filhos.

O pai era professor e sua máxima ilusão foi formar em primeiro lugar seus filhos. Fomentou entre eles a possibilidade da vocação religiosa ou sacerdotal, e fez da família uma sementeira de vocações. Seis entre eles foram Ir-



Testemunho 1
=====

O irmão de sangue do Ir. Euquério nos transmite os acontecimentos: “Levaram-nos à Direção geral da Polícia e dali ao cárcere “General Polier”. Ali começou para nós uma vida de privações. Milagrosamente, num primeiro momento, sobrevivemos a tanta falta de tudo. Em torno do Natal de 1936, meu irmão caiu gravemente enfermo em consequência das privações. Um médico, que também estava preso, diagnosticou uma doença grave, mas nenhuma providência era possível. Temendo algum contágio, transferiram-no para um sobsolo úmido; eu o acompanhei para cuidar dele. Sem comida, sem medicamentos, sem roupa para o frio, meu irmão delirava; assim prosseguiu até pelas 9h, quando perdeu os sentidos e morreu sem receber atenção médica alguma. Era 4 de janeiro de 1937.



*Ir. Euquerio
com sua família*



mãos Maristas. Um Irmão marista, Ir. Feliciano, dedicava-se a percorrer os povoados com a finalidade de orientar os mais jovens para o juvenato marista.

Numa de suas andanças conheceu e admirou o sr. Hermenegildo e travaram grande amizade. Esse Irmão, com sua simpatia, influenciou Euquerio e orientou-o para Arceniega, juvenato marista mais próximo. Entrou em Les Avellanes para o Postulado e Noviciado, no ano de 1928. Nas cartas expressava seu compromisso. Nos colégios, por seu trabalho docente, destacou-se como bom educador.

DOCUMENTOS



*Folha manuscrita
do Ir. Euquerio para seu pai*

A VIDA DO IRMÃO GASPAR Pablo MARTÍNEZ ESTEBAN

O Ir. Gaspar nasceu em Los Balbases, província de Burgos, em 24 de março de 1898. Seus pais chamavam-se Julián e Lucía. Foram seis os rapazes que viveram da família Martínez Esteban. Pablo e seu irmão Timóteo seguiram o caminho da vocação marista. Aos 12 anos dirigiu-se a Arceniega, juvenato marista, na província de Álava.



Testemunho I
=====

O porteiro que deixou entrar os milicianos informou-nos sobre o desenvolvimento dos fatos: “Perguntaram-me sobre alguns sacerdotes que estariam alojados na pensão. Consultei o registro das inscrições e lhes disse com convicção que nenhum sacerdote estava registrado. Um dos milicianos respondeu-me que estava certo de que havia sacerdotes, mas inscritos como professores. Sem mais explicações, sobem um andar e começam a abrir as portas dos quartos. Abrem a porta do quarto em que estavam os Irmãos Gaspar e Camerino. Perguntam se são religiosos. Longe de negá-lo, reconhecem-no com toda naturalidade. Os milicianos lhes fazem sinal para segui-los. ‘Vamos’, respondem os Irmãos com simplicidade e sem protestar. Seus rostos estavam serenos; tudo correu sem violência, sem medo, sem histerismo, sem manifestação alguma de pânico. Seguiram tranquilamente os milicianos. Desde então, não tivemos mais notícias deles.”

Fez seus primeiros votos em Les Avellanes. Percorreu vários colégios e, encarregado de um nível do ‘bachillerato’ (pré-vestibular), desempenhou-se bem, segundo seus superiores. Presidia o movimento apostólico “Congregação da Imaculada” e levava essa missão com verdadeira satisfação, entusiasmo e aproveitamento dos alunos.



*Villamedianilla
(Burgos):
casa natal
do Ir. Camerino*

A VIDA DO IRMÃO CAMERINO BRAULIO ÁLVAREZ PALACÍN

O Ir. Camerino nasceu em 27 de março de 1900, em Villamedianilla, província de Burgos. Seus pais eram Eládio e Gaudência. Depois do serviço militar obrigatório, muito prolongado, aos 24 anos decidiu fazer-se Irmão Marista, quando ingressou no Novi-

ciado de Les Avellanes. Naqueles tempos, chamava-se isso de vocação tardia. Era inseparável do Ir. Gaspar no trabalho apostólico da Congregação Mariana. Ambos coordenavam com êxito esse apostolado. Foram companheiros inseparáveis também no martírio.



ser jovem parecia um homem maduro. Os superiores pensaram sempre em ter nele um dos futuros valores da Província.

A VIDA DO IRMÃO LUIS ALFONSO

Luis MORENO Aliende

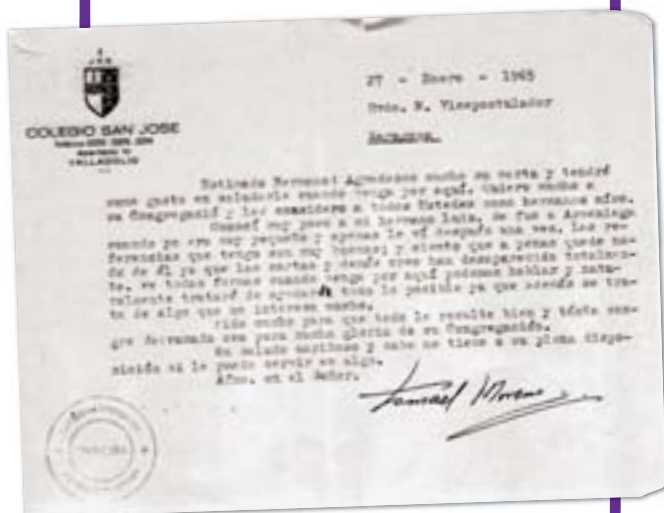
O Ir. Luis Alfonso nasceu em Quintanilla San-García, província de Burgos, em 24 de junho de 1911. Seus pais, Máximo e Asunción, tiveram oito filhos que trataram de educar cristãmente. Dois foram chamados à vida religiosa: Ismael como padre jesuíta e Luis, como irmão marista. Como Irmão mostrou-se sempre justo e apesar de

Testemunho 1

=====

O Ir Celso, companheiro do Ir. Luis Alfonso, é quem relata as circunstâncias da detenção e do desaparecimento do Irmão: “Certo dia, na hora do jantar, apresentou-se um desconhecido que disse textualmente: ‘Agora ou nunca mais, posso fazer uma boa ação: Fugam daqui porque eles vêm buscá-los!’ E desapareceu. O Ir. Luis Alfonso, um padre e eu nos dispusemos a sair, imediatamente. A dona da pensão me pediu que o primeiro fosse à casa de uma de suas filhas. Por esta soube, depois, que prenderam o Ir. Alfonso naquela mesma noite. Era 26 de agosto. A partir disso, não tive mais notícias.” Difundiu-se, rapidamente, a notícia de que ele tinha sido martirizado.

DOCUMENTOS



Carta ao vice postulador sobre o Ir. Luis Alfonso, de seu irmão

A COMUNIDADE DO COLÉGIO SAN JOSÉ E DA RESIDÊNCIA CARDENAL CISNEROS, MADRI

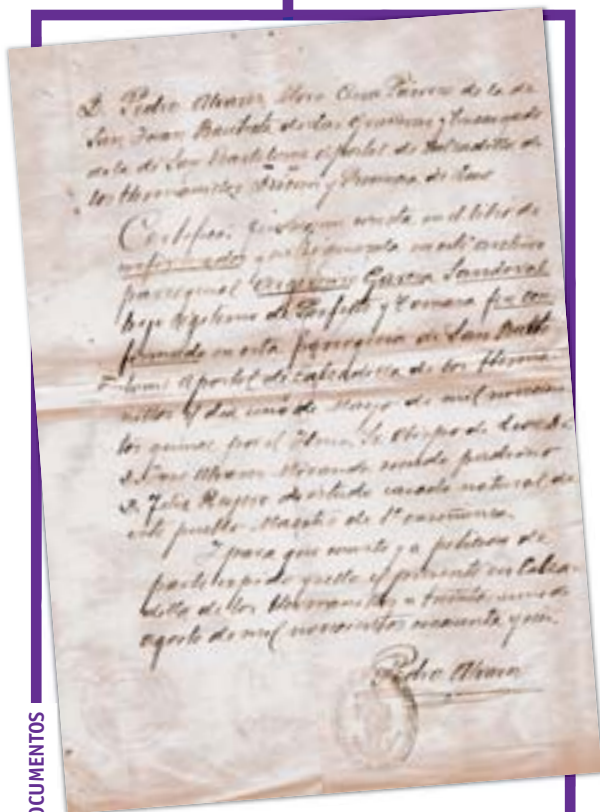


VIDA DO IRMÃO LEÓN ARGIMIRO ARGIMIRO GARCÍA SANDOVAL

O Ir. León Argimiro (Argimiro García Sandoval) nasceu em Calzadilla de los Hermanillos, província de León, em 31 de julho de 1913. Seus pais, Perfecto e Tomasa, tiveram oito filhos. Argimiro dirigiu-se a Blancotte e retornou a Tuy para iniciar o Postulado com o conhecimento do francês que lhe há de servir na formação e no futuro. Seus dois anos de formação em Tuy foram generosamente vividos, especialmente na doação da profissão anual, emitida no dia de S. José, em 1932.

O Ir. León Argimiro chegou ao colégio San José, de Fuencarral, em Madri. As primeiras experiências nas salas de ensino primário foram cheias de surpresas e motivadoras para o jovem Irmão. Sendo o mais jovem da comunidade, sem ainda ter feito a profissão perpétua, foi martirizado aos 23 anos.

*Calzadilla de los Hermanillos (León):
casa natal do irmão León Argimiro*



DOCUMENTOS

*Certidão de crisma
do Ir. León Argimiro*





VIDA DO IRMÃO LUIS DANIEL

JUAN VIÑUELA FLECHA

O Ir. Luis Daniel nasceu em 2 de junho de 1910, em Navatejera, província e diocese de León. Os pais chamavam-se Victorino e Manuela. No lar de Viñuela Flecha foram onze os irmãos. Juan era uma criança travessa e buliçosa, mas não deixava de ser obediente e de mostrar bom coração. No povoado era líder do

grupo por sua determinação, argúcia e atividade.

Contam seus irmãos como se benziavam ao receber suas cartas do juvenato de Venta de Baños. Não imaginavam que pudesse perseverar. Inclusive seu pai, ainda que bom cristão, não conseguiu compreender a vocação do filho. Sua oposição era tanta que, poucos dias antes de começar o noviciado, apresentou-se em Tuy para levá-lo para casa. Mas, não foi esta a única vez que teve de lutar contra sua própria família.

Várias vezes, em sua vida, ele teve ocasiões para demonstrar até que ponto amava sua vocação. Teve que opor-se fortemente ante a insistência do pai e, inclusive, da mãe que pediu que deixasse sua vocação, lembrando que poderiam matá-lo. Ele, decididamente replicou: “Seja o que Deus quiser!”

DOCUMENTOS



Declaração de pertença do Ir. Luis Daniel ao Instituto

VIDA DO IRMÃO ÁNGEL HIPÓLITO

ANICETO PABLOS CARVAJAL

O Ir. Ángel Hipólito nasceu em El Burgo Ranero, província de León, em 13 de maio de 1903. Seus pais eram Pablo e Antolina. Constituíram um lar ideal, com dez filhos; Aniceto era o quinto deles. Tinha muitos amigos entre seus companheiros porque conquistava facilmente o apreço dos seus e dos estranhos.

Testemunho 1

No santinho que recordava sua profissão perpétua, ele escrevera: “No seguimento de meu Senhor, Capitão invencível, caminharei com minha cruz e juro ser fiel a meus votos e a minhas resoluções, até a morte”.



Tinha o desejo de orientar sua vocação para a vida marista, e embora parecesse decidido nessa questão, no momento em que se despedia de sua mãe, seus sentimentos o fizeram retroceder. No entanto, um de seus ir-

Testemunho 2

“Isto é o que eu ouvi, da boca do coveiro de Aravaca, que foi aprisionado na cadeia ‘San Antón’, no Colégio dos Escolápios: ‘Levaram um grupo de mártires, entre os quais estava o Ir. Ángel Hipólito, até o cemitério de Aravaca. Na entrada, os despiram totalmente e mandaram colocar todos os seus pertences em sacos dispostos para esse fim. Foram levados, então, despidos e dois a dois, até uma parte do cemitério que esteve em recente reforma, mas dentro do recinto do cemitério. Foram obrigados a cavar a própria sepultura; uma vez terminado esse triste trabalho, foram mortos por rajadas de metralhadora e caíram nas fossas.’”

*Burgo Ranero (León):
aldeia natal do Ir. Angel Hipólito*



O Ir. Ángel Hipólito dando aula

mãos, que era seminarista, decidiu ingressar no juvenato marista de Tuy, o que animou Aniceto a superar a necessidade de separar-se de sua querida mãe.

Ambos passaram ao Postulado de Pontós e ali, novamente, tiveram provas a superar para prosseguir decididamente em seus propósitos de serem Irmãos maristas. A última colocação do Ir. Ángel Hipólito, ao passar de Palencia para Madri, foi com a intenção de concluir a licenciatura em Ciências Naturais, na Central de Madri. Já conhecia a temática e transmitia-a com segurança aos alunos. Além disso, como dominava a arte do desenho, os alunos apreciavam as explicações de Biologia e História Natural. Mesmo se sua timidez e excessiva bondade favorecessem alguma indisciplina, entre os alunos menos aplicados, ele se impunha pela competência.

VIDA DO IRMÃO JULIÁN MARCELINO MARCELINO REBOLLAR CAMPO

O Ir. Julián Marcelino nasceu em Tresviso, província de Santander, no dia 29 de novembro de 1914. Seus pais chamavam-se Máximo e Petra; tiveram sete filhos, e depois da morte de sua mãe, em segundas núpcias, nasceram mais nove. Nessa família houve um sacerdote, três Ir-



mãos maristas e um seminarista, morto na defesa de Oviedo, em 1937.

Aos dez anos, em 1924, frequentava o internato marista nas cercanias de Oviedo. Seu antigo professor o recorda e considera como bom estudante e como, certo dia, após a explicação do catecismo, se aproximou e disse querer ser religioso.

Quando postulante e noviço, escrevia cartas, seja do lado oriental da Península, Pontós, seja do lado ocidental, Tuy, e seus irmãos concordam em dizer que lhes serviram para colocá-los no caminho de suas respectivas vocações. O Ir. Julián Marcelino sentia-se feliz na vocação de educador. Iniciou suas atividades em Sahagún em 1932, e em 34, foi destinado ao colégio San José, em Fuencarral, Madri.

*Tresviso
(Cantabria):
aldeia natal
do irmão
Julián Marcelino*



VIDA DO IRMÃO DOMINGO CIRIACO DIONISIO DOMÍNGUEZ MARTÍNEZ

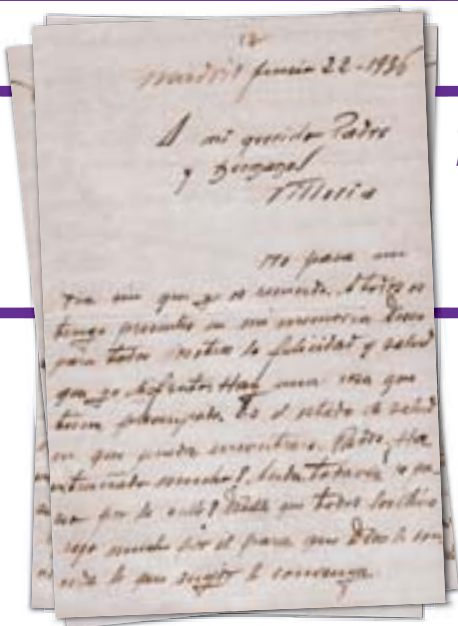
O Ir. Domingo Ciriaco nasceu em 24 de janeiro de 1911, em Villoria de Órbigo, província de León, diocese de Astorga. Seus pais chamavam-se Miguel e Teodora e tiveram sete filhos dos quais duas religiosas e um Irmão marista, o Ir. Domingo Ciriaco. Sua mãe o animou em sua decisão inicial, mesmo se preferisse vê-lo sacerdote; mas o promotor da Província marista de León encaminhou-o para o juvenato de Venta de Baños.

Seu caráter expansivo e alegre favorecia o bom espírito da comunidade. Sempre estava disposto a servir os demais, mesmo com risco pessoal, devido aos tempos de guerra que viveu.

Aos 26 anos foi chamado ao serviço militar; pediu ingresso para oficial na 'Escuela de Intendencia Militar de Valencia'. Preparou a documentação e todo o necessário. Quan-



DOCUMENTOS

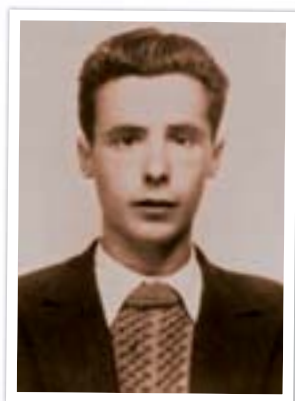


Carta escrita pelo irmão Domingo Ciriaco

do tudo estava pronto, apresentou-se com dois companheiros e, ao subscrever seu salvo-conduto, foi reconhecido como Irmão marista. Foi o suficiente para ser preso e condenado.

VIDA DO IRMÃO JORGE CAMILO

Vidal GARCÍA GARCÍA



O Ir. Jorge Camilo nasceu em Cuadros, província e diocese de León, em 7 de fevereiro de 1916. Seus pais foram Cipriano e Saturia. Ele era o benjamim da família.

Chegou ao colégio San José de Fuenarral com os melhores desejos de superar a si mesmo. Perguntava e deixava-se orientar pelos mais experientes no trabalho educativo e apostólico.

As boas disposições, os desejos e os fatos foram logo truncados pela revolução, aos 21 anos.

No cárcere de Porliel, onde a amizade com o Sr. José Maria Menoyo fez com que fosse considerado como da família, encontrando ali refúgio, ao sair da prisão livre de culpa e de pena. Pôde alternar o serviço militar com o pernoite na família Menoyo. Reconhecido como Irmão marista foi assassinado no quartel de Hortaleza, Madri.



DOCUMENTOS



Certidão de batismo do Ir. Jorge Camilo

CHINCHÓN (MADRI)



EM 1936, CHINCHÓN ERA UM ARRABALDE DE SETE MIL HABITANTES, AO NORTE DE MADRI. OS IRMÃOS MARISTAS DIRIGIAM UMA PEQUENA ESCOLA PRIMÁRIA GRATUITA, COM 162 ALUNOS, CUSTEADA PELOS MARQUESES APARÍCIO E DE LA PEÑA.



Ir. Feliciano



Ir. Felipe Neri



Ir. Herminio Pascual



Sr. Julián Aguilar Martín

O MARTÍRIO

Nos primeiros dias da revolução, nenhum dos milicianos do lugar ousou incomodar a pequena comunidade. No local, era fácil medir o bem que faziam os Irmãos e o apreço que a população lhes devotava. Ainda assim, na meia-noite de 21 de julho de 1936, chegou um grupo de milicianos procedentes de outra região. Cercaram a escola e alguns tentaram entrar pelo teto.

O Ir. Feliciano foi acolhido pelo tabelião do bairro; o presidente do Comitê Revolucionário local também lhe ofereceu hospitalidade. Os outros encontraram alojamento em casa de Teódulo de la Peña Fernández, sobrinho dos fundadores da escola. Essa situação durou uma semana.

Em 29 de julho chegaram uns trinta milicianos, que exigiram do Comitê local o banimento dos Irmãos Maristas. Estes foram conduzidos à estação e embarcados no trem para Madri. Na capital, não puderam contar com nenhuma comunidade marista, porque todas haviam sido invadidas e os Irmãos dispersados e ameaçados. Assim, procuraram asilo na casa da benfeitora Paula Aparício. Pelas quatro da tarde, chegaram os milicianos e levaram os Irmãos. Tudo indica que foram fuzilados em seguida e nada mais se soube do destino deles.

VIDA DOS IRMÃOS DE CHINCHÓN

VIDA DO IRMÃO FELICIANO

SEVERINO RUIZ BÁSCONES

O Ir. Feliciano nasceu em 2 de novembro de 1884, em Fuencaliente de Lucio, província de Burgos. Seus pais, Antonio e Marcela, educaram Severino nos princípios cristãos. Teve outros quatro irmãos. Quatro sobrinhos seus entraram no Instituto, motivados por seu exemplo. Barruelo, Toledo e Chinchón foram, sucessivamente, testemunhas de seu desvelo como diretor. Barruelo e Chin-





*Fuencaliente de Lucio (Burgos):
aldeia natal do Ir. Feliciano*

chón eram semelhantes pelo tipo de crianças, próprias de povoados trabalhadores e simples camponeses.

O Irmão Feliciano era diretor e superior, homem de 52 anos. Tinha grande ascendente sobre os alunos e sobre os pais, porque ele preferia os conselhos personalizados e pregava pelo exemplo. Sob sua direção as crianças de Chinchón mudaram de forma radical, algo que a população comentava favoravelmente. Pais que não pisavam mais na igreja desde o seu casamento, voltaram a ela para acompanhar os filhos e escutar os cantos litúrgicos que eles executavam sob a batuta do Irmão diretor. Assim conquistava o coração do povo.



DOCUMENTOS

*Certidão de batismo
do Ir. Feliciano*

Testemunho 1

A senhora Maria Ontalva Ruiz, empregada da casa da benfeitora Paula Aparicio, dá o seguinte testemunho:

“Os encarregados da portaria opunham dificuldades para entrar, devido às bagagens que traziam. Creio que eles conheciam os Irmãos, como eu os conhecia. O fato é que o senhor Valentin opinava que se deveria dar conhecimento à Polícia, caso houvesse desconfiança em relação aos Irmãos; mas os funcionários informaram o caso aos milicianos e não à Polícia. Por fim, os Irmãos se instalaram no primeiro andar. Pelas quatro horas da tarde, quando alguma comida estava servida na mesa, os milicianos despontaram e levaram os Irmãos. Nesse dia, ninguém comeu na casa. Depois de hora e meia, retornaram os milicianos para se apossarem das bagagens. Nada se soube, em seguida, do destino deles. Parece que a patroa teve notícias de que haviam sido fuzilados sem demora. Não ficou nenhum traço deles”.

VIDA DO IRMÃO FELIPE NERI FERMÍN ZABAETA ARMENDÁRIZ

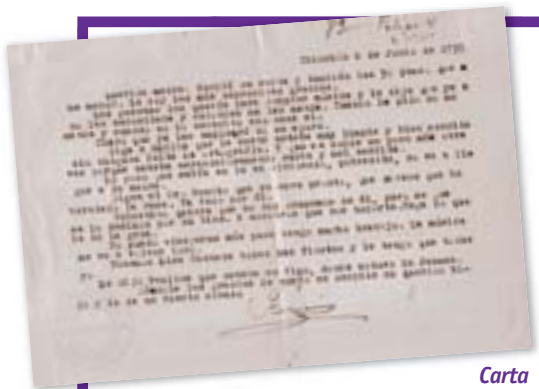
O Ir. Felipe Néri nasceu em Artajona, província de Navarra, no dia 24 de setembro de 1899. Seus pais chamavam-se Romualdo e Catarina. Tiveram onze filhos e cinco deles abraçaram a vida religiosa: dois Irmãos Maristas, três religiosas de São José, de Cluny.

Fermin era o primeiro da família e ajudava seu pai nos trabalhos do campo. Terminado o serviço militar, orientou-se para o matrimônio. Nos passeios, entre mo-



OS QUATRO MÁRTIRES DE CHINCHÓN

Irs. Feliciano, Felipe Neri, Herminio Pascual e Sr. Julián Aguilar Martín



Carta
do Ir. Felipe Neri a sua mãe

DOCUMENTOS

mentos de conversa, rezava o rosário com sua noiva. Um de seus manos se adiantara a ele, entrando em Les Avellanes, noviciado dos Irmãos Maristas. Felipe tinha trinta anos quando entrou para o noviciado. Admitido ao voto de obediência em 1931, desempenhou a função de cozinheiro para sua comunidade, por dois anos, antes de começar a ensinar. Chegou a Chinchón em setembro de 1933. Dava provas de sólida personalidade.

Testemunho 2

Jesus Sáez López, antigo aluno, atesta:

“Eles eram homens de fé, de esperança e de caridade. Quando a revolução de outubro de 1934 estourou, eles rezavam e faziam rezar pela paz, sem nunca dizer uma palavra de ódio contra qualquer dos campos em conflito”.



VIDA DO IRMÃO HERMINIO PASCUAL SATURNINO JAUN SARÁS ZABALETA

O Ir. Hermínio Pascual nasceu em 11 de fevereiro de 1912, em Irurzun, província de Navarra. Seus pais eram Pedro e Hilária; ele era entalhador e ela se dedicava aos trabalhos do lar. Esse Irmão de 24 anos hesitava em continuar na vida religiosa e os superiores deviam, todos os anos, mudá-lo de lugar. Foi em companhia do Irmão Felipe Néri que a sua entrega a Jesus Cristo se firmou. Foi ele, o mais novo da comunidade, a dar um exemplo de generoso martírio. Um senhor que o alojava em Chinchón lhe arrumou um esconderijo seguro. Ele preferiu ficar com os seus Irmãos e partilhar em tudo a sua sorte. Com eles, em 29 de julho de 1936, foi fuzilado.

VIDA DO SR. JULIÁN AGUILAR MARTÍN

Nasceu em Berge, província de Teruel, em 24 de novembro de 1912. Seus pais se chamavam Julián e Antonia. Ingressou no Juvenato de Vic, em 21 de setembro de 1925. Foi postulante e noviço em Les Avellanes. Uma enfermidade tornou a sua visão tão ruim que ameaçava impossibilitar a sua função de professor. Os superiores optaram por aconselhá-lo a retornar à sua família. Ele exercitou-se na vida agrícola; mas, de coração, continuou marista. Foi entender-se com o Irmão Feliciano para assumir a cozinha. A partir desse momento, partilhou em tudo a vida dos Irmãos até o martírio. Em Chinchón todo o mundo o considerava Irmão como os demais.



TORRELAGUNA, MADRI



Torrelaguna: Familiares dos irmãos Jerónimo, Marino e Victorico María, na Capilla del Rosario, Igreja Paroquial de Sta. María Magdalena

OS TRÊS IRMÃOS, VICTORICO MARIA, 42 ANOS, JERÔNIMO, DE 60, E MARINO, DE 35 ANOS, SÃO ORIUNDOS DE PEQUENOS POVOADOS DAS PROVÍNCIAS DE BURGOS E CASTELLÓN. FORMAVAM A COMUNIDADE DE TORRELAGUNA, VILA DE DOIS MIL HABITANTES, NA AUSTERA CASTELA, NÃO LONGE DE MADRI. A ESCOLA DELES CONTAVA COM 135 ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA. ERAM TRÊS: UM DIRETOR, UM PROFESSOR E UM COZINHEIRO. DIFÍCIL SERIA TRAÇAR OS LIMITES DAS RESPECTIVAS FUNÇÕES, TAMANHA ERA A UNIÃO NA PARTILHA DAS FADIGAS COTIDIANAS.



Ir. Victorico María



Ir. Jerónimo



Ir. Marino

O MARTÍRIO

O mestre-escola público não suportava o êxito educacional dos Irmãos. Por ocasião da revolta das Astúrias, em 1934, (responsável pela morte do Irmão Bernardo), esse mestre-escola era chefe do Comitê local por algum tempo; disso que se valeu para ordenar a prisão dos Irmãos. Felizmente, o seu poder foi de curta duração; ele próprio, por algum momento, conheceu a prisão.

Tudo se precipita em 20 de julho de 1936. A guerra civil havia começado e os alunos estavam de férias. O mestre da escola pública, chefe do Comitê revolucionário, agora senhor de Torrelaguna, percorria as ruas da povoação em busca de vítimas. Ele pensava nos Irmãos que ansiava aprisionar: a hora da vingança havia chegado.

O governo republicano central enviou a Torrelaguna uns milicianos em vez da guarda civil. Era assinar o decreto de morte dos Irmãos. Em 20 de julho, os três Irmãos são aprisionados pelos milicianos, guiados por um certo Severino. Eles foram trancafiados na prisão no subsolo da prefeitura, em companhia de um grupo de fiéis católicos leigos, entre os quais alguns antigos alunos. Os Irmãos são acusados de ser religiosos educadores.

Na noite de 21-22 de julho chegou a Torrelaguna um grupo de milicianos das Astúrias. De madrugada assaltaram a prisão com a intenção de eliminar os detentos. Batem nos prisioneiros, interrogam-nos aos gritos. Uma miliciana assentou tal golpe com o cano do fuzil na presidente da Ação Católica, que esta perdeu um olho. Em seguida, fazem a seleção das vítimas: todos os que não tinham mãos calosas eram suspeitos. Assim, os agricultores ficaram liberados. Os demais eram nove: três Irmãos, dois sacerdotes, a presidente da Ação Católica e dois leigos são algemados e embarcados em caminhão.

Na manhã de 22, o leiteiro da aldeia Redueña, ao fazer o seu giro habitual, descobriu nove corpos. Eram seis horas da manhã.

Torrelaguna:
cemitério



Testemunho 1

Um agricultor presenciou a execução: “Não houve cenas de desespero nem nada semelhante. Um derradeiro apelo à piedade, sim, por parte de dois presos que ofereciam dinheiro para que lhes poupassem a vida, alegando ter filhos menores, nada mais. Eles faziam o sinal da cruz quando receberam a descarga mortal”.



A VIDA DO IRMÃO VICTORICO MARÍA EUGENIO ARTOLA SOROLLA

O Irmão Victorico María (Eugenio Artola Sorolla) era o diretor da escola. Nasceu em 12 de abril de 1894, em Cincorres, província de Castellón. Seus pais eram Joaquim e Sebastiana. Aos 14 anos,

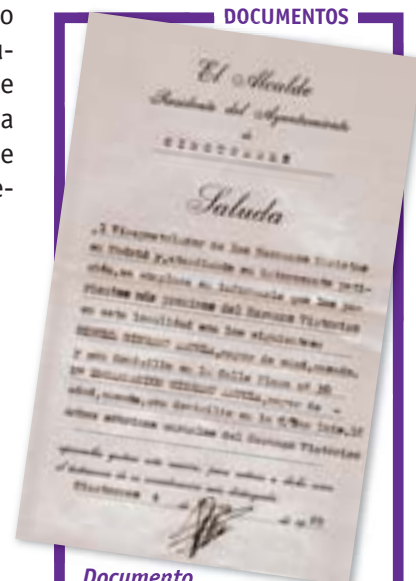
motivado por amigos e pelo que tinha ouvido dizer dos Irmãos Maristas, decidiu ir até Vic, onde havia um Juvenato. Emitiu seus primeiros votos, em Les Avellanes. Depois de várias nomeações para diversos

lugares, foi enviado, em 1928, para Torrelaguna. Desenvolveu seu apostolado através da ação católica, de conferências e palestras para aprofundar a fé, cursos preparatórios ao matrimônio, canto e novenas. Seu prestígio era tal que o Ministério da Justiça concedeu-lhe a autorização de ensinar a religião na segunda República e de vestir o hábito religioso.

Testemunho 2

Essa comunidade de Torrelaguna, reproduzia, disse uma testemunha, mesmo se em escala mais modesta, a união dos “três um” de que fala o livro marista das Instruções espirituais.

DOCUMENTOS



Documento do Prefeito de Cincorres



Certidão de batismo do Ir. Jerónimo

DOCUMENTOS

A VIDA DO IRMÃO JERÓNIMO TRIFÓN TOBAR CALZADA

O Irmão Jerônimo nasceu em 3 de julho de 1876, em Susinos, província e diocese de Burgos. Seus pais se chamavam Vicente e Eulália. Quando foi martirizado, tinha 60 anos. Já havia trabalhado muito na Espanha, na Colômbia por 21 anos, na França e novamente na Espanha. Nunca teve boa saúde, motivo que o retirou das missões.

Devido à sua timidez nem sempre tinha êxito na disciplina. Mesmo assim,





uma de suas características era sua capacidade de adaptação e a disposição de aceitar as exigências dos demais, como meio válido e transmissor da mensagem, o que hoje denominam de “inculturação”.

*Amaya (Burgos):
casa natal do Ir. Marino*

VIDA DO IRMÃO MARINO PEDRO ALONSO ORTEGA



DOCUMENTOS

*Artigo sobre
a comunidade
de Torrelaguna em
"Madrid Marista",
1996*



O Ir. Marino nasceu em Amaya, província de Burgos em 14 de janeiro de 1901, circunscrição jurídica de Villadiego, diocese de Burgos. Seus pais chamavam-se Eugênio e Júlia. Tiveram dez filhos.

O Ir. Marino era o mais jovem dos três em Torrelaguna. A saúde não lhe permitiu de concluir os estudos regulares.

Por isso, sua vida marista consistiu, sobretudo, no serviço da cozinha, nas pequenas comunidades, dando eventual auxílio nas aulas do primário e no movimento da Ação Católica. Foi destinado a Torrelaguna em agosto de 1929. Foi um jovem Irmão alegre e bom, disponível e pronto para servir, afável, delicado, procurando levar vida sem barulho.

Testemunho 3 =====

Um antigo aluno subscrive o seguinte testemunho: “Não tenho palavras para qualificar o trabalho desses religiosos maristas. Eles ensinaram-me a amar; ensinaram-me a perdoar e devo-lhes a glória de contar entre os mártires de Cristo o meu pai e minha mãe; Deus os tenha na sua glória”. “Eu soube perdoar e superar um golpe tão terrível com amor cristão”.

VILLALBA DE LA SIERRA, CUENCA



Capela do povoado de Villalba de la Sierra, Cuenca, España

O NOSSO COLÉGIO DE CUENCA APRESENTA A PARTICULARIDADE DE TER SIDO FUNDADO NO PERÍODO DA REPÚBLICA, EM 1934, QUANDO FORTES AMEAÇAS ANUNCIAVAM A PERSEGUIÇÃO. ESSE COLÉGIO, CHAMADO “FRAY LUIS DE LEÓN”, COM ESTATUTO PURAMENTE CIVIL, DEIXA MUITO BEM ADIVINHAR COMO OS IRMÃOS DA ESPANHA ESTAVAM PREPARADOS PARA ENFRENTAR A NOVA SITUAÇÃO POLÍTICA E A PERSISTIR NA TAREFA DA EDUCAÇÃO DOS JOVENS.

O COLÉGIO NÃO DEMOROU EM CONQUISTAR A SIMPATIA E A ESTIMA DA POPULAÇÃO, MAS SUSCITOU TAMBÉM A INVEJA RANCOROSA DOS PROFESSORES PÚBLICOS ANTICLERICAIS. TAL INVEJA SE TORNOU FATAL, QUANDO ESTOUROU A REVOLUÇÃO EM 18 DE JULHO DE 1936.

SETE IRMÃOS TRABALHAVAM NESSE COLÉGIO; APENAS UM CONHECEU O MARTÍRIO, O IRMÃO JULIÁN JOSÉ E UM PROFESSOR LEIGO, CRISTÃO CONVICTO, DE NOME RAMÓN EMILIANO HORTELANO GÓMEZ QUE NÃO FIGURAVA NO CORPO DOCENTE DO COLÉGIO.



Ir. Julián José



Sr. Ramón Emiliano

O MARTÍRIO

No dia 18 de julho de 1936, os Irmãos foram advertidos de uma iminente invasão do colégio por um grupo da Juventude Socialista. Dispersaram-se, solicitando alojamento em famílias de confiança. O Irmão Julián José foi acolhido, durante um ano e meio, pelo porteiro da escola, Zoilo Escamilla. Mas, no dia primeiro de março de 1938, foi convocado ao serviço militar, em tarefas

auxiliares do cárcere de Villalba de la Sierra. No mesmo dia, aí chegava também Ramón Emiliano Hortelano Gómez.

Ambos desenvolveram uma grande amizade, durante os meses de seu serviço militar: amizade fortalecida pela fé vivida em profundidade e partilhada. Atuavam tão compenetrados que foram tomados por religiosos e, por isso, fuzilados juntos, ao lado de um poste de luz; ainda borrifados com gasolina foram queimados. Era o dia 28 de julho de 1938. Cinco dias antes, nascera o primeiro filho do Sr. Ramón. Para o Irmão faltava uma semana para celebrar seus 30 anos e para seu companheiro, doze dias. Ambos tinham nascido em agosto de 1908. O pouco que sobrou de seus restos mortais foi colocado numa única urna mortuária.



A VIDA DO IRMÃO JULIÁN JOSÉ

NEMESIO CABRIA ANDRÉS

O Ir. Julián José nasceu em Susilla, província de Santander, no dia 5 de agosto de 1908. Seus pais se chamavam Isidro e Valentina. Dois de seus manos o precederam no juvenato de Arceniega (Álava); um deles, Florentino, será missionário no Chile. O Ir. Julián emite os primeiros votos em 8 de setembro de 1924, aos 16 anos, e no dia 15 de agosto de 1929, os votos perpétuos. Foi um dos fundadores do colégio de Cuenca. Ele era amável, simpático, bem dotado para a matemática e para as

Testemunho 1

A senhora Rufina Ángeles Saiz Abad, esposa do Sr. Ramón Emiliano Hortelano Gómez, dá-nos o seguinte testemunho, depois que seu esposo fora vê-la porque dera à luz seu filho: “Por um pastor, amigo do meu esposo, que nos fornecia o leite, soubemos que o meu marido e o Ir. Julián José foram presos por milicianos que os mataram junto de um poste da rede elétrica... ensopados de gasolina, foram queimados, condenação que se reservava aos traidores. Quando o meu sogro foi recolher os corpos, não encontrou senão alguns ossos”.

ciências. No ensino, demonstrava grande igualdade de humor; nunca se encolerizava; sabia compreender os alunos menos habilidosos, preferindo valer-se de palavras de encorajamento. Estava sempre pronto para prestar pequenos serviços. Sabia varrer as salas de aula, quando não havia empregados, ocasião em que os alunos o auxiliavam espontaneamente. Na escola de Cuenca, o porteiro era homem sem nenhuma instrução. Julián ensinou-lhe a leitura, a escrita, as boas maneiras e como apresentar-se. Infundiu-lhe o gosto pelas verdades da religião, de modo que o funcionário retomou o caminho das práticas religiosas que havia abandonado de todo. Quando a perseguição dispersou os Irmãos, esse homem lhe ofereceu a hospitalidade mais segura. Mas, em 1938, Julián foi convocado para o serviço militar da República. Não conseguiu esconder por muito tempo o seu estado religioso, motivo suficiente para ser fuzilado.

DOCUMENTOS



*Carta do Ir. Julián José
a seu irmão, 12/07/1936*

Testemunho 2

Sua esposa deixou-nos este precioso testemunho: "O meu esposo e eu nos conhecemos desde pequenos. Ele vinha à minha casa para estar com o meu irmão. Ele sempre me pareceu um garoto distinto acima da média: mais virtuoso e mais exemplar. Não demorou em simpatizar comigo; mas tinha tal respeito que não ousava confessar-me os seus sentimentos. Passamos ambos no exame de aptidão para o magistério e fomos designados para a mesma vila. Ele queria que nos casássemos sem demora, para que a guerra não nos separasse".

A VIDA DO Sr. RAMÓN EMILIANO HORTELANO GÓMEZ

O Sr. Ramón Emiliano nascera em Cuenca no mesmo ano do Ir. Julián José, isto é, em 1908, e três dias depois, 8 de agosto. Seus pais chamavam-se Tomás e Dominga; foi batizado na igreja de Santiago Apóstolo, em 16 de agosto do mesmo ano, 1908. Seu pai era inspetor de polícia e sua mãe, uma mulher com sólidos princípios cristãos. Recebeu

o sacramento da confirmação no dia 10 de julho de 1922, e contraiu matrimônio com a senhora Rufina Ángelez Saiz Abad, em 22 de agosto de 1936.

Dedicou-se à educação. Era pedagogo criativo, encontrando, de vez em quando, em seu horário de trabalho um espaço para a educação sexual dos jovens. À sua esposa pedia que fizesse o mesmo apostolado com as moças.



CABEZÓN DE LA SAL E CARREJO

NAS LOCALIDADES DE CABEZÓN DE LA SAL E DE CARREJO, OS IRMÃOS DIRIGIAM DUAS ESCOLAS MODESTAS NO ESTILO DOS COMEÇOS DA CONGREGAÇÃO. EM CABEZÓN DE LA SAL, UMA COMUNIDADE DE QUATRO IRMÃOS ASSEGUAVA AS SÉRIES DO PRIMÁRIO E DO COMERCIAL PARA 182 ALUNOS. OS TRÊS IRMÃOS DE CARREJO ACOLHIAM 44 ALUNOS NAS TRÊS SÉRIES DO PRIMÁRIO. ESSAS DUAS VILAS PRÓXIMAS ESTÃO EM CANTABRIA. CADA COMUNIDADE TEVE DUAS VÍTIMAS. EM CABEZÓN, OS IRMÃOS PEDRO, DE 53 ANOS, E NICÁSIO, DE 59 ANOS; EM CARREJO, OS IRMÃOS COLOMBANUS-PAUL, FRANCÊS DE 59 ANOS, E NESTOR EUGENIO, DE 24 ANOS. OS QUATRO IRMÃOS FORAM MORTOS JUNTOS, EM SANTANDER, EM PRIMEIRO DE JANEIRO DE 1937.



Mercado de Cabezón de la Sal

O MARTÍRIO

Em Cantabria, a Frente Popular dominou depois do levante nacionalista. Até o fim de outubro, os Irmãos das duas comunidades não foram importunados. No fim de outubro, a Comissão da Cultura confiscou a escola de Cabezón e os Irmãos se concentraram na de Carrejo. Nos primeiros dias de novembro, os milicianos inspecionaram a escola de Carrejo; encontraram uma bandeira nacionalista, que fora posta de lado em 1931. Eles infligiram uma multa de cem pesetas que devia ser saldada até às 15 horas. O povo cooperou e a quantia foi paga. Apesar disso, o Irmão Erasmo José, superior da comunidade, foi detido e preso.

Na prisão ele encontrou o pároco em estado lastimável, um seminarista e diversas pessoas reputadas de direita. O Irmão Pedro, que conhecia as autoridades, logrou a libertação do seu superior. Antes de sair deveu assinar o motivo da acusação: “esconder uma bandeira que ele adora”. Uma segunda inspeção privou os Irmãos de todos os recursos alimentícios. Sobreviveram apenas com aulas particulares.

A primeira prisão ocorrera em 27 de dezembro de 1936. Em represália pelo bombardeamento dos nacionalistas de Santander, os milicianos decidiram prender os Irmãos, mas depois os deixam sair. Mas em 30 de dezembro, pelas 16 horas, prenderam novamente os Irmãos. Faltavam os Irmãos Maria Ruperto e Luís Maria, que tinham partido para Santander. Ao seu retorno, a empregada os informou da situação. Eles foram então à prisão em vi-



Ir. Pedro



Ir. Narciso



Ir. Colombanus Paul



Ir. Néstor Eugenio

sita aos confrades, visita que se mudou em detenção e prisão.

Pela uma da madrugada de 31 de dezembro os sete Irmãos tiveram de subir em três viaturas e foram conduzidos a Santander. Chegaram às duas horas e foram lançados na prisão provincial. Dois oficiais se apresentaram com as fichas dos detidos e começaram a chamar os Irmãos Pedro, Narciso, Colombanus e Nestor Eugenio. Eles saíram todos juntos. Na prisão correu o palpite de que eles haviam sido libertados. Mas, não se tratava de libertação e sim de seu martírio, no dia 2 de janeiro de 1937.

Testemunho 1

O Irmão Ruperto nos forneceu os pormenores da noite de primeiro de janeiro de 1937: “Eles já haviam enumerado as celas. Pelas 21h15, contudo, abrem novamente nosso quarto. Estávamos deitados no chão duro, já que não havia almofada nem cobertas; felizmente tínhamos os sobretudos. Nós nos pusemos de pé. Dois oficiais se apresentaram com nossas fichas e começaram a chamar os Irmãos Pedro, Narciso, Colombanus e Nestor Eugenio. Eles saíram todos juntos”. Soube-se, depois, que foram assassinados.



*Ir. Pedro, sentado à esquerda.
O Ir. Narciso, de pé ao centro*



A VIDA DO IRMÃO PEDRO

JAIME CORTASA MONCLÚS

EO Ir. Pedro nasceu em Millà, província e dioceses de Lleida, em 15 de julho de 1883. Seus pais foram Juan e Antônia. Com 15 anos, em 1898, orientou sua vida e seus passos para o noviciado dos Irmãos Maristas, em Vic. Fez sua profissão perpétua em 27 de agosto de 1905.

Esse Irmão era muito apreciado em Cabezón de la Sal por ter ensinado aí durante dezoito anos, doze dos quais como diretor da escola. A sua influência lhe permitiu, no primeiro tempo, de auxiliar os seus confrades a sair da prisão, mas ele mesmo acabou sendo detido. A sua vida inteira foi dedicada à educação dos estratos sociais mais modestos, filhos de agricultores e de operários. Como diretor convidava os docentes a acompanhar pessoalmente cada um dos seus alunos.

Testemunho 2

=====

Victoriano Fernández, ex-aluno, escreve assim seu testemunho, a propósito do Ir. Pedro: “Quando algum aluno, como eu, se tornava merecedor de um castigo, isso nos era comunicado à parte, e o aviso que nos davam era envolvido em prudência e afeto cristão. Ainda hoje, quando nos confessamos, os padres de Cabezón de la Sal dizem que a delicadeza de consciência e o modo de se confessar dos antigos alunos dos Irmãos são notórios.”



A VIDA DO IRMÃO NARCISO

BALDOMERO ARRIBAS ARNAIZ

O Ir. Narciso nasceu em 27 de fevereiro de 1877, em Santibáñez de Esqueva, província e diocese de Burgos. Seus pais, Martín e Maria, eram agricultores desse povoado. O casal teve três filhos, dos quais Baldomero era o menor.

Aos 17 anos emitiu seus primeiros votos e, em seguida, comprometeu-se com entusiasmo na educação das crianças. Foi formando pelos primeiros Irmãos franceses que chegaram à Espanha. A obra marista na

Testemunho 3

=====

Um prisioneiro matizou o relato assim: “Estávamos resignados e entregues às mãos do Senhor; mas esse lugar de horror trágico pesava nos nossos espíritos e posso dizer que havia tristeza e abatimento em nós e, ao mesmo tempo, resignação e a certeza de estar nas mãos do Senhor”.

Espanha de então estava ainda nos seus primórdios, mas as fundações se multiplicavam. Os superiores, conhecendo os talentos do Ir. Narciso, solicitaram-lhe que aceitasse fundar escolas, dirigi-las e ficar à testa de internatos.

Ele chegou a Cabezón, depois de 38 anos de experiência no mundo da educação, feliz por poder investir os seus dons em prol dos filhos das classes menos aquinhoadas; era apelidado “amigo dos pobres”.

Certificado de pertença do Ir. Narciso à comunidade de Zaragoza



DOCUMENTOS



A VIDA DO IRMÃO COLOMBANUS PAUL HENRI OZA MOTINOT

Este Irmão francês é um daqueles que tiveram de deixar a França, em 1903, por causa das leis de Combes. Ele nunca teria imaginado que, 33 anos depois,

seria mártir na Espanha. O Ir. Columbanus nasceu na cidade de Lyon, França, em primeiro de agosto de 1877. Poucos anos depois de seu nascimento, os pais se mudaram para Saint-Donat. Havia ali uma escola dirigida por Irmãos maristas e seus pais ali o matricularam. Sem dúvida, isso influiu em sua vocação.

Manter a disciplina na sala de aula não era o seu forte, nem na França, nem na Espanha, pelo que os superiores tinham de mudá-lo com frequência. Era demasiado tímido e demasiado bom. A partir

de 1926, ele virou cozinheiro na comunidade de Carrejo. Intelectualmente, contudo, era muito dotado e obteve com facilidade os diplomas necessários para ensinar. Além do francês e do castelhano, dominava o inglês, tinha talento musical e cooperava de boa mente como organista nas paróquias, assegurando belas liturgias.

Testemunho 4

O sr. Ambrosio Calzada Hernández nos dá uma versão dos fatos do martírio: “Eles foram imolados ou junto ao farol ou em ‘Jesús del Monte’, então lugares sinistros, lugares afastados propícios para as execuções. Depois foram lançados ao mar ou em algum precipício das brenhas próximas”. Na cidade de Santander ninguém duvida de que os Irmãos foram assassinados.

A VIDA DO IRMÃO NÉSTOR EUGENIO TESIFONTE ORTEGA VILLAMUDRIO

O Ir. Néstor Eugenio nasceu em 10 de abril de 1912, em Arlanzón, província de Burgos. Seus pais chamavam-se Bernardino e Valentina, e tiveram dois filhos. Foi ao juvenato de Arceniaga em 1924 para continuar sua formação marista, mas por ter saúde muito frágil, os superiores aconselharam-no a retornar à sua família. Ele retornou ao postulado de Las Avellanas em 1929; emitiu os primeiros votos em 8 de setembro de 1932. Dirigiu-se a Carrejo, conforme nomeação. Será o mais jovem desse grupo de mártires.



BARRUELO DE SANTULLÁN

ESTA vila ficou conhecida como aquela do martírio do Irmão Bernardo¹, em 6 de outubro de 1934. Tudo recomeçou depois do levante nacionalista, em 18 de julho de 1936. Muitos mineiros do lugar estavam imbuídos de ideias antirreligiosas e aqueles que dirigiam a “Casa do Povo” queriam o desaparecimento das escolas católicas. Os Irmãos trabalhavam nessa região mineira, em Vallejo de Orbó, desde 1914. Em 1920, abriram também uma escola em Barruelo de Santullán. No decurso do ano escolar de 1935-1936, a comunidade tinha seis Irmãos, entre eles o Ir. Egberto e o Ir. Teófilo Martín, ambos martirizados. Estavam em Barruelo desde 1935 e tinham 29 e 22 anos.

As minas em Valle de Santullán



¹ Foi martirizado no dia 6 de outubro de 1934. Foi beatificado no dia 28 de outubro de 2007, em Roma, juntamente com outros 46 Irmãos maristas mártires.

O MARTÍRIO

No dia 22 de outubro de 1936, três Irmãos da comunidade de Barruelo – Heraclio José, Egberto e Teófilo Martín – foram a Aguilar com o objetivo de chegar a Burgos. O diretor aconselhou-os a optarem pela estrada por considerá-la mais segura, mas preferiram o trem, que ainda funcionava, por ser mais rápido; confiando não serem reconhecidos pelos ferroviários, desceram em Quintanilla. Tendo já saído da estação, sem dificuldade, vários indivíduos de Barruelo os reconheceram e delataram à guarda da estação, a qual, imediatamente, fê-los deter; depois, foram

Testemunho 1

“Os corpos mostravam sinais de mutilações e nas mãos, os indícios de algemas e cordas”.



transladados para Reinosa, onde foram aprisionados no colégio dos Irmãos da Instrução Cristã, convertido em cárcere. Ali permaneceram três meses, sem que as providências tomadas para libertá-los dessem resultado. Em 23 de outubro, às 10h, os Irmãos Egberto e Teófilo Martín foram retirados da cadeia e assassinados com outros trinta, próximo à estrada de Cabezón de la Sal, a 22 km de Reinosa, e enterrados no mesmo lugar da morte, num local arborizado, próximo ao rio Saja.



A VIDA DO IRMÃO EGBERTO

LEONARDO ARCE RUIZ

O Ir. Egberto nasceu em 6 de novembro de 1907, em Arcellares del Tozo, província e diocese de Burgos. Seus pais chamavam-se Bernabé e Gabina. O pai faleceu muito cedo,

e a senhora Gabina contraiu segundas núpcias com o sr. Cristóbal Arroyo. Do primeiro matrimônio nasceram Leonardo e Paulina, educados com todo cuidado pela senhora Gabina. Leonardo tinha dificuldades para o estudo, e por isso sua preparação no juvenato, e mesmo depois, não foi boa; por isso, os superiores o destinaram por quatro anos à tarefa de cozinheiro. Depois, foi ensinar, mas apenas no curso primário de escolas modestas.

Durante dois anos, esteve no serviço militar em Marrocos, na nossa escola de Alcazarquivir. No retorno do serviço militar, em 1935, Egberto foi enviado a Barruelo. O ano escolar de 1935-1936 transcorreu normalmente.



Arcellares del Tozo (Burgos): aldeia natal do Ir. Egberto

A VIDA DO IRMÃO TEÓFILO MARTÍN MARTÍN ERRO RIPA



O Ir. Teófilo Martín nasceu no dia 2 de março de 1914, em Viscarret, província de Navarra. Seus pais chamavam-se Francisco e Teresa. Na família de Teófilo, de primos e outros parentes, cresciam as vocações religiosas. Com 11 anos tomou o caminho da vida marista. Notabilizou-se pela sua generosidade em seguir a nova vocação. O seu apostolado educativo foi breve e se concluiu no ano escolar de 1935-1936, em Barruelo de Santullán.

Testemunho 2

“Em 23 de outubro, sexta-feira, às 10h da manhã, a porta dos subterrâneos se abriu. Martín Erro Ripa e Leonardo Arce Ruiz são chamados. Separamo-nos para nunca mais nos vermos. Pela fechadura, percebemos que os algemavam; fizeram-nos subir a uma viatura e desapareceram. Fizeram-nos crer que haviam sido levados a Santander. Mas, dois meses depois, quando eu também fui levado a Santander, a minha decepção foi grande, porque não vi nenhum sinal de que houvessem passado por lá.”

DOCUMENTOS



*Declaração como professo
temporário dos Irmãos Maristas
do Ir. Teófilo Martín*



Viscarret (Navarra): casa natal do Ir. Teófilo Martín

O IRMÃO BENEDICTO ANDRÉS

ALBOCÁKER (CASTELLÓN)



El Ir. Benedicto Andrés formaba parte de la comunidad de Lauria, 38, pero trabajaba con el Ir. Romandus en la escuelita de San Pedro Apóstol, en Barcelona.

El Ir. Benedicto Andrés, solicitó del Ir. Provincial, Ir. Laurentino, permiso para trasladarse a su pueblo natal, Villafranca del Cid (Castellón), con su primo, también marista, Ir. Jerónimo Emiliano. El provincial se los autorizó, pero les advirtió de que no por ello quedaban libres de la violencia que se vivía por la región.

O MARTÍRIO

Chegados ao povoado, o Ir. Benedicto José e seu primo puderam passar inadvertidos na casa de seus familiares, meio ocultos, até que o comitê revolucionário publicou uma ordem para que se apresentassem os homens compreendidos nas classes de 1919-1937, a fim de avaliar a instrução militar para ir ao front, como voluntários. Desse modo, ficariam livres de todo compromisso.

Quando se apelou a voluntários para o serviço militar, com garantia de vida para os religiosos, Benedicto se alistou, pensando que isso poderia evitar riscos para a família. Porém, logo compreendeu o engano.

Em 7 de dezembro, apresentou-se na casa um membro do Comitê. Havia sido amigo de infância do Irmão e

Testemunho 1 =====

Sabemos como aconteceu o martírio do Ir. Benedicto Andrés através da Irmã Balbina Fortanet. Esta religiosa escreveu:

“Sendo obrigada a ocupar-me de um grupo de milicianos, certa noite, travei conversa com um miliciano que estivera presente na morte ou talvez tenha disparado contra o Irmão Benedicto, natural de Villafranca del Cid (Castellón).

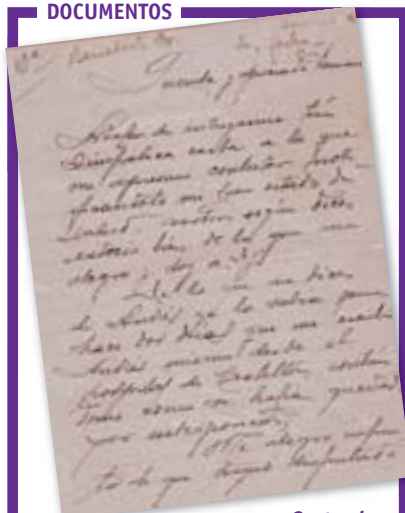
O miliciano disse-me:

Que frade corajoso nós matamos. No primeiro tiro ele disse: Viva Cristo Rei! Na segunda descarga, com coragem, exclamou: Viva a Imaculada! No terceiro disparo, com voz apagada, ele disse: Santa Família, acolhei-me nos vossos braços. Que frade valente!” repetia o miliciano.

Ir. Benedicto Andrés no centro, com companheiros no exército



DOCUMENTOS



Carta do Ir. Benedicto Andrés a sua irmã

fizera o serviço militar com ele. Quando a sua irmã o informou da visita, Benedicto exclamou: “A minha hora chegou”. Abraçou os familiares, dizendo: “Até o nosso encontro no céu”. E acompanhou seu companheiro. Sem processo, foi lançado sem detenção na prisão. Ali encontrou seu velho mestre-escola, o filho deste e outras pessoas.



A VIDA DO IRMÃO BENEDICTO ANDRÉS

ENRIQUE ANDRÉS MONFORT

O Ir. Benedicto Andrés nasceu no dia 25 de abril de 1899, em Villafranca del Cid, província de Castellón, diocese de Tortosa. Seus pais se chamavam Benedicto e Rosa.

Alguém muito chegado à família contou que o Ir. Isidro Guix, encarregado de buscar vocações, perdido pelos caminhos incertos de Maestrazgo, encontrou-se fortuitamente com o Sr. Benedicto e assim vão surgir as vocações de seus dois filhos, os Irmãos Jerônimo Emiliano e Benedicto Andrés. Diz-se também que o mencionado Irmão manifestou ao pai que os Irmãos Maristas nutriam grande devoção à Santíssima Virgem, e que tal devoção constituía um sinal de salvação. O pequeno Henrique compreendeu que um Irmão Marista não se pode perder. Em 22 de janeiro de 1911, fazendo a pé muitos quilômetros na neve e no frio, ele partiu para o juvenato de Vic. Trabalhou em vários lugares. Prestando o serviço militar cumpria com seus deveres religiosos, apesar de encontrar-se na guerra com o Marrocos. Por sua capacidade de serviço, Benedicto é aceito mesmo por seus companheiros militares; e por destacar-se por seu espírito de sacrifício, pela boa administração, promoveram-no a cabo, e depois, a suboficial do exército. Aproveitou a situação para ganhar a estima de bom companheiro e amigo serviçal.

Villafranca del Cid (Castellón): aldeia natal do Ir. Benedicto Andrés



Os Irmãos Valente José e Eloy José

VALÊNCIA



Ir. Eloy José



Ir. Valente José

Os Irmãos Valente José e Eloy José trabalham no colégio “Mayans” de Valência. O Ir. Valente José encontrava-se no Liceo Mayans quando começou a revolta.

Com o levantamento nacionalista, a cidade de Valência viveu dias de saque. Num momento dado, o Ir. Valente José e outros Irmãos foram detidos e levados ao cárcere

Enquanto as pessoas vociferavam: “Matai-os agora, são fascistas!” Surpreendentemente são soltos e obrigados a sair dali imediatamente.

O MARTÍRIO

Pela tarde do dia 25 de julho de 1936, dois grupos de milicianos apoderaram-se do colégio e dizem aos Irmãos: “Já podem ir embora daqui, esta escola é desde agora propriedade do povo.” A partir daquele momento, os Irmãos se vêem obrigados a pedir alojamento em famílias amigas e mudar de residência seguidamente. Na última residência recebem duas visitas dos milicianos, e em nestas duas ocasiões os despojam de tudo, os insultam e os levam diante do Comité de Salvação Pública e os obrigam a pensar seriamente no “passeiozinho”. E lhes recordam: “Não se esqueçam que são padres!” Ouviam os milicianos dizer uns aos outros: “Estes, guardai-os bem, pois amanhã cedo lhes daremos o que merecem.”

Enquanto viviam esta situação, chega de Barcelona um Irmão para pedir-lhes que o sigam, em nome do Ir. Provincial, pois um barco está preparado para levá-los à França. Cinco Irmãos tomam o trem noturno Valência-Barcelona, pensando que a vigilância dos milicianos seria menos estrita. De fato, foram descobertos a meio caminho, em Castellón. O Ir. Crispín Lope Sancho que ia neste grupo se recorda: “Descobriram-nos em Castellón de la Plana e enquanto a mim, ao superior e a outro Irmão nos fizeram desembarcar em Castellón, o Ir. Valente, apesar de haver dito à polícia que ele também fazia parte do mesmo grupo, seguiu viagem... Ao Ir. Eloy José tocou a mesma sorte e os dois continuaram a viagem naquele famoso trem...”

Colégio do Chalet Alameda de Valência, 1936



A partir daqui já não temos pistas. Os Irmãos nunca chegaram a Barcelona. Existem testemunhas que afirmam que o Ir. Valente José foi assassinado na estação norte de Barcelona, na manhã do dia 6 de outubro e o Ir. Eloy José na noite. O Ir. Crispín Lope Sancho pensa que o Ir. Valente José foi assassinado em Horta, perto de Barcelona e que o Ir. Eloy José o foi na cidade de Barcelona. Foi impossível encontrar o lugar de sua sepultura.

Nada estranho, pois os milicianos da F.A.I. costumavam assassinar suas vítimas longe dos olhares indiscretos e a enterrá-las em fossas comuns de forma anônima, sem dados de identidade nem de data.



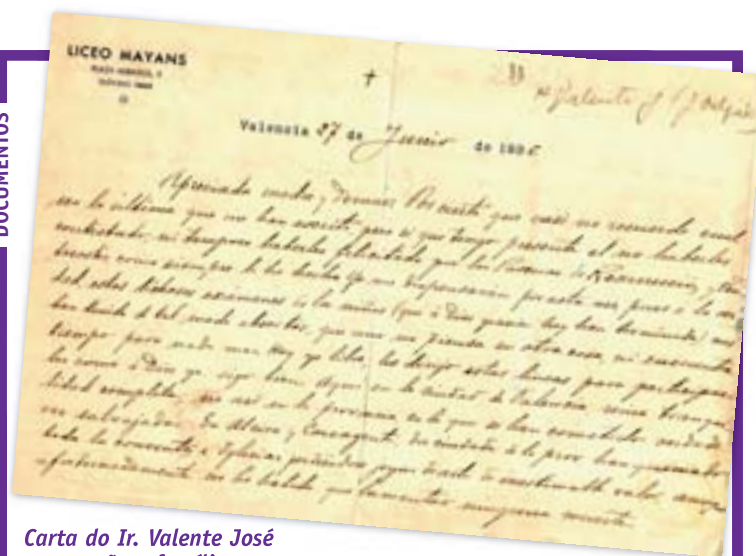
A VIDA DO IRMÃO VALENTE JOSÉ

Jesús Delgado de la Fuente

O Irmão Valente José nasce a 17 de abril de 1894, em Mazuelo de Muñó, província de Burgos. Seus pais se chamavam Nicanor e Gertrudis. Este lar cristão foi abençoado com treze filhos; alguns dentre eles morreram de pequenos.

Aos 13 anos vai a Vic para seguir as etapas da formação marista e faz a profissão perpétua a 11 de agosto de 1915. Como docente foi escalando experiência após experiência, preparação após preparação fazendo-se um competente professor das matérias do bacharelado. Seu empenho era fazer bem as coisas da rotina de cada dia. Ao retornar do Segundo Noviciado em 1935, destinam-no ao colégio Mayans de Valência, como professor de matemática.

DOCUMENTOS



Carta do Ir. Valente José a sua mãe e família

A VIDA DO IRMÃO ELOY JOSÉ

Eloy Rodríguez Gutiérrez

Nasce, como o anterior, na província de Burgos, em Torrepadre, a 9 de setembro de 1899. Seus pais se chamavam Victoriano e Benita. Sete filhos teve o casal.

Aos 12 anos dirige-se a Arceniega para seguir a formação marista. Consagra-se definitivamente a Deus a 28 de setembro de 1921. Durante muitos anos, trabalha nas escolas de Valência, seja na Academia Nebrija ou no colégio Mayans. Destaca-se diante de seus Irmãos e alunos por seu caráter suave, simples, alegre e isto o faz merecedor da simpatia de todos. Os alunos reconhecem que os formava para serem capazes de dar testemunho de sua fé.



Testemunho 1

Seus antigos alunos o recordam assim: “Era professor de matemática e como tal extraordinário. Era um professor muito eficiente... Seu segredo consistia no fato de que ensinava matemática de tal modo que levava a seus alunos a glorificar a Deus e semeava em seus corações sementes de esperança... Sua vida interior era extraordinária sem ostentação nem desejo de querer aparecer.”



*Torrepadre
(Burgos):
aldeia natal
do
Ir. Eloy José*

DOCUMENTOS



Carta do Ir. Eloy José a seu irmão

Testemunho 2

Um antigo aluno, Mariano Andreu Llobat: “Ouvi-o dizer ao Ir. Valente que a perseguição existia com certeza e que se tratava de sofrer por Cristo. Aceitava essa situação e pensava que sua morte seria somente de uma Igreja e de uma Espanha novas... Dava mostras de um comportamento simples e valente e nunca pensava em fugir... Nunca o vi vacilar nem perder a serenidade diante dos terríveis perigos daqueles dias. A última vez que vi o Ir. Eloy, disse-me: ‘Andreu, se não voltarmos a nos ver aqui, ver-nos-emos lá em cima’. Referia-se ao céu que ganharia com o martírio.”



O IRMÃO Millán da COMUNIDADE de DENIA ALICANTE

O IR. MILLÁN ERA DIRETOR DA COMUNIDADE MARISTA DE DENIA, ONDE ESTAVAM COM ELE OS IRMÃOS FÉLIX JOSÉ, HONORIO, MARCELO E PABLO HERMINIO.

A 10 de abril de 1936, às treze horas, chegou ao colégio uma comunicação categórica, onde se fazia saber aos Irmãos que, em previsão de possíveis desordens, se lhes ordenava desalojar o centro e abandonar o município, na mesma tarde.

Os antigos alunos pediram proteção e ajudaram valentemente a transladar os pertences indispensáveis.

O Ir. Diretor permanece na casa do carpinteiro, Joaquín Caselles, e os demais Irmãos em Can Pinel. A informação chega até o Governador e a luta com a Prefeitura vira um puxa e afrouxa, mostrando de novo o apoio da população em geral aos Irmãos, especialmente quando o Ir. Provincial se vê obrigado a retirar os Irmãos jovens.

*Denia (Alicante):
Colégio S. Juan Bautista*



O MARTÍRIO

O Ir. Millán, vê-se obrigado a vagar de um povoado a outro nos arredores de Denia. Finalmente, decide ir ver o Ir. Laurentino, Provincial. Nos últimos dias de julho, toma o trem. É reconhecido por um funcionário da ferrovia cujo filho havia estudado gratuitamente na escola dos Irmãos de Denia. Denunciado e preso, levam-no ao cárcere de Tavernes de Valldigna onde permanecerá uns doze dias, até sua morte. Com ele foi martirizado também Dom Rodrigo Gil, que era o jovem com mais promessa de futuro do colégio.

A VIDA DO IRMÃO MILLÁN

ESTEBAN LLOVER TORRENT

O Ir. Millán nasceu em Les Planes d'Hostoles, diocese e província de Girona, a 27 de julho de 1885. Seus pais se chamavam Jaume e Margarida. Tiveram onze filhos, porém só três sobreviveram. Os demais faleceram quando ainda eram pequenos.

Sua infância foi a de um filho de família camponesa humilde, participando dos afazeres da granja e dos trabalhos do campo; precisava dar uma mão para o sustento de uma família numerosa.

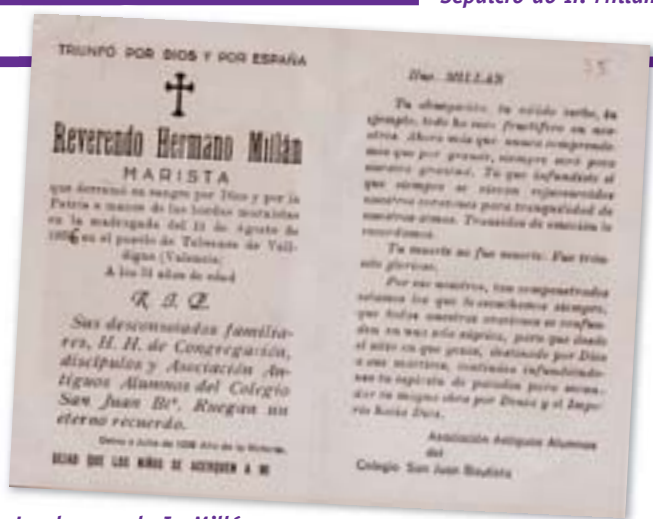
Aos 14 anos, sentia o chamado do Senhor para a vida religiosa e a 4 de abril de 1899 vai a San Andrés de Palomar (Barcelona) onde estava a casa de formação marista. Faz a profissão perpétua em 1906 e o voto de estabilidade em 1922.

Bem cedo mostra seus dons de formador, pelos quais os superiores o destinam às casas de formação e em seguida como superior das comunidades apostólicas. Sabe unir sua competência profissional e seu zelo com o dom de uma simpatia que atrai e ajuda aos



Denia (Alicante):
Sepulcro do Ir. Millán

DOCUMENTOS



Lembrança do Ir. Millán

Testemunho 1

O que sabemos deste bom Irmão sobre seu martírio vem da declaração do motorista que participou do evento de sua morte; ele contou assim: “A 10 de agosto (de 1936), era uma da madrugada, fui procurado por Salvador Grau Corella, chamado o ‘Carabinero’, para levar a dom Rodrigo Gil e a dom Esteban Millán, sob a custódia de Vicente Chapa, ‘o Calderero’, e José Esparza, ‘o Carrero’. Ao chegar ao lugar denominado ‘Cuesta del Portichol’ (A planície de Alcira), o senhor Salvador Grau Corella ordenou que parasse o caminhão e mandou que todos descessem. Os três milicianos distanciaram-se uns duzentos metros com os dois prisioneiros; em seguida dispararam contra dom Rodrigo Gil e dom Esteban Millán, assassinando-os e deixaram os cadáveres abandonados na estrada.”

alunos a ser receptivos à mensagem cristã. Mostra-se paternal, doado e dotado de uma piedade que permite adivinhar a prática habitual da intimidade com Deus.

Em setembro de 1928, os superiores lhe confiam a missão de fundar e de dirigir a escola de Denia. A escola conhece rapidamente o êxito e conquista a estima da população.

As dificuldades vão aparecer com a chegada da República, em abril de 1931 e, quando a esquerda ganha as eleições, em fevereiro de 1936, começa a verdadeira perseguição.



O IRMÃO LUIS FERMÍN DE ARCENIEGA

ÁLAVA

ERAM TRÊS IRMÃOS MARISTAS NO COLÉGIO EXTERNATO DE ARCENIEGA, A 18 DE JULHO DE 1936: IR. LUÍS VENANCIO, IR. LUÍS FERMÍN E IR. LEÓN PABLO.

O primeiro, diretor, havia saído no mesmo dia para Burgos de férias. Permaneceram os outros dois, responsáveis pelo colégio.

Desde os primeiros momentos, a vila de Arceniega foi submetida à Frente Popular. Os Irmãos sofreram buscas e revistas desagradáveis.

O MARTÍRIO

As circunstâncias que levam ao Ir. Luis Fermín primeiro ao cárcere e em seguida ao martírio são desconcertantes.

Os dois Irmãos León Pablo e Luis Fermín recebem uma inspeção por parte dos milicianos e, setindo-se pouco seguros, e para não ficar isolados, decidem mudar-se para a comunidade do juvenato. O Ir. Luis Fermín prepara a maleta e a entrega ao padeiro para que o criado que leva o pão cada manhã a leve, no dia seguinte ao juvenato. Ainda estava falando com o padeiro quando entram os milicianos. Estes pedem ao Irmão que abra a maleta. Entre a roupa, encontram objetos de piedade. Foi o motivo suficiente para mandá-lo ao cárcere.

Permanece oito dias no cárcere de Arceniega, e em seguida o trasladam a Bilbao no “Cabo Quilates”, um ‘barco-cárcere’. Neste barco submetem os prisioneiros a toda classe de humilhações. A 25 de setembro de 1936, a aviação nacionalista bombardeia Bilbao. Como represália, os milicianos e milicianas assaltam os barcos-cárcere “Altuna Mendi” e “Cabo Quilates”. Seleccionam as vítimas e depois de amarrar suas mãos, levam-nos, de dois a dois, à ponte da popa, onde os esperam rajadas de metralhadora. Assim foram assassinados os sacerdotes Matías Lumbreras, Mariano Larrea e o Irmão Luis Fermín.

A VIDA DO IRMÃO LUIS FERMÍN

Luis HUERTA LARA

O Ir. Luis Fermín nasceu em 21 de junho de 1905 em Torrecilla del Monte, província de Burgos. Seus pais, Balbino e Lucía, e mais três irmãos constituíam o ambiente familiar em que viveu e se educou Luis.

Começa sua formação marista em Vic e se entrega definitivamente a Deus pela profissão perpétua a 15 de agosto de 1927.

Padece de miopia aguda, o que o impossibilita dedicar-se ao ensino; irá se ocupar principalmente fazendo as vezes de cozinheiro nas comunidades para as quais o destinam.

Durante os anos 1932 – 1935, leciona em Carrejo, numa classe do curso primário e se ocupa ao mesmo tempo do trabalho da cozinha; e no ano seguinte faz o mesmo na pequena escola de Arceniega, perto do juvenato.



Testemunho 1

=====

O senhor Carlos Langa Zuvillaga, companheiro de cárcere do Ir. Luis Firmín, descreve a situação dramática que reina no barco: “Conheci o Servo de Deus por ter sido prisioneiro no mesmo barco-cárcere de Bilbao. Estive com ele vinte dias... Estávamos amontoados como animais. Havia quatro celas, o servo de Deus estava na primeira e eu na terceira... No ‘Cabo Quilates’ as execuções as faziam na ponte da popa. Não era só o fato de fuzilar, senão que ouvíamos os disparos: às vezes, eram rajadas de metralhadora, outras vezes um tiro na nuca ou também os matavam a golpes de culatra. E essas execuções eram acompanhadas de humilhações, de insultos, de zombarias, de bofetadas, etc.”



*Ir. Mariano Santamaría,
vice postulador,
com os restos
do Ir. Luis Fermín*

COMUNIDADE DE LAS OS TRÊS DE SAGANTA

“OS TRÊS JOSÉS”, ASSIM SÃO CHAMADOS, PORQUE NA TOMADA DE HÁBITO, OS TRÊS RECEBERAM O NOME JOSÉ: TIMOTEO JOSÉ, ANDRÉS JOSÉ, EMILIANO JOSÉ. ESTES TRÊS IRMÃOS ERAM ENCARREGADOS DOS TRABALHOS MANUAIS E DOS AFAZERES DOMÉSTICOS, NA GRANDE CASA DE LES AVELLANES: O IR. EMILIANO JOSÉ, AJUDANTE NA ROUPARIA, O IR. TIMOTEO JOSÉ, JARDINEIRO E O IR. ANDRÉS JOSÉ, PEDREIRO E “FAZ-TUDO”. OS TRÊS TINHAM DEDICADO MUITAS HORAS DE VIGILÂNCIA JUNTOS, NOS ARREDORES DE LES AVELLANES, DESDE QUE O PERIGO E O ALARME FORAM DISPARADOS. OS TRÊS TINHAM FALADO MUITO SOBRE COMO EVADIR-SE DIANTE DE SITUAÇÕES INSUSTENTÁVEIS.

FORAM A VILANOVA DE LA SAL, AO LADO DE LES AVELLANES, COM OS POSTULANTES E NOVIÇOS, REFUGIARAM-SE COM ELES E COM ELES PARTICIPAVAM NAS TAREFAS DA COLHEITA EM FAVOR DAS FAMÍLIAS QUE OS HAVIAM ACOLHIDO. TIVERAM QUE SEPARAR-SE DOS FORMANDOS ANTES DE ACABAR O MÊS DE JULHO, PARA REDUZIR SUSPEITAS E EVITAR A VIGILÂNCIA EXCESSIVA DOS MILICIANOS. HABITUADOS AOS TRABALHOS E AO CANSAÇO, E SEGUROS DE SEU “CONHECIMENTO” DO TERRENO, PENSARAM QUE PODERIAM ESCAPAR E CHEGAR FACILMENTE A CAMPO NEUTRO DE NAVARRA, OU À FRANÇA.



D. ANTONIO NAVAL VIDAL
D. FRANCISCO DONAZAR GOÑI
D. MARCOS LEYUN GOÑI
D. JULIAN LISBONA ROYO

Lápide dos mártires de Saganta

AVELLANAS:



Ir. Emiliano José



Ir. Timoteo José



Ir. Andrés José

O MARTÍRIO

Sabemos o que se passou em Las Avellanas, pelo levante nacionalista, a 18 de julho de 1936: confisco da casa, dispersão dos Irmãos e dos jovens em formação nos povoados dos arredores.

Nossos três Irmãos decidiram trasladar-se a Navarra passando por Aragón. Chegados ao povoado de Estopiñán, informaram-nos que o comitê revolucionário do povoado é moderado. Os três Irmãos, cansados da caminhada, acodem ao mesmo para solicitar um salvo-conduto que lhes garantisse uma

viagem mais sossegada. Na realidade, são presos, encarcerados e sua execução decretada. O comitê de Estopiñán não se atreve a realizar a execução e chama o comitê de um povoado próximo.

Por fim, a execução realiza-se a uns 5 quilômetros de Estopiñán, à beira da estrada, num lugar que creem solitário, porém não distante das casas de Saganta (Huesca), e os assassina sem delongas. Os verdugos lhes haviam posto a boina na cabeça para dissimular o golpe derradeiro.

A VIDA DO IRMÃO TIMOTEO JOSÉ

Julian Lisbona Royo

O Ir. Timoteo José nasceu a 23 de outubro de 1891, em Torre de las Arcas, província de Teruel, diocese de Zaragoza.

A família era bem humilde: sua mãe, vendedora ambulante de açafião, acompanhada pelo pequeno Julián que anuncia a mercadoria pelas ruas dos povoados. Mais tarde, reconhecerá que era muito tímido para desempenhar esta tarefa, porém não havia outra maneira se queria comer. No que diz respeito ao pai, era dependente de bebida e esquecia rapidamente os deveres de família.

Antes de fazer-se religioso, havia trabalhado como empregado de granja, a serviço de uma senhora que o apreciava tanto que estava disposta a legar-lhe seus bens se consentisse em seguir trabalhando para ela.

É depois do serviço militar que sente o chamado à vida religiosa. O noviciado em Les Avellanes foi

difícil para ele, pois estava acostumado a uma vida laboriosa e dura. Teve que trabalhar muito e esforçar-se para conseguir um caráter mais suave, menos irascível. Aos 28 anos, emite os primeiros votos e a profissão perpétua a 2 de fevereiro de 1924.

Os superiores lhe pedem que permaneça na casa de Les Avellanes para encarregar-se dos trabalhos mais pesados da propriedade e posteriormente da horta. Ao largo do dia, ocupado em tarefas de pouca relevância, desenvolve uma profunda vida interior e um grande espírito de família.



A VIDA DO IRMÃO EMILIANO JOSÉ

MARCOS LEYÚN GOÑI



O Ir. Emiliano José nasceu em Sansoáin (Navarra), a 7 de outubro de 1897. Seus pais chamavam-se Juan e Petra. Marcos era o terceiro de uma família de seis irmãos.

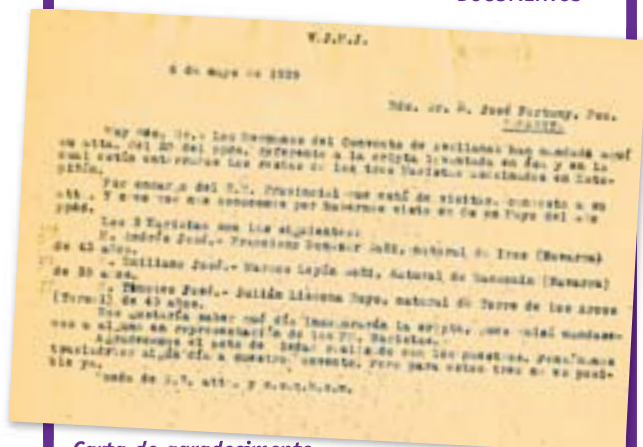
Após o falecimento do pai, a senhora Petra, sua mãe, ocupa-se mais da educação dos filhos. Ela será o grande suporte vocacional do Ir. Emiliano José. Aos 13 anos, sua mãe o acompanha ao juvenato de Arceniega. Lá começa sua formação na família marista que se concluirá com a profissão perpétua em 1919.

O Irmão Emiliano José se distinguirá por sua paixão em prestar serviços. Habilidade em coisas de eletricidade, de alfaiataria e manutenção de vários ofícios e trabalhos, que o tornavam útil e prático nos serviços da casa.

Testemunho 1

A senhora Joaquina Vidal Cama que assistiu à cena, conta os pormenores: "... Sei que foram assassinados a 11 de agosto de 1936. Estava eu na janela de minha casinha de campo... Vi chegar o caminhão. Estava preparando a merenda. Era pela tarde. A curiosidade e o horror que experimentávamos naqueles terríveis dias, levaram a interessar-me naquele caminhão que se deteve a uma certa distância. Em seguida vi que faziam descer um homem. Ouvia-se um disparo. Em seguida fizeram descer dois outros homens. Ouviram-se outros disparos, eu diria poucos, talvez um por cada um... Aqueles que os assassinaram vieram até nossa casa e disseram literalmente a meu marido: 'Vai e enterra estes três animais'. Foi mais tarde que sabemos que se tratava de três religiosos."

DOCUMENTOS



Carta de agradecimento ao pároco de Tamarit pela cripta a inaugurar



Sansoáin (Navarra): aldeia natal do Ir. Emiliano José

Oferece-se seguidamente ao Ir. Provincial, sacrificando suas próprias férias, para realizar trabalhos de instalações elétricas nas casas de formação, nas comunidades, nas escolas. Conhecendo sua generosidade, o

Ir. Provincial chama-o durante as férias de verão de 1936, para ir a Les Avellanes e encarregar-se da rouparia, porque estava prevista uma longa sessão de formação para um grande número de Irmãos.

A VIDA DO IRMÃO ANDRÉS JOSÉ

FRANCISCO DONAZAR GOÑI

O Ir. Andrés José nasceu a 10 de outubro de 1893, em Iroz (Navarra). A cidade mais próxima é Aoiz. Sua mãe ficou viúva cedo, possivelmente quando Francisco fazia o serviço militar. Para ajudar e ser o sustento da família, permaneceu ao seu lado. Seu pai era pedreiro e ele também seguirá este ofício. No entanto, um acidente de trabalho lhe complicou a vida: uma calda de soda cáustica lhe caiu nos olhos e como consequência tem dificuldade para suportar a luz do sol ou simplesmente a branquura das paredes. Apesar disto, não abandona seu trabalho, para ajudar sua mãe viúva. Uma experiência de noivado o decepciona, pois a moça que ama lhe oculta sua situação de mãe solteira. Escreve então a um Irmão para saber se não podia permanecer na comunidade de Valência como "irmão de serviço". Os superiores autorizam

esta experiência que vai desembocar na entrada no noviciado, a 1º de fevereiro de 1921. Tem 28 anos. No noviciado distingue-se por sua amabilidade e simplicidade. Seu itinerário na vida marista continuará sem obstáculos até a profissão perpétua, a 15 de agosto de 1927.

O Ir. Andrés era prático e habilidoso e sentia prazer em realizar obras bem acabadas. Permaneceu na casa de Les Avellanes encarregando-se de todos os serviços de pedreiro e de manutenção da casa. Sente-se feliz em estar a serviço dos Irmãos, de arrumar e melhorar os seus quartos...



*Iroz (Navarra):
casa paterna do Ir. Andrés José*

*Iroz (Navarra):
aldeia natal do Ir. Andrés José*





O IRMÃO Pablo DANIEL de BARCELONA

COM ESTE IRMÃO ESTAMOS
DIANTE DE UM CASO ÚNICO:
JOVEM, DINÂMICO, INTELIGENTE,
AUDAZ, DÁ TESTEMUNHO PÚBLICO
DE SUA FÉ DIANTE DO TRIBUNAL, NO
CÁRCERE, NO CAMPO DE TRABALHO
E NO EXÉRCITO REPUBLICANO;

alenta a fé de seus companheiros que o chamam “o anjo consolador”, procura converter os seus próprios guardas, sacrifica-se pelos soldados feridos e morre assassinado a 29 de janeiro de

1939, por se ter declarado abertamente como religioso. É provavelmente o último a unir-se ao grupo de mártires maristas daqueles anos. Encarcerado aos 24 anos, mártir de Cristo aos 28.

O MARTÍRIO

Encarcerado, o Ir. Pablo Daniel mostrou sem vergonha sua firmeza de fé e seu caráter de religioso. Homem decidido e de capacidade intelectual extraordinária, expunha claramente a verdade, sem medo da própria morte. Sustentava com frequência polêmicas religiosas aqueles contrários à religião presentes no cárcere.

Sua tática e argumentação eram surpreendentes. Segundo testemunhas, iniciava a polêmica em forma de conversação familiar e pouco a pouco se

elevava o tom e o interesse. Os demais presos se aproximavam para ouvi-lo: sacerdotes, religiosos, leigos e até criminosos. Sem preocupar-se de seus antecedentes, seguia a polêmica em tom filosófico-teológico. No fim, confundidos os antirreligiosos, por sua pobre e vulgar argumentação, triunfava a verdade por ele defendida. Em 1938, a 3 de julho, define-se a sentença da Audiência de Barcelona e ele é colocado em liberdade. Como sua classe devia alistar-se no serviço militar, pensou que estaria bem fazê-lo por conta própria. Pensava em ocupar-se dos fe-

Testemunho 1

O Ir. Eduardo Escolà Ganet, companheiro de cárcere, recorda-o deste modo: “A vida deste Irmão no cárcere foi a de um herói. Primeiro, animava a todos ao martírio, e inclusive pregava no pátio do cárcere”.

ridos e inscreveu-se no serviço sanitário. Mandaram-no à frente de combate da Catalunha.

Em janeiro de 1939, o exército republicano derrotado se deslocava em direção à França. A companhia na qual se encontrava o Irmão tinha chegado perto de Figueras, próximo da fronteira. O Irmão

manifestava publicamente sua gratidão a Deus pelo fato de estarem vivos e livres de inimigos. Alguns, a quem este discurso pareceu estranho, avisaram o chefe, um tal Lister. Este enviou um piquete de soldados que fuzilaram o Irmão e os que estavam com ele. Era o dia 29 de janeiro de 1939.

A VIDA DO IRMÃO PABLO DANIEL

DANIEL ALTABELLA GRACIA

O Ir. Pablo Daniel nasceu a 19 de outubro de 1911, em Aguaviva, província de Teruel e diocese de Zaragoza. Seus pais se chamavam José e Dolores. Eram quatro filhos. Todos se fazem religiosos, dois maristas e um sacerdote diocesano. Seu Irmão menor, José Maria, que ingressa no juvenato de Vic, morre em abril de 1929, por causa de uma pneumonia.

Aos 11 anos, Pablo entra no juvenato de Vic. Les Avellanes recebe-o para o postulado e noviciado e também emite nesta casa os primeiros votos, no



Testemunho 2

Algumas testemunhas sublinham sua disponibilidade à vontade de Deus. “Suas palavras traduziam sua total conformidade à vontade de Deus. Não dava sinais de impaciência, e não tinha ressentimento para com os carcereiros. Aceitava plenamente a vontade de Deus e sabia descobrir as atenções e delicadezas de Deus para conosco no meio da perseguição.”



dia 8 de setembro de 1928. Sua experiência apostólica com as crianças e jovens será breve: Alicante primeiro, depois Mataró, onde em 1936, cai nas redes da perseguição.

Este religioso jovem, que morre aos 28 anos, entusiasta, dinâmico, piedoso, causou uma sincera e derradeira admiração em seus alunos, devido à sua preparação cultural, ao seu trabalho, à sua atividade pastoral, e sobretudo à prática das virtudes. Seus alunos viam nele um forjador de homens e de cristãos autênticos.

O Ir. Pablo Daniel não podia reprimir seu zelo apostólico e, apesar das ameaças dos juizes, ao sair do Cárcere Modelo de Barcelona, foi novamente detido. No novo barco-prisão, no Castelo de Montjuic, e no campo de concentração de Ogerns (La Bassella, entre Ponts e Solsona), o Ir. Pablo Daniel sempre encontrou a forma de ser apóstolo.



IR. DIOGÈNE

RESSONÂNCIAS E INCERTEZAS NA CASA GERAL

O DESTINO DOS IRMÃOS DA ESPANHA VIVIDO A PARTIR DA ADMINISTRAÇÃO GERAL EM GRUGLIASCO

Destacamos alguns parágrafos da circular do Irmão Diógenes , de 25 de dezembro de 1936, escrita a partir da Casa geral de Grugliasco (Itália), nos quais se pode apreciar com que sentimentos se viveram, a partir da Administração geral de então, os acontecimentos da Espanha em que nossos Irmãos mártires foram protagonistas involuntários.

“ Na Secretaria reunimos com cuidado, à medida que iam chegando, as informações concernentes aos nossos Irmãos e obras da Espanha”. (...)

“Conheceis muito bem a cruel situação pela qual passa a Espanha desde fins de julho. As cartas, que haveis enviado à casa mãe, dirigidas ao Irmão Superior geral ou aos Irmãos Assistentes, mostram-nos os sentimentos e o interesse fraterno em relação aos Irmãos perseguidos e as orações que elevais a Deus pedindo-lhe que os ajude.

Este é, com efeito, meus queridos Irmãos, o acontecimento mais doloroso que padeceu o Instituto desde sua fundação. Jamais uma perseguição havia deixado entre nós tantas vítimas e arruinado tantas obras.

A católica terra da Espanha havia sido para nós, o sabeis muito bem, um campo de ação excelente. Num tempo relativamente curto, haviam nascido as mais diversas obras, as mais vivas e as mais apostólicas, haviam crescido e se haviam estendido a outros países, como a República Argentina, Chile, Peru e outras regiões da língua espanhola”. [...]

“Em verdade, desde há vários anos abrigávamos sérias inquietações. A ação da franco-maçonaria se captava através das leis e das instituições”. [...] “As leis escolares haviam afetado seriamente as nossas obras.

Os Irmãos, guiados por boa vontade, haviam se adaptado à situação e suas escolas estavam cheias de alunos. Em fins de

¹ Ver texto completo em Circulares, Tomo XVII (1933-1937), p. 527 & 598.

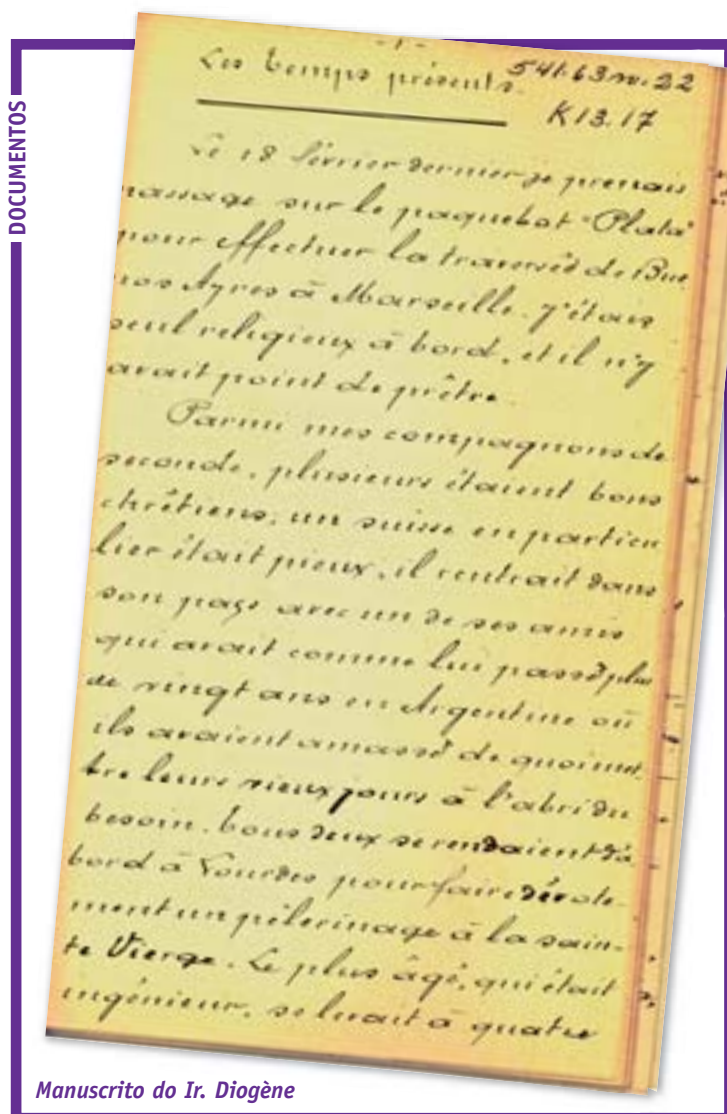
O que está destacado em letra negrita e cursiva é do editor.

julho, o país se dividiu pela metade dando origem a dois campos hostis". [...]

"Por todas as partes nossos Irmãos foram expulsos de sua casa, algumas vezes com violência. Um grande número deles foram presos, conduzidos à prisão, e guardados como reféns. Muitos, por desgraça, estão lá ainda, e é impossível de fixar exatamente o número, porém é certo que supera os duzentos, na data de hoje (3 de dezembro)". [...]

"Depois que os Irmãos estrangeiros saíram da Espanha não conseguimos saber quase nada das comunidades situadas na zona vermelha, além de que nossos Irmãos estão em perigo de morte constante.

Ninguém sabe onde estão, nenhum deles pode escrever ou dar um endereço porque o comprometeria. Por outra parte, é impossível chegar onde estão. As gestões que realizamos a partir



Manuscrito do Ir. Diogène



Grugliasco:
Casa Geral 1903-1939

É por este motivo que foram expulsos, roubados, encarcerados e fuzilados. Sem dúvida para eles é um consolo em meio a sua desgraça saber que sofrem por Deus e que esta será sua glória no céu”. [...]

“Para nós é uma amargura, porém, ao mesmo tempo, um reconfortante consolo, saber que nossos Irmãos, que foram massacrados, deram sua vida por Deus. Entragavam-na gota a gota na dedicação de cada dia, em meio às crianças. Deus a pediu de uma só vez e para sempre e eles a ofereceram, como os mártires de todos os tempos, com submissão e a oração nos lábios”. [...]

“Aqui, na casa mãe, e na imensa maioria de nossas casas provinciais, foi celebrada uma missa solene pelos numerosos mortos privados das orações de sua comunidade.

Na espera de poder decidir o que se pode fazer no fim destes tristes acontecimentos e mesmo que para muitos a morte tivera todas as características do martírio, recomendamos-os às suas orações fraternais”. [...]

“O Irmão Michaélis, Assistente geral, conseguiu chegar até Burgos, graças à benevolência das autoridades militares. Ali se ocupa dos Irmãos privados de seu Irmão Provincial, encarcerado em Barcelona”. [...]

“Detenho-me aqui, queridos Irmãos; têm algumas notícias das quais as circunstâncias todavia não permitem falar mais detalhadamente.

Isto é o suficiente para mostrar a provação que se abateu sobre nossos Irmãos da Espanha”.

”

*Ir. Diogène
Assistente geral*

TESTEMUNHO DE UM PEREGRINO

LES AVELLANES
11 de OUTUBRO de 2013



IR. VALERIÀ
SIMON MELLA

CONTAM QUE EM JERUSALÉM
CIMPRESSONA FAZER A VÍA
CRUCIS PELAS MESMAS RUAS E VIE-
LAS POR ONDE JESUS CARREGOU A
CRUZ ATÉ O GÓLGOTA. PASSA-
RAM-SE DOIS MIL ANOS, PORÉM
RECORDAR, ATUALIZAR O ITINE-
RÁRIO DRAMÁTICO E REDENTOR

que viveu o carpinteiro de Nazaré para continuar dando sua vida por todos, ajuda a aprofundar nos peregrinos sua fé, sua admiração e seu louvor pelo Senhor da vida. Na casa marista de Santa María de Bellpuig de Les Avellanes, eu e creio que

todos os que participamos dos atos da tarde radiante e fria de 11 de outubro do outono catalão, pudemos sentir-nos interpelados pelo testemunho de nossos Irmãos mártires num caminho vivencial que vou tratar de compartilhar com os leitores de FMS Mensagem.

“A CORAGEM DA FÉ”

O itinerário desse dia começou às quatro da tarde com a apresentação do livro escrito pelo Ir. Lluís Serra, “A coragem da Fé”. Num ato presidido pelo Ir. Emili Turú, superior geral, as palavras do Ir. Ernesto Sánchez,

A apresentação do livro escrito pelo Ir. Lluís Serra, “A coragem da fé”





A cruz que lembra o lugar do martírio do Ir. Crisanto em "Mas del Pastor"

coordenador da Comissão que preparou os atos maristas da Beatificação na Espanha, previu a realização de nossa particular aventura. Agradeceu a presença de todos que lá estavam e incluiu o momento que íamos viver. Um vídeo com os rostos dos 2 Leigos e 66 Irmãos, preparado pelo Ir. Ramón Serra nos ajudou a sentir o olhar de cada um, a juventude da maioria, e também a percepção de muitas vidas estropiadas pela violência, porém referendadas nos últimos momentos pela paz e a reconciliação. O Ir. Lluís tomou então a palavra e tocou a consciência dos presentes com algo mais que um convite a ler o livro. Compartilhou seus descobrimentos pessoais ao redigir um martirologio, nos expôs suas certezas e dúvidas que o espreitaram nos longos momentos de síntese e, finalmente, contagiou-nos sua esperança e fê ao explicar com diferentes exemplos a doação heroica e a entrega da vida destes maristas de corpo e alma. O tempo passava feito silêncio e escuta profunda. Nosso itinerário não fazia nada mais que começar. O Ir. Emili agradeceu ao autor seu trabalho. Acompanhava-nos também na presidência o Ir. Maurice Berquet, provincial de l'Hermitage.

PARTIMOS PARA O MONTE

Depois deste primeiro impacto partimos para o monte. Não é uma figura metafórica. Em ônibus e carros deslocamo-nos em direção do Mas del Pastor, nas proximidades desta casa de campo do município de Tartareu, onde morreu fuzilado o Ir. Crisanto.

Aí, num ato simples e sombrio, pudemos escutar o testemunho da Sra. Angelina Amorós, filha da família que acolheu o Irmão no verão de 36 e que pôde despedir-se dele momentos antes de sua oblação.

Palavras diretas, claras, e, sobretudo transmissoras de um contato direto com o Ir. Crisanto. Um ramo de flores depositado na cruz que recorda este lugar ficou como testemunho de nossa oração. Nossos corações estavam tocados pelo entorno, pelo grupo que havíamos reunido, porém principalmente pelo significado profundo daquilo que estávamos comemorando.

A EUCARISTIA NOS TRAZ A VIDA E VIVE-VERSA

Ao retornar, chegando a casa, iniciamos a Eucaristia. Também foi um itinerário em três atos. Presidiu a celebração o Pe. Ramon Prat, vigário geral da diocese de Lleida e antigo aluno, acompanhado de diversos sacerdotes. O Ir. Josep Maria Soterias, conselheiro geral, motivou a celebração re-

Sra. Angelina Amorós



Frontão: lugar do fuzilamento dos Irmãos Aquilino, Fabián, Félix Lorenzo e Ligorio Pedro

cordando que a Eucaristia nos traz a vida e vive-versa: As relíquias dos mártires que se depositam nos altares nos recordam como o memorial do corpo e sangue do Senhor nos leva a viver eucaristicamente. Assim como vamos viver esta eucaristia bem enxertada na vida dos mártires. O primeiro ato recordou, num extremo do paredão da casa, a liturgia da Palavra. Os relatos do fuzilamento dos Irmãos Aquilino, Fabián, Félix Lorenzo e Ligorio Pedro foram a primeira leitura. Era lá mesmo, o lugar de sua morte! A tarde caía. E os lugares, quase santos, falavam ao coração: “Como homem, perdoo-vos; e como católico, agradeço-vos, pois colocais em minhas mãos a palma do martírio que todo católico deve desejar” escutávamos. Era a resposta do Ir. Aquilino aos milicianos antes de morrer. O Padre Ramón Prat, desafiou-nos a viver a celebração a partir do interior do nosso ser com uma pergunta: “Que acontecimento de fé! Diante da entrega e doação da vida dos mártires que celebramos, qual é nossa resposta”?

OUTRO TIPO DE LUZ

Acompanhados da cruz procissional, deslocamos-nos em direção ao cemitério da casa. Era o segundo ato da eucaristia. Era de noite, porém havia luz, outro tipo de luz. Nas pequenas velas que, em forma de coração, iluminavam o rosto de Maria que acolhe e acompanha na estátua que preside o campo-santo. Aí tomou a palavra o Ir. Inocencio Martínez. Um testemunho da exumação dos Irmãos, um testemunho material de ver seus corpos no

Cemitério: as pequenas velas que, em forma de coração, iluminam o rosto de Maria



translado de seus restos para a Igreja do mosteiro. Porém, ao mesmo tempo um testemunho de sua generosidade e radicalidade cristã geradora de vida. Eram eles, sim, os que haviam dado sua vida e seu perdão! Cantando nos aproximamos da Igreja da casa em procissão ardente de emoções: “Nada te turbe, nada te espante, só Deus basta”. O terceiro ato da Eucaristia iniciou-se com a procissão das oferendas: um testemunho das corridas de atletismo a iniciou. É por acaso que o sangue dos mártires é semente de cristãos?





A PALAVRA DO IRMÃO EMILI TURÚ

Depois da comunhão, tomou a palavra o Ir. Emili. Era uma ação de graças porque “O sangue dos mártires deu fruto”. Um fruto na vida marista de tantos Leigos, Irmãos, comunidades e presenças que somos herdeiros de nossa história e especialmente de nossos Irmãos e Leigos beatos. Umas palavras de gozo e alegria por este dom. Um louvor ao Senhor pela vida de algumas famílias e de uma congregação religiosa que souberam “engendrar” nestas pessoas, capazes de proclamar sua doação até o extremo e de dar uma mensagem de reconciliação que convida à paz.

**“O SANGUE DOS MÁRTIRES
DEU FRUTO”. UM FRUTO
NA VIDA MARISTA DE TANTOS
LEIGOS, IRMÃOS,
COMUNIDADES E PRESENÇAS
QUE SOMOS HERDEIROS DE
NOSSA HISTÓRIA
E ESPECIALMENTE DE NOSSOS
IRMÃOS E LEIGOS BEATOS.**

Não iríamos sair da celebração os Irmãos, os familiares, vizinhos dos povoados próximos e amigos todos, sem nada material para levarmos para casa. Os Irmãos do Conselho Geral repartiram entre os presentes uma cruz de cerâmica realizada na obra educativa marista de Alcantarilla (Murcia). Não era um símbolo qualquer. Uma cruz de madeira nos havia acompanhado na celebração, em Mas del Pastor rezamos ao lado da cruz do Ir. Crisanto, o livro “Coragem da Fé” falava-nos das circunstâncias do mistério da morte em nossos Irmãos, o evangelho da eucaristia era o da crucifixão de Jesus... E o que escreve estas linhas recorda como, da mesma forma como nas ruas de Jerusalém com Jesus, sentimos ao nosso lado, caminhando conosco, os 68 beatos mártires Maristas. Presentes na recordação histórica nos mesmos lugares onde morreram, ou melhor, onde deram a vida. E também presentes em cada um de nós, já que “em espírito e em verdade” podemos seguir louvando ao Senhor por estas vidas e seguir interrogando-nos: “Que fizeste da tua fé?”.

A MEMÓRIA VIVA DOS MÁRTIRES

COLEGIO MARISTES LA INMACULADA,
BARCELONA, 12 DE OUTUBRO DE 2013



IR. LLUÍS
SERRA LLANSANA

O TRÍPTICO MARISTA DAS BEATIFICAÇÕES

O TRÍPTICO É UMA COMPOSIÇÃO PICTÓRICA, ESCULTÓRICA OU DE OURIVESARIA, DIVIDIDA EM TRÊS PAINÉIS, SENDO QUE OS DOIS LATERAIS SE FECHAM SOBRE O CENTRAL.

A vivência e organização da beatificação dos 68 mártires maristas (66 Irmãos e 2 Leigos) foram pensadas como um tríptico, formado por três painéis.

O primeiro painel teve por palco o Mosteiro de Santa Maria de Bellpuig das Avelhanas, antiga casa de

formação e forja de Irmãos. Nele, o atual Superior-Geral e o Vigário-Geral realizaram seu noviciado. Na tarde de sexta-feira, 11 de outubro, foram homenageados os Irmãos mártires. Irmãos de muitas Províncias, bem como todo o Conselho-Geral, acudiram ao lugar do martírio do Irmão Crisanto, como também dos quatro mártires do “frontão”. Uma tarde de prece e recordação do lugar dos acontecimentos. Na igreja das Avelhanas, descansam os corpos de vários bem-aventurados.

Antes de chegar à parte central do tríptico, que vai recolher o solene ato da beatificação de 522 mártires em Tarragona, domingo, 13 de outubro, a segunda parte se centra no colegio Maristes La Immaculada de Barcelona, na tarde do sábado 12 de outubro.

BARCELONA, CRISOL DE MÁRTIRES MARISTAS

Barcelona, ao nível do mar, se ergue entre duas montes, o Tibidabo e o Montjuïc, e entre dois rios, o Llobregat e o Besós. Montjuïc, banhado pelo Mediterrâneo, constitui uma fortaleza e um observatório. O castelo que alberga no seu cimo serviu durante a guerra civil como cárcere. Vários Irmãos estiveram nele como prisioneiros enquanto aguardavam o julgamento. Do castelo, se podia divisar o barco Cabo Santo Agostinho, de triste memória. Um total de 107 Irmãos estavam preparados a zarpar para



a França, porém a traição se abateu sobre eles. Tiveram que desembarcar e serem conduzidos em dois ônibus para a “checa” de santo Elias, situada no convento de Santa Maria de Jerusalém, que pertenceu às monjas clarissas. Hoje se pode visitar. Impressiona. Dividiram os Irmãos em três grupos. Um deles, integrado por 46 Irmãos, foi executado na noite de 8 para 9 de outubro de 1936, no cemitério de Montcada. Bento XVI, em 2007, os elevou à categoria de Beatos. Os outros 61 Irmãos passaram por diversas situações: julgamento, cárcere, liberdade. A Cidade Condal, palco de fortes contrastes, foi duramente castigada com bombardeios sobre a população civil.

PRESEÇA MARISTA NA CIDADE CONDAL

A Barcelona pós-olímpica hoje se converteu em referencia de projeção internacional. Sua dimensão turística é amplamente valorizada. Sua área metropolitana supera os cinco milhões de habitantes. A presença marista está formada por dois centros educativos, Maristes La Immaculada e Maristes Sants-Les Corts; uma obra social, o Centro Compartir, e quatro comunidades: Diagonal, Sants, Evarist Arnús e Escudillers.

Antes da guerra, além do colégio de Sants, havia outro colégio na rua Lauria que, após a contenda, em 1943, mudou-se para o convento das Salesas, maltratado pelas vicissitudes da guerra e situado entre o passeio San Juan e a rua València. O convento apresenta uma influência mudéjar. A igreja, de estilo neogótico, é um edifício de grande beleza arquitetônica. O jardim do claustro se transformou em pátio de recreio. Diversas obras converteram o antigo convento em centro de magníficas doações pedagógicas. Atualmente, funcionam nele todos os níveis educativos, desde o infantil até o bacharelado.

HERDEIROS DO ESPÍRITO DE MARCELINO CHAMPAGNAT

O colégio Maristes La Immaculada se encontra à direita do arrabalde, a poucos minutos a pé da Basílica da Sagrada Família, obra do arquiteto Gaudi. Suas instalações acolhem o solene ato, previsto para homenagear os mártires maristas e seus familiares, assim como para aceitar o desafio que suas vidas representam para cada pessoa. Aí, no claustro e na sala polivalente se celebram os atos previstos em Barcelona para 12 de outubro. Uma festa, aberta a todos, que servirá como memorial e proposta de futuro.

Ao entrar no claustro, de planta baixa e dois andares, se observa no centro um estrado baixo. Sobre ele uma mesa com o círio pascal, livros, um grande pão e um ramo com 17 palmas, tantas quantas as comunidades maristas que tiveram mártires. Ao redor, as 68 cruces de madeira colocadas aleatoriamente. Nos arcos, um retrato de cada





mártir com um resumo biográfico. Um imenso cartaz de fundo recorda as “testemunhas da fé”. Uma voz confidencial saúda os assistentes: “Boa-tarde a todos. Aqui nos encontramos hoje para celebrar a vida, para celebrar a Fé, para recordar e agradecer o testemunho de todos os nossos Irmãos e Leigos maristas que deram sua vida por Jesus Cristo. Nos sentimos em comunhão, somos família e damos graças ao Bom Deus porque em nossos mártires maristas encontramos verdadeiras Testemunhas da Fé que nos convidam a ser generosos em nossa entrega e serviço aos demais e a continuar vivendo o carisma Marista como dom para a Igreja e o mundo”. Entretanto, os familiares se aproximam do retrato de cada mártir, de onde acompanharão o ato. Cerca de 600 pessoas participam com alegria e atenção. Aparecem duas bailarinas, que representam o carisma. Um Irmão, com batina, se dirige ao centro e explica de maneira direta e simples o carisma de Marcelino. Ressoa uma sineta de escola e sai um grupo de meninos, meninas e jovens que vão correndo até o Irmão, rodeando-o. Entrementes, do andar superior, caem panos coloridos que simbolizam a alegria e a diversidade na educação. O Irmão concentra seu discurso sobre os próximos bem-aventurados: “Não é fácil encontrar as razões

pelas quais nossos mártires foram assassinados, devido à complexidade do momento histórico em que viviam. Mas, pelo contrario, é extremamente fácil adivinhar os motivos pelos quais deram generosamente a vida. Discípulos de Jesus, que havia dito: “Ninguém me tira a vida, mas eu a dou por minha própria vontade” (Jo 10, 18), eles haviam entregado sua vida muito antes que ela lhes fosse arrebatada.

Sua morte foi um ato em continuação de sua vida generosamente oferecida dia após dia. Nossos mártires pagaram um alto preço por serem fiéis a seus compromissos. Também eles nos estimulam a dar nossa vida, e a ser testemunhas da experiência de Deus e do maravilhoso dom da comunidade. Humildemente, discretamente, daremos nossa contribuição para modelar essa Igreja de rosto mariano com a qual sonhamos”.

Ouve-se, um depois de outro, o nome das 17 comunidades. Em seguida, um depois de outro, ouve-se também o nome de cada mártir. Familiares trazem ao centro o retrato de cada Irmão e outros levam a palma do martírio. Um momento altamente emotivo. Em procissão, todos os participantes se dirigem à sala polivalente, que se encontra no andar inferior.

UM MEMORIAL DEDICADO AOS FAMILIARES DOS MÁRTIRES

Enquanto as pessoas se assentam, o grupo Kairoi canta: “Tudo abandonaram”.

Então começa a homenagem aos familiares dos Irmãos. Os apresentadores do ato assim o resumem:

“Caminhamos com nossos Irmãos mártires. Eles estão sempre presentes, mas hoje podemos olhar seus rostos nestas imagens que nos acompanham esta tarde. Ao seu redor nos agrupamos, buscando

A MEMÓRIA VIVA DOS MÁRTIRES

Ir. Lluís Serra Llansana



sua proteção e ao mesmo tempo protegemos seu legado: a entrega e o sacrifício em defesa do mais valioso que Deus concedeu ao ser humano, a vida. E junto aos Irmãos, ao professorado, a alunos e amigos, caminharam seus familiares, aqueles que um dia sofreram a perda de seus entes mais queridos. A eles queremos agradecer a entrega, o sacrifício de nossos Irmãos, de seus irmãos. Nós nos sentimos em comunhão e apresentamos diante de Deus nossa ação de graças por suas vidas. Recebei das mãos dos meninos as imagens dos vossos em agradecimento pelo sacrifício que vós e vossas famílias realizastes. Que sua paixão seja exemplo para todos nós. Que nos acompanhe e nos dê força. Muito obrigado, irmãos de nossos Irmãos”.

É projetado um vídeo intitulado “Semeadores de esperança”, em que aparece cada um dos próximos bem-aventurados. Uma paraliturgia cria um clima de oração que inicia com o canto da “Salve-Regina”. A leitura do Evangelho segundo São Mateus recorda as bem-aventuranças. Em continuação, o Irmão Emili Turú, Superior-Geral, dirige algumas palavras que ajudam a aprofundar o significado da vida dos Beatos. Centra o desafio em duas atitudes: a fidelidade e o perdão. Agradece às famílias sua presença e o fato de que um membro de sua família tenha enriquecido o carisma marista, com a entrega generosa de sua vida. Algumas preces e castelhano, catalão, inglês, francês e português

refletem a internacionalidade do Instituto. Uma oração aos mártires e o canto final a Maria, a Boa Mãe, encerram o ato, que impressiona vivamente os assistentes.

Ao regressar ao pátio do claustro, algumas mesas, esplendidamente sortidas, servem para realizar uma ceia informal ao ar livre. O encontro, o diálogo, a saudação entre os assistentes permitem viver em tom festivo alguns sentimentos que se teceram no decorrer da tarde e algumas convicções espirituais que dão sentido profundo ao grande acontecimento reservado para o dia seguinte. Chegamos assim ao painel central do tríptico: Tar

ragona, onde as violetas maristas se integrarão no jardim da Igreja martirial.



CELEBRAÇÃO da EUCARISTIA E BEATIFICAÇÃO

TARRAGONA
13 DE OUTUBRO DE 2013



IR. ERNESTO
TINTERO PÉREZ

O dia AMANHECE ESPLÊN-
dido. RESPONDENDO
AO CHAMADO DO PAPA JOÃO
PAULO II, QUE NOS DIZIA:
«É NECESSÁRIO QUE AS IGRE-
JAS LOCAIS FAÇAM TODO O
POSSÍVEL PARA NÃO ESQUECER
AQUELES QUE SOFRERAM
O MARTÍRIO» (TMA 37),

mais de 800 inscritos pela or-
ganização marista vão se diri-
gindo ao “Complejo Educativo”
de Tarragona para se unir aos
25.000 fiéis, Irmãos, familia-
res, companheiros, admirado-
res e amigos dos mártires que,
hoje, serão beatificados.
Chegamos em tempo, o que
nos permitiu encontrar gente
conhecida que acudia à beati-

ficação de outros mártires e participar do clima festivo e de fé que ia
se criando. Tudo favorecia: a possibilidade de estar sentados, os diálo-
gos com quem víamos, a ambientação que nos oferecia megafonia, fo-





tografias e vídeos em telões que nos apresentavam os que estavam a ponto de ser beatificados.

Tarragona foi escolhida como local desta celebração porque conta com grande história de fé cristã e martirial. Os primeiros mártires espanhóis, no século III, foram o bispo de Tarragona, Fructuoso, e seus dois diáconos, Augúrio e Eulógio. Ademais, nesta ocasião, dos mártires beatificados, 147 são de Tarragona, entre os quais o que era Bispo Auxiliar, Manuel Borrás.

Nossa história e a de nossos mártires formam parte de uma história de fé e martirial que brota da mesma experiência do Senhor Jesus. O grande painel do fundo do estrado o reflete com as imagens dos primeiros mártires do Império Romano em Tarragona e o mesmo logotipo da massiva beatificação anterior de mártires na Espanha do século XX. O fundo desse logotipo seria completado, durante a celebração, com os rostos dos 522 novos Beatos.

VIDEOMENSAGEM ENVIADA PELO PAPA FRANCISCO

Às 12h em ponto, antes de começar a celebração, o papa, em breve mensagem gravada em vídeo, nos disse: "Quem são os mártires? São cristãos ganhos por Cristo, discípulos que aprenderam bem o sentido daquele amar até o extremo que levou Jesus à Cruz. Não existe o amor por partes, o amor em porções. Quando se ama, se ama até o extremo". E acrescenta que "sempre há que morrer um pouco para sair de nós mesmos, de nosso egoísmo, de nosso bem-estar, de nossa preguiça, de nossas tristezas, e abrir-nos a Deus, aos demais, especialmente aos mais necessitados".

"Imploremos a intercessão dos mártires para sermos cristãos concretos, cristãos de obras e não de palavras; para não sermos cristãos medíocres, cristãos envernizados de cristianismo, mas sem substância", acrescentou. Os mártires, "não estavam envernizados, eram cristãos até o fim. Peçamos-lhes sua ajuda para mantermos firme a fé, mesmo que haja dificuldades, e assim sejamos fermento de esperança e artífices de fraternidade e solidariedade".





Todos prorompemos em aplausos diante dessa mensagem de Francisco, sempre concreto e incisivo.

CELEBRAÇÃO

Monsenhor Dom Jaume Pujol Balcells, arcebispo de Tarragona e mano de nosso Irmão Manel, introduz a celebração pedindo ao papa Francisco que se digne inscrever no rol dos Bem-aventurados esses veneráveis servos de Deus que se mantiveram firmes na fé, no amor a Jesus Cristo e no perdão aos seus perseguidores no meio dos ultrajes que padeceram até o martírio.

Em seguida o cardeal Angelo Amato, Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, lê a Carta Apostólica em que Sua Santidade os inscreve como Beatos, nomeando cada uma das causas e permitindo que se possa celebrar cada ano sua festividade no dia 6 de novembro.

Um obrigado! emocionante brota do coração ao ouvir os nomes desses seguidores do Senhor Jesus até as últimas consequências. Um a um, pessoalmente, desde a única vida que tinham e que já lhe haviam entregue na sua consagração. Ressoam as palavras de ontem do Irmão Emili...

Mais adiante, o cardeal Angelo Amato, em sua homilia, destaca o que a Igreja quer celebrar com essa cerimônia. Ressalto algumas de suas ideias: A Igreja é "casa do perdão e não busca culpáveis". "Quer glorificar estas testemunhas heroicas do Evangelho, porque merecem admiração e imita-

ção". "Não odiavam a ningupém, amavam a todos, a todos faziam o bem".

A beatificação de hoje procura, "uma vez mais, gritar fortemente ao mundo que a humanidade necessita de paz, fraternidade, concórdia. Nada pode justificar a guerra, o ódio fratricida, a morte do próximo".

"A misericórdia é a verdadeira força que pode salvar o homem e o mundo. Só o amor preenche os vazios". "Que a celebração de hoje seja, portanto, a festa da reconciliação, do perdão dado e recebido, o triunfo do Senhor da paz".

Todos nos deixamos tomar por esse ambiente evangélico e sentimos que, realmente, como disse Riccardi dias antes, não podemos ocultar a originalidade de sua resposta, de sua história em face do ódio. Eram pessoas frágeis, mas de fé e força interior mais forte que as armas. Elas nos demonstram que outro caminho é possível. Não renunciaram a fé. Deus se mostrou grande nelas e isso não podemos olvidar. Isso nos torna responsáveis pela nossa própria resposta atual. O silêncio, que permite decantar tudo o que se viveu, nos acompanha uma vez acabada a celebração, enquanto nos dispersamos em busca de comida e dos meios de locomoção que nos levarão aos nossos lugares de origem.

O eco dessa vivência continua a ressoar e faz com que nos sintamos orgulhosos de pertencer a uma família de homens e mulheres dessa envergadura humana e cristã, ao mesmo tempo que nos impulsiona a crescer em responsabilidade diante de tantos dons recebidos: o amor e a força de Deus e os irmãos que nos deu.



TESTEMUNHO DA SRA. ANGELINA AMORÓS

Boa tarde, Ir. Superior Geral, Irmãos, autoridades e demais pessoas presentes. O Ir. Antonio Alegre convidou-me para dar um testemunho sobre o Irmão Crisanto.

Naquelas horas, ao estourar a Guerra Civil, no “Convento” (de Les Avellanes) enfrentaram uma situação difícil e tiveram que distribuir os Irmãos e estudantes em povoados próximos que os acolheram.

Em Tartareu recebemos os Irmãos Crisanto e Moisés, responsáveis pelos 22 seminaristas (juvenistas) que foram repartidos em distintas famílias do local. Nas casas em que os juvenistas foram acolhidos, alguns ajudavam no trabalho do campo e outros cooperavam nas tarefas familiares; permaneceram assim, por três meses, aproximadamente. Nos domingos de tarde reuniam-se com o Ir. Crisanto, em locais discretos, avaliavam como tinham passado a semana; ele distribuía-lhes biscoitos com um pouco de vinho especial e, supinho, rezavam o rosário.

Recordo-me do Ir. Crisanto, muito boa pessoa, que, a mim e a meu primo, nos contava muitas coisas e fazia-nos rezar. Passava bastante tempo na casa, saía todos os dias de passeio e visitava os adolescentes em seus lugares de trabalho.

Ele comentava com meus pais e avós as coisas que aconteciam, como um membro a mais da família. A relação familiar era muito boa e a amizade, intensa; meus familiares viveram e trabalharam como pedreiros no “Convento”. Como lembro os últimos momentos, antes do martírio? Dias antes, os milicianos chegaram ao povoado e deram ordem ao Irmão de apresentar-se todos os dias ao comitê, às 12h, ou seja, meio-dia. Naquele dia veio, em casa, o oficial inferior de justiça para buscá-lo. Ele estava passeando e meu pai foi procurá-lo para dizer-lhe que não voltasse e permanecesse escondido.

Meu pai lhe disse que em casa havia dois tios escondidos e que não fazia diferença levar comida para dois ou para quatro. Insistiu também para que não se apresentasse, porque as coisas estavam piores do que em outras oportunidades. Ele (o Irmão) disse-lhe que não poderia abandonar seus filhos e que nada lhe aconteceria.

Ao sair de casa, minha mãe lhe disse: por que não se cobre, referindo-se ao chapéu. Ele respondeu: voltarei em seguida. Quando esteve com o comitê, pediu aos soldados que lhe permitissem de ir até a casa para buscar seu chapéu e responderam-lhe que não; porque lhe sobraria pouco tempo de sol. Ele disse aos milicianos: “Podem matar-me, mas respeitem meu companheiro e os estudantes”.

Crianças do povoado, estávamos curiosos e ligados ao que se passava. Quando o Irmão saiu do local do Comitê, vigiado por milicianos, dirigiu-se para a caminhonete; ao passar diante de mim e de meu primo, tocou-nos no rosto e disse: “Adeus, crianças; não as verei mais”. Seguiu adiante e ficamos muito tristes... Subiu à caminhonete e, realmente, assim foi: não o vimos mais.

A imagem que dele conservo: ele era um Santo.

FIDELIDADE E PERDÃO

MENSAGEM DO 12 DE OUTUBRO DE 2013
NO COLÉGIO LA INMACULADA,
BARCELONA



IR. Emili Turú
Superior geral

DENTRO DE 4 ANOS, EM JANEIRO DE 2017, VAMOS CELEBRAR O BICENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DO INSTITUTO MARISTA. COMO PREPARAÇÃO A ESSE ACONTECIMENTO, AO LONGO DOS PRÓXIMOS ANOS, QUEREMOS FAZER MEMÓRIA AGRADECIDA DAQUELES QUE NOS PRECEDERAM E CUJA HERANÇA DESEJAMOS FAZER FRUTIFICAR.

Com efeito, enche-nos de alegria constatar que o Instituto Marista foi construído sobre a base de milhares de Irmãos que, silenciosamente, deram sua vida a serviço das crianças e dos jovens, nas pegadas de Marcelino Champagnat e de nossos primeiros Irmãos. Entre eles, estão os 68 mártires que hoje recordamos com profunda afeição.

A celebração deste fim de semana encontra, pois, seu lugar nesse itinerário até 2017, projetando-nos para o futuro da vida marista.

No dia de hoje, é motivo particular de alegria poder contar, entre nós, com os familiares de nossos Irmãos. É fácil imaginar o terrível impacto que significou para todos – famílias e Instituto marista – o assassinato desses 68 homens, cujas idades oscilavam entre 19 e 63 anos (dois terços deles tinham menos de 40 anos...). Hoje, muitos anos depois desses trágicos acontecimentos, reencontramo-nos, convocados pela qualidade de suas vidas e por nossa fé comum no Deus da vida. O que podemos levar destas celebrações? O que significa hoje, à luz da fé, o sacrifício de nossos mártires?

A mim ocorrem duas palavras que proponho à consideração de vocês

FIDELIDADE

Recordo muito bem a pergunta que, há dez anos, dirigiu-me um Irmão de Sri Lanka, surpreendido pelo grande número de Irmãos sacrificados na Espanha. Dizia-me ele: Como pode acontecer isso? Por que os mataram? Na verdade, não soube responder-lhe, no momento, a não ser vagamente. No entanto, sua pergunta ficou em meu íntimo e fez-me pensar muito.



Não é fácil encontrar as razões pelas quais nossos mártires foram assassinados, considerada a complexidade do momento histórico em que viviam. Mas, ao invés, é muito fácil adivinhar os motivos pelos quais deram, generosamente, sua vida. Discípulos de Jesus que ensinara: “Ninguém me tira a vida; eu a dou por minha própria vontade” (Jo 10,18), eles tinham entregado sua vida, muito antes que lhes fosse arrebatada. Sua morte significou um ato de continuidade na vida que ofereciam, generosamente, dia após dia. Eles tinham decidido levar a sério a mensagem de Jesus que, há pouco, nos foi lembrada, na leitura do Evangelho: pobreza em espírito, mansidão, sede de justiça, misericórdia, pureza de coração, paz, perdão... Tra-

taram de ser fiéis a esses valores, durante a vida e, coerentemente, fizeram-no também em situações extremas, quando foram obrigados a fazer opções.

Sim, foram fiéis até o fim. E em sua fidelidade, as vítimas triunfaram sobre seus verdugos: estes lhes tiraram a vida, mas não puderam impedi-los de ser coerentes com a vida que, livremente, tinham decidido abraçar. Poderiam ter exclamado, como Martin Luther King, alguns anos mais tarde: Diremos aos inimigos mais rancorosos: À vossa capacidade de infligir sofrimento vamos opor a nossa de suportá-lo. À vossa força física responderemos com a fortaleza de nossas almas. Fazei o que quiserdes e continuaremos a amar-vos; não vamos cooperar com o mal, mas, tende a certeza de que vos levaremos até o limite de nossa capacidade de sofrer. Um dia teremos a liberdade; mas, não servirá somente para nós... nossa vitória será uma vitória dupla.

Contrariamente às aparências, descobrimos que ser fiel até a morte é um caminho de libertação e não de servidão; é uma vitória, nunca um fracasso.

PERDÃO

Quando lemos o relato do martírio de nossos Irmãos, surpreende a violência exercida sobre pessoas indefesas e pacíficas, cuja vida estava a serviço dos demais. A história da humanidade oferece-nos, de vez em quando, amostras de quão cruéis podem ser as pessoas. E, no entanto, nesses mesmos momen-



tos, como réplica à violência, por parte de quem a sofre, vemos florescer também a parte melhor do coração humano. É comovedor lembrar as palavras de perdão, nos lábios de nossos mártires, a exemplo de Jesus que, na cruz, suplica ao Pai: Perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem.

Quando se responde à violência com mais violência, entra-se num círculo vicioso que, irremediavelmente, leva à destruição. O perdão, ao contrário, contém em si a força para quebrar esse círculo destrutivo e abrir espaços para a reconciliação.

Como cristãos abrasados pela ternura de um Deus, que é amor, cremos profundamente no amor sem condições, como único caminho para a humanidade; essa é a Boa-nova da qual deveríamos ser portadores, especialmente com nossa vida.

Como dizia Paulo VI:

A Boa-nova deve ser proclamada, em primeiro lugar, mediante o testemunho... Suponhamos um cristão ou um grupo de cristãos que, dentro da comunidade humana em que vivem, manifestem sua capacidade de compreensão e de aceitação, sua comunhão de vida e de destino com os demais, sua solidariedade com os esforços de todos, em torno do que existe de nobre e bom. Suponhamos ainda que irradiem, de modo simples e espontâneo, sua fé nos valores que vão além dos valores correntes, e sua esperança em algo que não se vê nem ousariam sonhar. Através desse testemunho sem palavras, esses cristãos fazem surgir, naqueles que contemplam sua vida, questionamentos irresistíveis: Por que são assim? Por que vivem desse modo? O que é ou quem é que os inspira? Por que estão conosco? Pois bem, esse testemunho constitui por si só uma proclamação silenciosa, mas também muito clara e eficaz da Boa-nova.

FIDELIDADE E PERDÃO

Duas atitudes vitais que podem converter todas as pessoas de boa vontade em semente e fermento de um mundo melhor: seremos capazes de incorporá-las em nossa própria vida?

Ante o testemunho de nossos Irmãos mártires, talvez mais de uma pessoa se pergunte como teria atuado, se tivesse estado no lugar deles: teria optado, realmente, pela fidelidade e pelo perdão, tal como fizeram eles? A esse respeito, Dom Tonino Bello dizia de si mesmo, com ironia: Se ser cristão fosse um delito e eu fosse levado ante um tribunal, acusado desse delito, eu seria absolvido por falta de provas. Recomendemo-nos, mutuamente, à proteção de nossos Bem-aventurados, de modo que

cada um de nós possa dizer, retomando as palavras de Tonino Bello: Rezem por mim, de modo que, se de fato ser cristão é um delito, haja então tantas evidências a ponto de não se encontrar algum advogado disposto a defender-me. Então, finalmente,

comparecerei ante os juízes como réu confesso do crime de seguir a Cristo, com todos os agravantes de reincidência genérica e específica. Assim terei a desejada condenação. Terei a morte. Ou melhor dito, a vida.

Maria, peregrina na fé, sentimos-te próxima ao nosso caminhar, constituído de avanços e retrocessos, de euforias e de dúvidas. Assopra sobre as brasas de nossa fé, porque queremos, como tu, como nossos mártires, viver vida feliz e plena, entregue sem condições pela causa de Jesus, nosso irmão. Amém.



MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO



Queridos irmãos e irmãs, bom dia.

Uno-me de coração a todos os participantes na celebração de Tarragona, em que um grande número de Pastores, pessoas consagradas e fiéis leigos são proclamados Beatos mártires.

Quem são os mártires? São cristãos ganhos por Cristo, são discípulos que apreenderam bem o significado do "amar até ao fim", que levou Jesus à cruz. Não existe o amor por comissões, o amor às prestações. O amor total: e quando se ama, ama-se até ao fim.

Na cruz, Jesus sentiu o peso da morte, o peso do pecado, mas confiou inteiramente no Pai e perdoou. Não disse só palavras, mas deu a sua vida. Cristo é pioneiro, vai à nossa frente no amor; os mártires imitaram-no no amor até o fim.

Dizem os Santos Padres: "Imitemos os mártires!" Sempre temos que morrer um pouco para sair de nós mesmos, do nosso egoísmo, do nosso bem-estar, da nossa preguiça, das nossas tristezas e abrir-nos para Deus, para os outros, especialmente para os mais necessitados.

Imploremos a intercessão dos mártires para sermos cristãos concretos, cristãos de atos e não de palavras, para não sermos cristãos medíocres, cristãos envernizados de cristianismo, mas sem substância; eles não estavam envernizados, eles foram cristãos até ao fim.

Vamos pedir a sua ajuda para nos mantermos firmes na fé, embora haja dificuldades, e sejamos assim fermento de esperança e construtores de fraternidade e de solidariedade.

E peço-lhes que orem por mim.

Que Jesus os abençoe e a Virgem Santa cuide de vocês.

A FESTA DA RECONCILIAÇÃO, do perdão dado e recebido, O TRIUNFO DO SENHOR DA PAZ

DOMINGO 13 DE OUTUBRO,
BEATIFICAÇÃO DE 522 MÁRTIRES,
TARRAGONA



**HOMILIA (FRAGMENTOS)
do CARDEAL
ANGELO AMATO, SDB**
*Prefeito da Congregação
para as Causas dos Santos*

A IGREJA ESPANHOLA CELEBRA HOJE A BEATIFICAÇÃO DE 522 FILHOS MÁRTIRES, PROFETAS DESARMADOS DA CARIDAD DE CRISTO. É UM EXTRAORDINÁRIO EVENTO DE GRAÇA, QUE TIRA TODA TRISTEZA E ENCHE DE JÚBILIO A COMUNIDADE CRISTÃ.

Hoje recordamos com gratidão seu sacrifício, que é a manifestação concreta da civilização do amor, pregada por Jesus: «Agora – diz o livro do Apocalipse de São João – realizou-se a salvação, o poder e a realeza do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo» (Ap 12, 10). Os mártires não se en-

vergonharam do Evangelho, mas permaneceram fiéis a Cristo, que disse: «Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome cada dia a sua cruz, e me siga. Pois, quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la; mas quem perde a sua vida por causa de mim, esse a salvará (Lc 9, 23-24). Sepultados com Cristo na morte, com Ele vivem pela fé na força de Deus (cf. Col 2, 12). [...]

Recordemos de antemão que os mártires [...] esses irmãos e irmãs nossos não eram combatentes, não tinham armas, não se encontravam na vanguarda, não apoiavam nenhum partido, não eram provocadores. Eram homens e mulheres pacíficos. Foram mortos por ódio à fé, só porque eram católicos, porque eram sacerdotes, porque eram seminaristas, porque eram religiosos, porque eram religiosas, porque acreditavam em Deus, porque tinham Jesus como único tesouro, mais querido que a própria vida. Não odiavam a ninguém, amavam a todos, faziam o bem a todos. Seu apostolado era a catequese nas paróquias, o ensino nas escolas, o cuidado dos enfermos, a caridade para com os pobres, a assistência aos anciãos e marginados. À atrocidade dos perseguidores, não responderam com a rebelião ou com as armas, mas com a mansidão dos fortes. [...]

A celebração de hoje quer mais uma vez gritar fortemente ao mundo, que a humanidade necessita de paz, fraternidade, concórdia. Nada pode justificar a guerra, o ódio fratricida, a morte do próximo. Com sua caridade, os mártires se opuseram ao furor do mal, como um potente muro se opõe à violência monstruosa de um tsunami. Com sua mansidão os mártires desativaram as armas dos tiranos e dos verdugos, vencendo o mal com o bem. Eles são os profetas sempre atuais da paz na Terra. [...]

Que mensagem nos oferecem os mártires antigos e modernos? Eles nos deixam dupla mensagem. Antes de tudo nos convidam a perdoar. O Papa Francisco recentemente nos recordou que «o prazer de Deus é perdoar!... Aí está todo o Evangelho, todo o Cristianismo! Não é sentimento, não é bonacheirice! Pelo contrário, a misericórdia é a verdadeira força que pode salvar o homem e o mundo do ‘câncer’ que é o pecado, o mal moral, o mal espiritual. Somente o amor plenifica os vazios, a voragem negativa que o mal abre no coração e na história. Somente o amor pode fazer isso, e esse é o prazer de Deus!».(4)

Somos chamados, portanto, à alegria do perdão, a eliminar da mente e do coração a tristeza do rancor e do ódio. Jesus dizia: «Sejam misericordiosos, como também o Pai de vocês é misericordioso» (Lc 6, 36). Convém fazer um exame concreto, agora, sobre nossa vontade de perdão. O Papa Francisco sugere: “Cada um pense numa pessoa com a qual não se dá bem, da qual se aborreceu, que não quer nada com ela. Pensemos nessa pessoa e, em silêncio, neste momento, rezemos por ela, sejamos misericordiosos para com essa pessoa.

A celebração de hoje seja, pois, a festa da reconciliação, do perdão dado e recebido, o triunfo do Senhor da paz.

Daí surge uma segunda mensagem: a da conversão do coração à bondade e à misericórdia.

Todos somos convidados a converter-nos ao bem, não só quem se declara cristão, mas também quem não o é. A Igreja convida também os perseguidores a não temer a conversão, a não ter medo do bem, a rechaçar o mal. O Senhor é bom pai que perdoa e acolhe de braços abertos seus filhos distantes nos caminhos do mal e do pecado.

Todos – bons e maus – necessitamos de conversão. Todos somos chamados a converter-nos à paz, à fraternidade, ao respeito da liberdade do outro, à serenidade nas relações humanas. Assim fizeram os nossos mártires, assim agiram os santos, que – como o Papa Francisco disse – “seguem «o caminho da conversão, o caminho da humildade, do amor, do coração, o caminho da beleza”.

É uma mensagem que concerne sobretudo aos jovens, chamados a viver com fidelidade e prazer a vida cristã. Porém é preciso ir contra a corrente: «Ir contra a corrente faz bem ao coração, mas é necessário a coragem, e Jesus nos dá essa coragem! Não há dificuldades, tribulações, incompreensões que nos asustem se permanecemos unidos a Deus como os sarmentos estão unidos à videira, se não perdemos a amizade com Ele, se lhe damos cada vez mais espaço em nossa vida. Isso acontece sobretudo se nos

sentimos pobres, débeis, pecadores, porque Deus dá força à nossa debilidade, riqueza à nossa pobreza, conversão e perdão ao nosso pecado.

Assim se comportaram os mártires, jovens e anciãos. Sim, também jovens como, por exemplo, os seminaristas das dioceses de Tarragona e de Jaén, e o leigo de vinte e um anos, da diocese de Jaén. Não tiveram medo da morte, porque seu olhar estava projetado para o céu, para o gozo da eternidade sem fim na caridade de Deus. Se lhes faltou a misericórdia dos homens, esteve presente e superabundante a misericórdia de Deus.

Perdão e conversão: eis os dons que os mártires nos dão. O perdão leva a paz aos corações, a conversão cria fraternidade com os demais. Nossos Mártires, mensageiros da vida e não da morte, sejam nossos intercessores para uma existência de paz e fraternidade. Será esse o fruto precioso desta celebração no ano da fé.

Que María, Rainha dos Mártires, continue sendo a poderosa Auxiliadora dos cristãos. Amém.



Os TRABALHADORES DA CAUSA



**IR. GIOVANNI MARIA
BIGOTTO**

Eis QUE ESTAMOS há dois dias após a grande festa da beatificação, em TARRAGONA, de 522 MÁRTIRES, ENTRE OS QUAIS 66 IRMÃOS MARISTAS E dois LEIÇOS, PRECURSORES DOS LEIÇOS MARISTAS DE HOJE.

A festa foi perfeita em preparação, solenidade, e profundidade da mensagem, com um sol forte, e com a participação de aproximadamente 30.000 fiéis.

Agora nós retornamos à planície dos dias ordinários, o coração iluminado pelo exemplo de nossos mártires: nas brumas dos dias, eles caminharam com os olhos fixos no sol que é Jesus Cristo.

De todas as iniciativas feitas dentro do tríduo festivo da sexta-feira, 11 ao domingo, 13 de outubro 2013, uma tocou particularmente o coração. Foi na noite de sábado, 12 de outubro, lá pelo final da representação artística feita pelos alunos do Colégio Imaculada de Barcelona.

O Ir. Emili Turú, Superior Geral, tomou a palavra para expressar a gratidão para com todos que tornaram esta festa possível e bonita. Teve um momento para um obrigado aos postuladores e isto permitiu entender a complexidade do trabalho que foi realizado para desabrochar na beatificação. Nossos 66 Irmãos e os dois Leigos formavam no começo um conjunto de pequenas causas dispersas nas quais os vice-postuladores trabalharam desde os anos 1946 e os seguintes. Os que nos últimos anos se ocuparam destas causas foram o Irmãos Augustin Carazo, que recolheu um grande número de documentos e testemunhos. O Ir. Mariano Santamaria estava engajado como vice-postulador durante um longo período, colaborando com o Ir. Gabriele Andreucci, o Ir. Giovanni Maria Bigotto, acumulando muitos documentos e constituindo uma biblioteca de livros publicados nos anos atormentados de 1933 a 1939. Ele também deu uma sepultura digna aos mártires e preservou assim suas relíquias.

O Irmão Gabriele Andreucci, que foi postulador de 1989 a 2000, foi a peça mestra do trabalho das causas da Espanha. Foi ele que escreveu as positio do Irmão Bernardo, do Irmão Laurentino e de seus 45 companheiros depois as reagruparam numa só positio as diversas causas dos mártires cuja beatificação foi proclamada a 13 de outubro de 2013. Ele forneceu um trabalho



colossal que, na Congregação pelas causas dos santos, foi apreciado por seu rigor e pertinência na demonstração do martírio. Foi ele ainda que escreveu a positio para a canonização do nosso fundador, Marcelino Champagnat. Por motivos de saúde, ele não pôde participar da festa; portanto, ele mais do que qualquer outro merece a gratidão de nossa Família Marista. O Irmão Giovanni Maria Bigotto, postulador de 2001 a 2010 inspirou-se no trabalho do Irmão Gabriele para escrever biografias curtas, bem acessíveis sobre os mártires. Este trabalho está integrado num livro que engloba todos os nossos modelos maristas desde o Fundador aos mártires da Algéria sob o título: Nossos Modelos de Santidade Marista. Após a beatificação de 28 de outubro de 2007, numerosas celebrações sobre os mártires foram enviadas a todas as Províncias para que a lembrança dos mártires entre em nossos corações e nossas orações.

Finalmente, o Irmão Jorge Flores Aceves, atual postulador, deu seguimento a causa nas suas últimas etapas, mantendo um contato constante com a Congregação para a causa dos santos e com os responsáveis, em Madri. O Irmão Jorge permanece com a tarefa de seguir, atualmente a positio do grupo do Ir. Eusebio e de 58 outros Irmãos. Quando esta causa será aceita, então se acrescentará também a causa do Ir. Lycarion, morto a 28 de julho de 1909, em Barcelona, ao longo da Semana Trágica. Esta positio já está terminada. Isto pode nos dar uma ideia da complexidade do trabalho.

E, com certeza, nós podemos admirar o coração de nosso Superior Geral, que não esquece nenhum dos seus trabalhadores, lembrando-os à Família Marista, e lhes diz obrigado por meio de uma bela cerâmica inspirada no pôster da beatificação dentro de uma caixa de veludo vermelho. Irmão Emili, teu obrigado foi aquele de todos os Irmãos e Leigos Maristas, e por nossa vez, deixa-nos dizer também nosso obrigado.

E nós dizemos obrigado também aos nossos Irmãos Mártires colocando nosso passo no passo deles, e fazendo um lugar para eles em nossas orações e em nossos corações. "Vós todos, nossos Irmãos Mártires, caminhai conosco!"

HISTÓRIA E VICISSITUDES DA CAUSA dos IRMÃOS

CRISANTO, AQUILINO, CÍPRIANO JOSÉ
E 63 COMPANHEIROS, E DOIS LEIGOS



IR. MARIANO
SANTAMARÍA

O GRUPO DOS 66 IRMÃOS MARISTAS E DOIS LEIGOS, BEATIFICADOS EM TARRAGONA A 13 DE OUTUBRO DE 2013, FORMA UMA CAUSA NA QUAL SE INCORPORAM QUATRO PROCESSOS DIOCESANOS OU DE INSTRUÇÃO, INICIADOS EM QUATRO DIOCESES DISTINTAS: LLEIDA (1946), URGELL (1947), SARAGOÇA (1957) E MADRI (1969).

Essa causa começa em 1946 e se conclui em 1989. Trascorreram quarenta e três anos. Por que motivo? Para mim, são vários.

Detenho-me em alguns:

A ruptura que se produziu no pontificado do Papa Paulo VI nos processos de beatificação dos servos de Deus assassinados na perseguição religiosa de 1934-1939.

No Instituto Marista houve a substituição do Postulador-Geral, Ir. Alessandro di Pietro, pessoa que no seu cargo animou os superiores da Espanha a iniciar os processos de beatificação.

Nem todos os Irmãos das Províncias Maristas de Espanha concordavam em introduzir a causa de beatificação desses Irmãos mártires.

Na minha opinião, essas circunstâncias esfriaram o entusiasmo em continuar os processos, chegando quase a olvidá-los. Tanto é assim, que o Ir. Basílio Rueda, Superio-Geral, em reunião com os Provinciais de Espanha, teve que animá-los a retomar o tema dos mártires.

Nesse contexto, os Postuladores e Vice-postuladores encarregados de levar o processo tiveram que omitir conselhos dissuasórios e superar diversas dificuldades.

A causa dos Irmãos Crisanto, Aquilino, Cípriano José e 63 companheiros, e dois leigos, forma quatro processos diocesanos:

O do Ir. Crisanto, iniciado na diocese de Lleida.

O do Ir. Aquilino e três companheiros (“os do frontão”), processo levado a cabo na diocese de Urgell.

O do Ir. Cípriano José e 29 companheiros da comunidade de Toledo (11), Valência (4), de Vic (4), de Ribadesella (1), de Badajoz (1), inicia em Saragoça a 10 de janeiro de 1957.

O processo do Ir. Guzmán e 39 companheiros maristas e dois leigos: das comunidades de Fuencarral (6), de Los Madrazo (3), do Cisne (3), de



Chinchón (3 e 1 leigo), de Málaga (6), de Torrelaguna (3), das comunidades de Cabezón do sal e Carrejo (4), de Valência (2), de Cuenca (1 Irmão e 1 leigo), de Barruelo de Santullán (2), de Dênia (1), os três assassinados em Saganta (Huesca); em Bilbau (1), 1 na fronteira francesa e 1 em Albocácer. Esse múltiplo processo, devido aos vários lugares da morte dos Irmãos, começa na dioceses de Madri.

A 31 de julho de 1989, sendo Postulador-Geral o Ir. Agustín Carrazo, e segundo a norma da Congregação dos Santos, as causas citadas se unificam em uma que leva o nome dos Irmãos Crisanto, Aquilino, Cipriano José e 63 companheiros, e dois leigos.

COMEÇAM OS TRABALHOS DA POSITIO

Sete anos depois, em 1996, o Ir. Gabriele Andreucci, Postulador-Geral, começa a elaboração da complexa Positio desses mártires. Seu trabalho, extenso e complexo, se recolhe nas 2.001 páginas dos três volumes que compõem a Positio.

Com a aprovação do Relator, o Rev.do José Luis Gutiérrez, a 7 de dezembro de 2001 pôde apresentar-se na Secretaria da Congregação dos Santos, assim como na diocese de Lleida e outras.

O congresso de Teólogos, depois de exaustivo exame, se reúne a 17 de abril de 2012 e emite seu voto favorável a cada um dos Beatos e à causa em geral.

A 7 de maio de 2013, em sessão ordinária presidida pelo Cardeal Prefeito Ángel Amato, os cardeais e bispos reconheceram que os Servos de Deus padeceram martírio por confessar a Cristo e sua Igreja, e foram vítimas da Fé. O Papa Francisco, Informado por escrito, pelo Cardeal Amato, de todas essas etapas, o Santo Padre aceita e rubrica os Votos da Congregação dos Santos, dando assim certeza do martírio dos servos de Deus, Irs. Crisanto, Aquilino, Cipriano José e 63 companheiros Irmãos Maristas das Escolas, e dois leigos.

O decreto de Beatificação de 3 de junho de 2013, leva la assinatura do Prefeito da Congregação.

COLABORAÇÕES

O trabalho levado a cabo na elaboração da Positio demanda precisão e exatidão, exigências pelas quais o autor teve que recorrer a pessoas para esclarecer dados relativos a datas, nomes... O Ir. Gabriele me confiou, como Vice-postulador, temas pontuais e de maior duração, como o de recolher provas diretas sobre a fama martirial e de veneração que gozavam esses Beatos entre os Irmãos Maristas, antigos

alunos, familiares e conhecidos.

Outro assunto que me encomendou foi a localização dos restos mortais dos Beatos para logo proceder à exumação, reconhecimento e posterior traslado à igreja paroquial onde foram assassinados.

EXPERIÊNCIAS VIVIDAS

Começo afirmando que o Postulador-Geral, Ir. Gabriele Andreucci, conhecia muito bem as obrigações que havia assumido ao ocupar o cargo. Por outra parte, como especialista, gostava de trabalhar com rigor e precisão em nomes, datas, lugares e acontecimentos relacionados com esses Beatos. Para mim foi uma sorte ser um de seus colaboradores diretos.

Nos encargos pontuais que me confiou tive que acudir a arquivos que guardavam documentação da perseguição religiosa, por exemplo, a Causa geral da Guerra Civil, no Arquivo Nacional, Rua Serrano de Madri (hoje em Salamanca). Também em Málaga, Barcelona... onde se guarda documentação relacionada com a Guerra Civil. Como chegar a essa documentação? Somente com a autorização expedida pelo Fiscal do Estado.

Entrevistei pessoas que haviam testemunhado, com o fim de esclarecer nomes e fatos que haviam ficado confusos em sua prova testemunhal.

Outro trabalho laborioso e delicado foi o recolhimento da fama de martírio de que gozavam esses Beatos. Não se deve olvidar que uma das condições que a Igreja exige é que esses Beatos sejam reconhecidos, para que possam ser modelos de imitação para o povo cristão. Esse reconhecimento do povo cristão exige provas.

Para cumprir com precisão essa tarefa tive que percorrer povoados e cidades, visitando famílias, entrevistando antigos alunos, Irmãos Maristas... buscando provas testemunhais escritas. Havia que provar que eram lembrados como pessoas que deram a vida por sua fé, por ser religiosos; que não pertenciam a partidos políticos, nem lutavam por ideias políticas... e que eram venerados e inclusive se rezava a eles.

Nas conversas que mantínhamos, sempre saía o motivo de seu assassinato. A resposta era: por ser "fraile", ou seja, religioso. Naquela época se respirava ódio contra a Igreja; ela era a causadora de

tudo, motivo por que precisava fazê-la desaparecer. Alguns familiares recordaram expressões de então: "Já dizíamos ao Irmão: Venha conosco. Mas o apreço por sua vocação e o bem que encontrava em seus superiores e companheiros eram mais fortes que nossas razões". "Em casa rezamos a ele, pois estamos convencidos de ter um santo na família, que um dia será reconhecido pela Igreja como Beato ou Santo". "Suas visitas eram para a família motivo de encontro e de segurança na fé; rezávamos juntos as orações que nossos pais, na escola ou na igreja, nos ensinaram". Outra missão que me encomendou o Ir. Postulador foi de localizar os restos mortais desses Irmãos assassinados, para proceder ao seu reconhecimento e posterior traslado à igreja paroquial a que pertenciam, no momento da entrega de suas vidas pela fé. As diligências foram civis e eclesiásticas, e se realizaram na cidade de Toledo com os Beatos aí assassinados, em Torrelaguna, Barruelo de Santullán (Palência), Ribadesella (Oviedo) e em Bilbao-Lardero, diretamente da Vice-postuladoria, com o apoio econômico das Províncias em Espanha.

Foi uma experiência laboriosa e ao mesmo tempo gratificante, tocar aquelas relíquias de Irmãos que nos eram apresentados como exemplo nas casas de formação. Dificilmente o esquecerei. Tive a sorte de contar com cientistas forenses extraordinários, tais como o Dr. José-Andrés de Andrade Fernández e sua equipe, no reconhecimento dos restos dos Irmãos de Torrelaguna e Toledo. Ver especialistas em balística reconstruir a trajetória das balas martiriais e ouvir as explicações, foi para mim muito enriquecedor e constitui um argumento martirial de primeira categoria. Em Bilbao pude contar com o famoso médico forense, Dr. Francisco Etxeberria, do Dep.to de Antropologia, Sociedade de Ciências Aranzadi e Universidade do País Vasco, e a dos Drs. Rafael Alcaraz Manzano e Juan Bta Arrieta Pérez, eminentes forenses dos Serviços de Patologia Forense do Instituto Vasco de Medicina legal. Quanto me ajudaram com seu saber e amabilidade!

Muitas emoções vivi no traslado, para a inumação, dos restos mortais desses Beatos. Esses atos, revestidos de grande solenidade e com a presença das autoridades religiosas e civis, tocaram o coração de familiares, de Irmãos Maristas, de antigos

alunos e paroquianos presentes, e em mim deixaram profunda marca de amor e devoção para com esses Beatos maristas.

Muito interessantes foram as conversas que tive com D. Antonio Clavero, antigo aluno de Málaga, para que prévia investigação nos arquivos da cidade recolhesse as vicissitudes políticas que viveram os malaguenhos e os sofrimentos dos seis Irmãos mártires de Málaga. Semelhante satisfação me produziu o Ir. Puebla Centeno com seu meritório trabalho sobre os Beatos de Madri e arredores, a do Ir. Luis A. Martínez Chasco com a publicação da vida do Beato Luis Fermín e o opúsculo sobre o Beato H. Aureliano del H. Rafael Arteaga.

A publicação de “Vidas entregadas”, “Martirólogo marista” e “Testemunhas, mártires maristas em suas duas épocas”, de onde se recolhem a biografia e as circunstâncias pelas quais passaram esses 68 Beatos, são realidades com que as Províncias de Espanha rendem homenagem a seus Beatos Mártires.

MEU TRABALHO NOS PROCESSOS COMO VICE-POSTULADOR

Por ter podido mergulhar na história desses Beatos, glória e penhor do Instituto marista, constato que assimilaram e encarnaram o carisma de São Marcelino Champagnat e a mensagem que transmitiu aos primeiros Irmãos. Essa mensagem não foi outra que a da simplicidade e humildade, tomando por modelos Maria, Recurso Habitual, e Jesus. Eles viveram na simplicidade e humildade sua vida entregue à educação da infância e juventude. Amaram sua vocação como consagrados e por ela entregaram a vida.

São pessoas que na vida não aninharam ressentimentos, pelo contrário, seu lema foi o amor a Deus, aos meninos e aos jovens. Souberam

em momentos difíceis defender a Igreja e os valores que pregavam. As dificuldades e a perseguição, vividas em comunidade, com os superiores à frente, fortaleceram sua entrega e sua fidelidade ao Senhor, como aconteceu na Comunidade de Toledo, de Málaga, Chinchón... Admirável o exemplo do Beato Ir. Jean-Marie, e a vida oculta que levavam.



AMOR EXTRAORDINÁRIO



IR. SEÁN SAMMON

O SURTO DE VIOLÊNCIA QUE SE ALASTRA PELO MUNDO EQUIVALE À IRRUPÇÃO DE UMA GUERRA CIVIL, DIVIDINDO FAMÍLIAS, JOGANDO UNS CONTRA OS OUTROS E PROVOCANDO UM SOFRIMENTO QUE O TEMPO JAMAIS PODERÁ SUPERAR PLENAMENTE.

E não serve de consolo a constatação de que as atrocidades são frequentemente cometidas por gente de ambos os lados.

Em meio à perda e à morte que marcam esses conflitos, no entanto, há também demonstrações de grande coragem e surpreendente abnegação e disposição para oferecer a própria vida para que outras pessoas a tenham. Tal foi o testemunho de Crisanto e seus 67 companheiros martirizados na Espanha na década de 1930.

Nascido em 4 de março de 1897, Crisanto recebeu, no batismo, o nome de Casimiro. Entrou para a comunidade marista em 1914 e, no ano seguinte, recebeu o hábito. A partir de 1916 trabalhou em muitas escolas de sua Província. As qualidades pessoais de Crisanto eram tais que, em 1935, foi indicado como responsável pela formação dos juvenistas em Les Avellanes. No período de um ano, até o início do violência, esses jovens foram transferidos para outras regiões junto com as famílias. Na ocasião, Crisanto era obrigado a se apresentar duas vezes por dia na prefeitura. Plenamente consciente de que uma sentença de morte o esperava, recusou-se a fugir ou a rebater as acusações. E no dia 27 de agosto de 1936 foi fuzilado.

Mártires não procuram a morte. Sir Thomas More, preso na infame Torre de Londres e famoso por se recusar a aceitar o rei Henrique VIII como Chefe Supremo da Igreja da Inglaterra, é exemplo disso. Esse filósofo, escritor e estadista, ex-Chanceler da Inglaterra, usou todas as suas habilidades de advogado para evitar a execução. Quando viu esgotadas todas as possibilidades, no entanto, aceitou a morte em vez de trair sua consciência. Thomas More, como todos os mártires, acreditava que



integridade era um dom mais precioso do que a própria vida. Mas não se enganem: muito mais do que honra e honestidade estavam em jogo. Pois More era um homem apaixonado por Deus. E foi esse relacionamento, e não qualquer outro, que lhe permitiu, e ainda hoje permite, que todos os mártires ofereçam livremente suas vidas. A guerra raramente seleciona suas vítimas. Os irmãos que viviam em Les Avellanes em 1936 logo descobriram isso. Obrigados a deixarem a residência para dar lugar a um hospital, conseguiram negociar um acordo para que quem estivesse enfermo pudesse permanecer. Mas esse arranjo teve curta duração. Cinco dias depois, uma ordem vinda do presidente do Comitê Revolucionário ordenava que a casa fosse esvaziada e todos os seus pertences entregues. Em 25 de julho foi celebrada uma missa: para alguns participantes seria a última vez em que estariam unidos em uma celebração

Crisanto morreu sozinho, mas os outros foram executados em conjunto, entre eles os Irmãos Aqilino, Fabian, Felix e Ligorio Pedro, que morreram em Les Avellanes. Fabian era o mais velho; Ligorio Pedro o mais jovem. Nascido em Barcelona em 14 de janeiro de 1876, Fabian recebeu no batismo os nomes de Juan, Jaime e Ramón. Completou seu postulante e noviciado na França, em Saint Paul Trois Chateaux, e começou seu trabalho apostólico em 1891. A profissão perpétua ocorreu seis anos mais tarde, em 1897. Pouco tempo depois foi chamado de volta para a Espanha, onde os irmãos eram necessários.

Fabian é lembrado como um homem especialmente amado por seus alunos. Pessoa simples e gentil, agia como um pai e muitas vezes foi em busca de recursos para ajudar aqueles que não tinham o suficiente. Em agosto de 1935 foi transferido para a enfermaria em Les Avellanes devido a uma doença grave. No ano seguinte, aos sessenta anos de idade, estava entre aqueles que foram enfileirados e fuzilados.

Se o Irmão Fabian estava avançado em anos, o Irmão Ligorio Pedro estava apenas começando sua vida. Nascido em Cisneros de Campo em 13 de maio de 1912, foi-lhe dado no batismo o nome de Hilario. Um tio, sacerdote, ajudou-o em seus estudos, esperando que o rapaz o seguisse no sacerdócio. Mas um chamado à vida marista provou ser mais poderoso. Em 24 de setembro de 1927 Hilario entrou no Juvenato de Carrion de los Condes, centro especializado na preparação de candidatos para as missões.

Continuou seus estudos em Espira de l'Agly, França, e nesse período aperfeiçoou seu conhecimento da língua francesa. Posteriormente mudou-se para Pontos (Gérone) para seguir o postulante. Em 2 de agosto de 1932 professou os primeiros votos e assumiu o nome de Ligorio Pedro. Nessa ocasião foi convocado para serviço militar durante um período de dois anos. Nesse tempo contraiu um tipo de tuberculose que provocava artrite na coluna cervical. Após o serviço militar, foi indicado a passar um ano em Carrion de los Contes para concluir seus estudos, antes de ir trabalhar no México. No entanto,

sua doença se agravou e, a conselho dos médicos, foi transferido para a enfermaria de Les Avellanes em maio de 1936. Quatro meses depois foi tirado de sua cama e executado.

Um terceiro irmão a morrer em Les Avellanes foi Felix Lorenzo. Nascido em agosto de 1906 na aldeia de Las Hormazas, recebeu no batismo os nomes de Lorenzo, Macario e Julian. Entrou para o Juvenato em Arceniega aos 13 anos, fez os primeiros votos em setembro 1923 e a profissão perpétua cinco anos mais tarde. A primeira missão de Felix como professor foi em Murcia, mas seu estado de saúde era frágil e, por isso, em 1930, foi enviado para Zaragoza com a esperança de que uma mudança de clima pudesse ajudá-lo. Diagnosticado por fim como portador de doença cardíaca, ficou à beira da morte em várias ocasiões; em 1931, na enfermaria em Les Avellanes, os médicos lhe deram apenas cinco meses de vida. Sobreviveu, porém, suportando sua doença com humor e humildade, tornando-se útil e realizando as tarefas que sua saúde lhe permitia. No dia 25 de julho de 1836 sofreu grave ataque cardíaco em Les Avellanes, sendo levado ao hospital municipal de Balaguer. Algumas semanas depois foi retirado do hospital e executado.

Aquilino foi o quarto a fazer parte este grupo. Nascido em 29 de setembro de 1903 em Tiurana (Lérida), recebeu no batismo os nomes de Baldo-mero, Miguel e Gerônimo. Aquilino entrou no Juvenato de Vich em 1916, professou os primeiros votos em 8 de setembro de 1920 e aos vinte anos já integrava a equipe do Juvenato. Sua primeira experiência como professor, no entanto, não foi bem sucedida. Como consequência, seus superiores o enviaram para Arceniega, onde seu desempenho como professor melhorou. Na época de sua profissão perpétua em 19 de julho de 1925, os coirmãos de Aquilino observaram seu crescente interesse pela vida espiritual e sua capacidade de integrar sua vida de oração à experiência comunitária e apostólica. Sua dedicação à formação dos juvenistas em Vich levou-o à sua nomeação como auxiliar do mestre de noviços em Les Avellanes. Sua humildade e simplicidade eram notados por todos, contribuindo muito para o seu trabalho como formador. Como mencionado anteriormente, em julho

de 1936, a casa em Les Avellanes foi confiscada e o Irmão Aquilino, com os noviços, foram transferidos para a vizinha aldeia de Vilanova de la Sal. Por fim, ele se mudou com sua família para Tiurana. Mas uma sentença de morte já estava declarada contra ele: não completara ainda 33 anos de idade quando foi executado junto com Fabian, Felix e Ligorio Pedro em 3 de setembro de 1936.

Dois amigos — um leigo casado (Ramon Emiliano Hortelano Gomez) e um irmão (José Julián) — também foram martirizados juntos. Eram muito próximos em vida e assim se mantiveram até a morte. Tornaram-se amigos quando ambos prestavam o serviço militar. Presos pela milícia, foram baleados e, em seguida, tiveram seus corpos encharcados com gasolina e incendiados. Quando os membros de suas famílias foram identificar os corpos, restavam apenas alguns ossos, guardados ainda hoje em uma única urna que se encontra no cemitério de Cuenca.

Esses irmãos e leigos maristas não eram pessoas extraordinárias. Ao contrário, eram pessoas bastante comuns, não muito diferentes de nós. Mas santos, insisto, geralmente são. Viveram esperanças e sonhos, sofreram decepções e dúvidas e enfrentaram os desafios do dia-a-dia. Sem dúvida, apresentavam dons admiráveis, mas também as limitações que afligem todos os membros da família humana. Ao invés de pensar neles como gente diferente de nós, seria mais útil e realista vê-los como pessoas comuns que realizaram ações comuns de um modo extraordinário e com um amor extraordinário. Homens que nos desafiam a viver com a mesma paixão tão evidente em cada um deles. Ao chamá-los de bem-aventurados, não é a morte que comemoramos, mas sim a qualidade de suas vidas.



Com esse espírito dizemos confiantes:

Beato irmão Abdón, rogai por nós;
Beato irmão Adrián, rogai por nós;
Beato irmão Alipio José, rogai por nós;
Beato irmão Anacleto Luis, rogai por nós;
Beato irmão Andrés José, rogai por nós;
Beato irmão Ángel Hipólito, rogai por nós;
Beato irmão Aquilino, rogai por nós;
Beato irmão Aureliano, rogai por nós;
Beato irmão Benedicto Andrés, rogai por nós;
Beato irmão Benedicto José, rogai por nós;
Beato irmão Benigno José, rogai por nós;
Beato irmão Berardo José, rogai por nós;
Beato irmão Bruno José, rogai por nós;
Beato irmão Camerino, rogai por nós;
Beato irmão Cipriano José, rogai por nós;
Beato irmão Colombanus Paul, rogai por nós;
Beato irmão Crisanto, rogai por nós;
Beato irmão Domingo Ciriaco, rogai por nós;
Beato irmão Eduardo María, rogai por nós;
Beato irmão Egberto, rogai por nós;
Beato irmão Eloy José, rogai por nós;
Beato irmão Emiliano José, rogai por nós;
Beato irmão Euquerio, rogai por nós;
Beato irmão Evencio, rogai por nós;
Beato irmão Fabián, rogai por nós;
Beato irmão Feliciano, rogai por nós;
Beato irmão Felipe Neri, rogai por nós;
Beato irmão Félix Amancio, rogai por nós;
Beato irmão Félix Lorenzo, rogai por nós;
Beato irmão Fernando María, rogai por nós;
Beato irmão Gaspar, rogai por nós;
Beato irmão Guzmán, rogai por nós;
Beato irmão Herminio Pascual, rogai por nós;
Beato irmão Javier Benito, rogai por nós;
Beato irmão Jean-Marie, rogai por nós;
Beato irmão Jerónimo, rogai por nós;
Beato irmão Jorge Camilo, rogai por nós;
Beato irmão Jorge Luis, rogai por nós;
Beato irmão José Ceferino, rogai por nós;
Beato irmão José de Arimatea, rogai por nós;
Beato irmão José Teófilo, rogai por nós;
Beato Julián Aguilar, rogai por nós;
Beato irmão Julián José, rogai por nós;
Beato irmão Julián Marcelino, rogai por nós;
Beato irmão Julio Fermín, rogai por nós;
Beato irmão Justo Pastor, rogai por nós;



Beato irmão León Argimiro, rogai por nós;
Beato irmão Ligorio Pedro, rogai por nós;
Beato irmão Luciano, rogai por nós;
Beato irmão Luis Alfonso, rogai por nós;
Beato irmão Luis Damián, rogai por nós;
Beato irmão Luis Daniel, rogai por nós;
Beato irmão Luis Fermín, rogai por nós;
Beato irmão Marino, rogai por nós;
Beato irmão Millán, rogai por nós;
Beato irmão Narciso, rogai por nós;
Beato irmão Néstor Eugenio, rogai por nós;
Beato irmão Pablo Daniel, rogai por nós;
Beato irmão Pedro, rogai por nós;
Beato irmão Pedro Jerónimo, rogai por nós;
Beato Ramón Emiliano Hortelano, rogai por nós;
Beato irmão Roque, rogai por nós;
Beato irmão Severino, rogai por nós;
Beato irmão Teófilo Martín, rogai por nós;
Beato irmão Teógenes, rogai por nós;
Beato irmão Timoteo José, rogai por nós;
Beato irmão Valente José, rogai por nós;
Beato irmão Victorico María, rogai por nós.

NOTA BIBLIOGRÁFICA

- ILLERDEN. ET ALIARUM
Beatificationis seu Declarationis Martyrii
*Servorum Dei Chrysanthi, Aquilini, Cypriani
Joseph et LXIII Sociorum ex Instituto
Fratrum Maristarum a Scholis necnon duorum
Laicorum in odium Fidei, Uti fertur,
Interfectorum (+1936 – 1939)*
Positio super Martyrio, Vol. I, II, III
Roma, 1996
- CORREDERA GUTIÉRREZ, Eduardo,
Páginas de historia marista. España 1936-1939,
Barcelona, 1977
- CORREDERA GUTIÉRREZ, Eduardo,
*Páginas de historia marista. España.
La semana Trágica. 1936-1939,*
Zaragoza, 1980
- MARTÍNEZ CALVO, Inocencio,
*Una comunidad de mártires, hermanos maristas;
convento de Santa Maria de Bellpuig
de las Avellanas, Zaragoza, 1967*
- MORAL BARRIO, Juan J.,
*Hermano Bernardo, marista,
mártir entre los mineros,*
Zaragoza, 1993
- MORAL BARRIO, Juan J.,
*Vidas entregadas; Martirologio marista
de España, 1909-1939,*
Zaragoza, 1997
- SANTAMARÍA, Mariano;
MORAL BARRIO, Juan J.;
ARBEZ, Juan Carlos,
Cien años en la escuela,
Saragoça, 1987
- Conferência Episcopal Espanhola.
Escritório para as Causas dos Santos.
Publicado por María Encarnación
González Rodríguez
*Quiénes son y de dónde vienen.
498 mártires del siglo XX en España,*
Editora EDICE – Madrid 2007
- RUEDA CONTRERAS, P.
Vice-postulador
Artículos de prueba testifical.
Ed. Luis Vives, Madrid, 1966
- ABAURREA OZCOIDI, A.,
Vice-postulador
Víctima por su grey.
Aldecoa, Burgos, 1949
- PUEBLA CENTENO, L.
Mártires maristas madrileños
Polígrafo, Madrid, 2005
- INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS
Mártires del Instituto durante el siglo XX
Polígrafo, Roma, novembro de 1996
- CONGREGATIO DE CAUSIS SANCTORUM
Illerden. et alliarum Relatio et vota
Tipografia Nova Res, Romae, 2012
- BIGOTTO, Giovanni
Nossos modelos de santidade marista
Irmãos Maristas, Roma, 2006.
(também em inglês, francês e espanhol)



MOSTEIRO LAS AVELLANAS



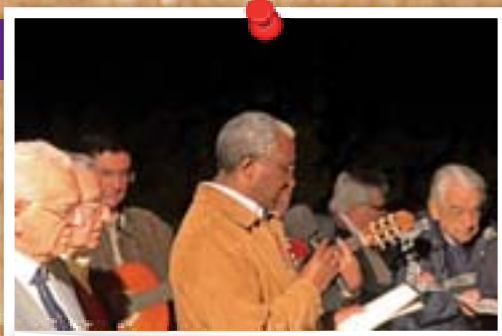
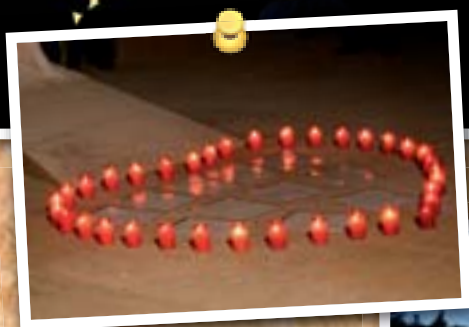
BIAT
CRISANTO GONZÁLEZ
Germà Marista
Mori per Déu
27 d'agost de 1936
Beatificat
13 d'octubre de 2013.



11.10.2013



MOSTEIRO LAS AVELLANAS
11.10.2013





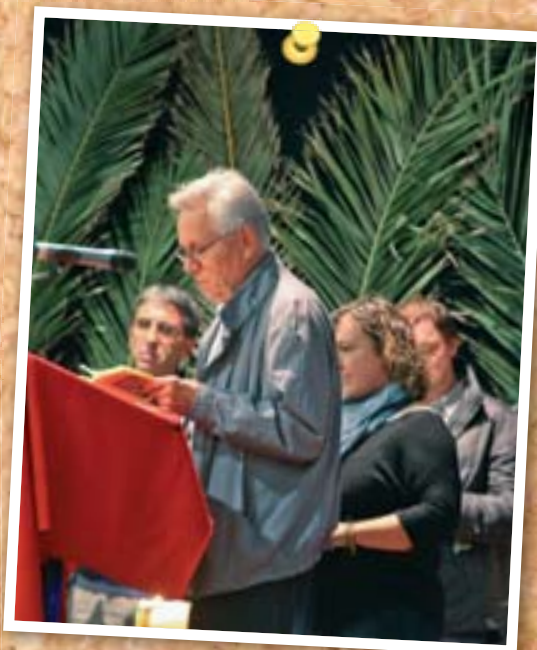
BARCELONA



12.10.2013







TARRAGONA



13.10.2013





ÁLBUM





LITTERAE APOSTOLICAE

Nos, vota Fratrum Nostrorum Iesu Garcia Burillo, Episcopi Abulensis, Alfonsi Milán Sorribas, Episcopi Barbastrensis-Montionensis, Aloisi S.R.E. Cardinalis Martinez Sistach, Archiepiscopi Barcinonensis, Marii Ictea Gavicagognasco, Episcopi Flaviobrigensis, Iosephi Emmanuelis Leca Planes, Episcopi Carthaginensis in Hispania, Antonii Angeli Aigues Hernando, Episcopi Civitatis Regaleris, Demetrii Fernandez González, Episcopi Cordubensis, Iosephi Mariae Yanguas Sans, Episcopi Conchensis, Raimondi del Hoyo López, Episcopi Giennensis, Iohannis Pielu Frigola, Episcopi Ierdensis, Antonii Mariae S.R.E. Cardinalis Rosco Varela, Archiepiscopi Matritensis, Iesu Stephani Catalá Ibáñez, Episcopi Malacitani, Salvatoris Giménez Valls, Episcopi Minoricensis, Atiliani Rodríguez Martínez, Episcopi Segastini-Guadalajarensis, Iacobi Pujol Balcells, Archiepiscopi Tarracensis, Iosephi Angeli Salt Meneses, Episcopi Terrasentis, Caroli Emmanuelis Escrivano Subías, Episcopi Terolensis et Albaracincensis, Brasili Rodríguez Plaza, Archiepiscopi Toletani, Henrici Benavent Vidal, Episcopi Dentensis, Caroli Osoro Sierra, Archiepiscopi Valentini, necnon plurimos aliorum Fratrum in Episcopatu multorumque Christianissimum exultantes, de Congregationis de Causis Sanctorum consulto, auctoritate Nostra Apostolica facultatem facimus ut Venstrabiles Servi Dei: Iosephus Maximus Moya Britz et IV Socii, presbyteri diocesanii; Maturo Palazziolo Maruri et XVII Socii, ex Ordine Sancti Benedicti; Iacobus Puig Mirra et XVIII Socii, e Congregatione Filiorum Sacrae Familiae Iesu, Mariae et Iosephi, necnon Sebastianus Llorens Talarroja, laicus;

Maria Solanas) e Sancti Maria Socii Raimon Ant Her Carr Jo En V C I le

Soli presbyteri: Marianus Alcalá Pérez et XVIII Socii, ex Ordine Beatae Mariae virginis Mercede Redemptionis Captivorum; Chrysanthus (in saeculo: Casimirus González García), Aquilinus, Cyprianus Iosephus et LXIII Socii, ex Instituto Fratrum Maristarum a Scholis;

BEATIFICACIÓN AÑO DE LA FE TARRAGONA 2013



et Iulianus Aguilar Martis, (el Sanz Dominguez), (santi Hieronymi; as González González) Capuccinorum; presbyteri profusi e non adorationis perpetuae ine Carmelitarum ab Eribaldos et XV Socii, ex

marum Christianorum; (de Solá Garriga) et XVIII Socii, ex tan, necnon Antonius Matus S. Gerontii; et

Chrysanthus (in saeculo: Casimirus González García), Aquilinus, Cyprianus Iosephus et LXIII Socii, ex Instituto Fratrum Maristarum a Scholis;

Tommaso Sordani e Parro. Episcopus Auxiliaris Tarracensis, Agapitus Mollerius (in saeculo: Modestas Florentina Falguera), ex Instituto Fratrum Scholarum Christianorum, et CXLV Socii, presbyteri et Seminarii almasi

anno Domini bis millesimo... Pontificatus Nostri primo.

Franciscus